

NOVA VERSÃO INTERNACIONAL

BÍBLIA
DE ESTUDO
Arqueológica
NVI

FAÇA UMA JORNADA VISUAL
ATRAVÉS DA VIDA E DOS
TEMPOS BÍBLICOS



Novo

Testamento

AUTOR, LUGAR E DATA DA REDAÇÃO

A tradição atribui a autoria deste evangelho ao apóstolo Mateus, embora tenha havido intenso debate em torno de uma declaração dos pais da Igreja, Papias (ca. 130), que sobrevive apenas em Eusébio (História eclesiástica, 3.39.16). Normalmente, ela é traduzida (em parte) assim: “Mateus colecionou os oráculos [logia] no idioma hebraico [hebraidi dialektō]”. Durante várias gerações, a maioria dos estudiosos entendeu que Papias alegava que Mateus havia composto um evangelho em hebraico formado em sua maior parte de uma coleção das declarações ou “oráculos” de Jesus. O evangelho de Mateus como o temos hoje, escrito em grego, era supostamente uma tradução expandida do texto hebraico. Alguns até diziam que Mateus havia recorrido à hipotética fonte Q (ver “O problema sinótico e ‘Q’”, p. 11).

No entanto, investigações mais recentes indicam que essa teoria pode ser equivocada. *Logia* provavelmente significa um “discurso”, enquanto *hebraidi dialektō* talvez signifique apenas “no estilo judaico”, não “no idioma hebraico”.

Também houve muito debate quanto à datação do evangelho de Mateus. Muitos pensam que ele foi escrito entre 70 e 80 d.C., embora alguns sugiram uma data muito mais antiga (anos 50 ou 60). A natureza judaica do evangelho de Mateus pode ser indicativa de que o livro foi escrito na Terra Santa, entretanto muitos acreditam que ele surgiu na Antioquia da Síria.

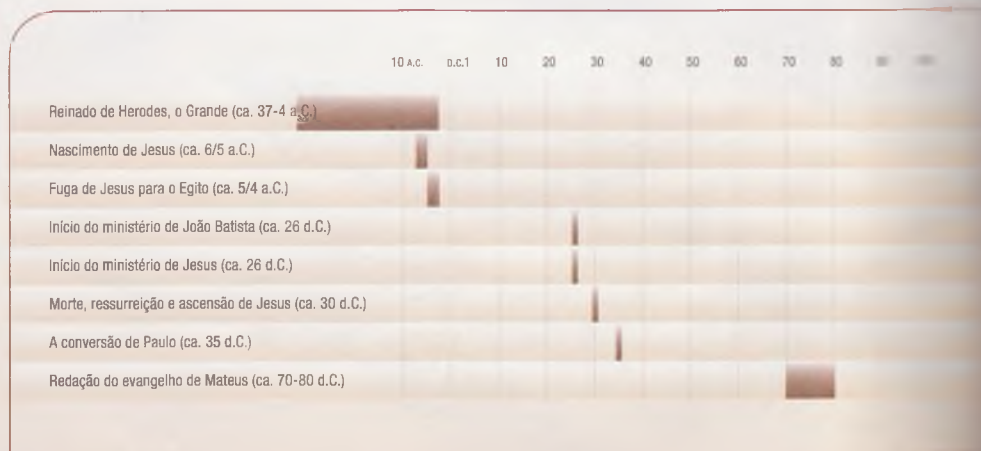
DESTINATÁRIO

Os leitores originais de Mateus eram predominantemente judeus que já criam em Jesus e o confessavam como Filho de Deus (Mt 16.16; 27.54).

FATOS CULTURAIS E DESTAQUES

O propósito de Mateus era provar ao povo judeu que Jesus era o Messias: 1) ressalta que Jesus é o cumprimento da profecia de Isaias 1.22,23; 2.15); 2) usa terminologia judaica, como “reino de céu”; 3) conta a história de Jesus como uma repetição da história de Israel: Jesus saiu do Egito — análogo ao Êxodo; atravessou o Jordão — análogo ao mar Vermelho; sofreu no deserto — análogo à tentação no deserto; proclamou sua lei numa montanha — análogo ao Sinai, e assim por diante); 4) traça a ascendência de Jesus até Davi e prefere o título messiânico “Filho de Davi”, em vez de “Filho de Deus” (como no evangelho de João).

LINHA DO TEMPO



ENQUANTO VOCÊ LÊ

Observe o estilo sistemático, porém artístico, de Mateus. Ele não conta a história de Jesus numa sequência cronológica linear, mas agrupa os fatos de maneira temática. Note as várias ocorrências da expressão “reino de céu” e atente para o que Jesus significa ao dizer “reino de céu”, o significado de ser um cidadão desse Reino.

VOCÊ SABIA?

- Não existia relação sexual durante o período de noivado judaico, contudo era um relacionamento muito mais estável que um compromisso moderno: só podia ser rompido por meio do divórcio (1.18).
- Quem morava no deserto não hesitava em comer insetos, e o gafanhoto estava entre os alimentos cerimonialmente limpos, que os judeus eram livres para comer (3.4).
- O sal utilizado em Israel vinha quase todo do mar Morto e era cheio de impurezas, o que implicava perda do sabor (5.13).
- Nos tempos antigos, o povo costumava esconder coisas de valor no campo (e.g., para evitar o saque quando um exército se aproximava), uma vez que não existiam bancos (13.44).
- Pisar numa sepultura significava tornar-se impuro cerimonialmente, por isso os túmulos eram caiados, a fim de serem vistos com facilidade, principalmente à noite (23.27).

TEMAS

O evangelho de Mateus inclui os seguintes temas:

1. *Jesus, o Messias*. Mateus ensina que Jesus é o cumprimento das promessas do AT, especialmente a vinda do Messias (Rei).
2. *Retidão*. Os cidadãos do Reino dos céus são chamados para ser justos, e os assuntos éticos são recorrentes em Mateus. As primeiras palavras de Jesus registradas neste evangelho dizem respeito à justiça (3.15), e ele exige que seus discípulos invistam seus tesouros no Reino de Deus, não em posses terrestres. O amor ao próximo também é enfatizado.
3. *A comissão do cristão*. Em seus versículos finais (28.16-20), Mateus revela o plano para a expansão do Reino dos céus. Os cristãos devem ser “sal” e “luz” (5.13-16), espalhando as boas-novas do Reino por todo o mundo.

SUMÁRIO

- I. A infância de Jesus (1 e 2)
- II. O início do ministério de Jesus (3.1—4.11)
 - A. João Batista (3)
 - B. A tentação (4.1-11)
- III. Ministério de Jesus na Galileia (4.12—14.12)
 - A. Início de seu ministério (4.12-25)
 - B. O Sermão no Monte (5—7)
 - C. Milagres (8 e 9)
 - D. Ministério (10.1—14.12)
- IV. Ministério em outras regiões (14.13—17.21)
- V. Jesus retorna para a Galileia (17.22—18.35)
- VI. Ministério de Jesus na Judeia e na Pereia (19 e 20)
- VII. Semana da paixão (21-27)
 - A. A entrada triunfal (21.1-11)
 - B. A purificação do templo (21.12-17)
 - C. Perguntas dos líderes judeus (21.18—23.39)
 - D. O Sermão Profético (24 e 25)
 - E. A unção dos pés de Jesus (26.1-13)
 - F. Prisão, julgamentos e morte de Jesus (26.14—27.66)
- VIII. A ressurreição (28)

A Genealogia de Jesus (Lc 3.23-38)

1 Registro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi,^a filho de Abraão:^b

- ² Abraão gerou Isaque;^c
 Isaque gerou Jacó;^d
 Jacó gerou Judá e seus irmãos;^e
³ Judá gerou Perez e Zerá,
 cuja mãe foi Tamar;^f
 Perez gerou Esrom;
 Esrom gerou Arão;
⁴ Arão gerou Aminadabe;
 Aminadabe gerou Naassom;
 Naassom gerou Salmom;
⁵ Salmom gerou Boaz,
 cuja mãe foi Raabe;
 Boaz gerou Obede,
 cuja mãe foi Rute;
 Obede gerou Jessé;
⁶ e Jessé gerou o rei Davi.^g

1.1 ²Sm 7.12-16;
 Is 9.6.7; 11.1;
 Jr 23.5.6; Mt 9.27;
 Lc 1.32.69;
 Rm 1.3; Ap 22.16;
³Gn 22.16; Gl 3.16
 1.2 ⁴Gn 21.3.12;
⁵Gn 25.26;
⁶Gn 29.35
 1.3 ⁷Gn 38.27-30

Davi gerou Salomão, cuja mãe tinha sido mulher de Urias;^h

- ⁷ Salomão gerou Roboão;
 Roboão gerou Abias;
 Abias gerou Asa;
⁸ Asa gerou Josafá;
 Josafá gerou Jorão;
 Jorão gerou Uzias;
⁹ Uzias gerou Jotão;
 Jotão gerou Acaz;
 Acaz gerou Ezequias;
¹⁰ Ezequias gerou Manassés;ⁱ
 Manassés gerou Amom;
 Amom gerou Josias;

1.6 ¹Sm 16.1;
 17.12; ²Sm 12.24

¹¹ e Josias gerou Jeconias^a e seus irmãos no tempo do exílio na Babilônia.^j

1.10 ²Rs 20.21;

¹² Depois do exílio na Babilônia:

- Jeconias gerou Salatiel;^k
 Salatiel gerou Zorobabel;^l
¹³ Zorobabel gerou Abiúde;
 Abiúde gerou Eliaquim;
 Eliaquim gerou Azor;
¹⁴ Azor gerou Sadoque;
 Sadoque gerou Aquim;
 Aquim gerou Eliúde;
¹⁵ Eliúde gerou Eleazar;
 Eleazar gerou Matã;
 Matã gerou Jacó;

1.11 ²Rs 24.14-16; Jr 27.20;
 On 1.1.2
 1.12 ¹Cr 3.17;
¹Mt 3.19; Ed 3.2

¹⁶ e Jacó gerou José, marido de Maria,^m da qual nasceu Jesus, que é chamado Cristo.ⁿ

1.16 ^mLc 1.27;
ⁿMt 27.17

¹⁷ Assim, ao todo houve catorze gerações de Abraão a Davi, catorze de Davi até o exílio na Babilônia, e catorze do exílio até o Cristo^b.

^a 1.11 Isto é, Joaquim; também no versículo 12.

^b 1.17 Ou *Messias*. Tanto *Cristo* (grego) como *Messias* (hebraico) significam *Ungido*; também em todo o livro de Mateus.

1.1 Os hebreus mantinham extensos registros da ascendência da família (cf. 1Cr 1—9), que eram usados para propósitos práticos e legais, como estabelecer o patrimônio, a herança, a legitimidade e os direitos de uma pessoa (ver “Genealogias no Antigo Israel”, em Mt 1). Lucas segue o método tradicional, traçando a linhagem pelo sexo masculino (Lc 3.23-38),

porém Mateus inclui cinco mulheres (Bate-Seba não é nomeada, apenas identificada por descrição), três das quais eram estrangeiras.

1.17 No NT, a palavra “geração” traduz quatro palavras gregas, e todas se referem à descendência: 1) *genea*, encontrada com maior frequência nos Evangelhos Sinóticos ([ou paralelos]: Mateus, Marcos e Lucas,

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Genealogias no antigo Israel

MATEUS 1 Nas sociedades organizadas em torno do parentesco, as genealogias (listas de nomes que traçam a ascendência de um determinado indivíduo ou grupo) são como registros públicos que documentam a história, estabelecem identidade e/ou legitimam cargos. A chave para a legitimidade e a identidade é um laço familiar direto e irrefutável com o passado. A lista pode ascender do indivíduo, usando a fórmula “x filho de y, filho de z...” (1Cr 6.33-43; Ed 7.1-5; Lc 3.23-38) ou descer de um antepassado comum, usando o padrão “x era o pai de y, y o pai de z...” (Gn 5.1-32; Rt 4.18-22; Mt 1.1-17). Os dois tipos básicos de genealogias podem ser combinados (cf. v. 1 e v. 2-17). Além disso, as listas genealógicas podem conter uma simples sucessão de nomes ou ser completados com um conteúdo ampliado relativo às ações de certos indivíduos proeminentes na lista.¹

As genealogias retratam notavelmente a história anterior e posterior de Israel. Há somente dez listas genealógicas principais em Gênesis, (e.g., o “registro da descendência de Adão”, Gn 5.1). Esses registros servem para estabelecer e proteger a identidade, regulando uma variedade de interações sociais, inclusive casamento e propriedade de terras (Dt 25.5-10; Ed 10.18-

43).² Dessa maneira, o registro das famílias que tinham voltado de exílio era uma preocupação durante o **período pós-exílico**³ (1Cr 1—9; Ed 8.2-14; Ne 7.7-63).⁴ As ge-

tário. Por exemplo, o sacerdócio era assegurado aos filhos de Levi (Ex 6.16-26; Nm 3.10; 1Cr 6.1-53),⁵ enquanto a realeza era reservada aos descendentes de Judá (Gn 49.10), mais especificamente ao filho de Davi (2Sm 7.12-16; Sl 89.29; Is 9.7; 11.1-3).

Na época do NT, armazenavam-se certos registros genealógicos num arquivo público no monte do Templo, enquanto outros eram mantidos por famílias particulares. Os pregadores cristãos primitivos redefiniram radicalmente a descendência genealógica, considerando todos que se identificavam com Jesus como descendentes verdadeiros e legais de Abraão, os “herdeiros segundo a promessa” (Gl 3.29; cf. Mt 3.9; Jo 8.33,39; Rm 4.16).⁶

O NT preserva duas listas genealógicas apropriadas, ambas as quais apresentam a ascendência humana de Jesus, o Filho de Davi (Mt 1.1-17; Lc 3.23-38). As duas listas são diferentes, e as razões para essas variações são muito debatidas. Talvez o registro em Lucas preserve a árvore familiar biológica de José, enquanto em Mateus registra-se a linhagem legal da descendência que autenticou a reivindicação de José (e Jesus) ao trono de Davi. Outros entendem que a genealogia em Mateus seja de José, enquanto Lucas registra a descendência de Maria.



Página de abertura do evangelho de Mateus nos Evangelhos de
Liesborn (Alemanha, séc. X d.C.)

© The Schøyen Collection; cortesia do sr. Martin Schøyen

nealogias eram especialmente importantes no Israel antigo porque o direito de ocupar cargos importantes era um privilégio heredi-

¹Ver também “A Lista de reis sumérios”, em Gn 5. 2080 para as definições das palavras em negrito. 2Cr 24. ⁶Ver “Adoção no mundo romano”, em Rm 8.

²Ver também “Direitos do primogênito”, em Gn 25; e “Casamento por levirato”, em Gn 38.

³Ver “O período pós-exílico do Antigo Testamento: o período persa”, em Ne 7. ⁵Ver “Os levitas e os sacerdotes”, em

O Nascimento de Jesus Cristo (Lc 2.1-7)

¹⁸ Foi assim o nascimento de Jesus Cristo: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José, mas, antes que se unissem, achou-se grávida pelo Espírito Santo.^a ¹⁹ Por ser José, seu marido, um homem justo, e não querendo expô-la à desonra pública, pretendia anular o casamento^b secretamente.

1.18 *Lc 1.35

1.19 *Dt 24.1

²⁰ Mas, depois de ter pensado nisso, apareceu-lhe um anjo do Senhor em sonho e disse: “José, filho de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi gerado procede do Espírito Santo.

²¹ Ela dará à luz um filho, e você deverá dar-lhe o nome de Jesus^{a, c}, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados”.^f

1.21 *Lc 1.31;
*Lc 2.11; At 5.31;
13.23,281.23 *Is 7.14;
8.8,10

²² Tudo isso aconteceu para que se cumprisse o que o Senhor dissera pelo profeta: ²³ “A virgem ficará grávida e dará à luz um filho, e o chamarão Emanuel”^{bs}, que significa “Deus conosco”.

²⁴ Ao acordar, José fez o que o anjo do Senhor lhe tinha ordenado e recebeu Maria como sua esposa. ²⁵ Mas não teve relações com ela enquanto ela não deu à luz um filho. E ele lhe pôs o nome de Jesus.^t

1.25 *Lc 2.1

A Visita dos Magos

2 Depois que Jesus nasceu em Belém da Judeia,^u nos dias do rei Herodes,^v magos vindos do oriente chegaram a Jerusalém ² e perguntaram: “Onde está o recém-nascido rei dos judeus?”^w Vimos a sua estrela^x no oriente^c e vimos adorá-lo”.

2.1 *Lc 2.4-7;
*Lc 1.5
2.2 *Jr 23.5;
Mt 27.11; Mc 15.2;
Jo 1.49; 18.33-37;
*Nm 24.17

³ Quando o rei Herodes ouviu isso, ficou perturbado, e com ele toda Jerusalém. ⁴ Tendo reunido todos os chefes dos sacerdotes do povo e os mestres da lei, perguntou-lhes onde deveria nascer o Cristo. ⁵ E eles responderam: “Em Belém^y da Judeia; pois assim escreveu o profeta:

2.5 *Jo 7.42

6 “Mas tu, Belém, da terra de Judá, de forma alguma és a menor
em meio às principais cidades de Judá;
pois de ti virá o líder que, como pastor, conduzirá
Israel, o meu povo”^d.”^z

2.6 *2Sm 5.2;
Mq 5.2

⁷ Então Herodes chamou os magos secretamente e informou-se com eles a respeito do tempo exato em que a estrela tinha aparecido. ⁸ Enviou-os a Belém e disse: “Vão informar-se com exatidão sobre o menino. Logo que o encontrarem, avisem-me, para que eu também vá adorá-lo”.

^a 1.21 *Jesus* é a forma grega de *Josué*, que significa *o Senhor salva*.

^b 1.23 Is 7.14

^c 2.2 *Ou estrela quando se levantava*; também no versículo 9.

^d 2.6 Mq 5.2

significando as linhas de descendência de um antepassado (e.g., nesse versículo), todos os seres humanos que vivem num determinado período (e.g., 11.16), uma classe de pessoas caracterizada por certas qualidades (e.g., 12.39) ou um período de tempo (At 13.36; Cl 1.26); 2) *genesis*, em Mt 1.1, como título para os versículos de 2 a 17, usado para significar “genealogia”; 3) *gennema*, na frase “raça de víboras” (3.7; 12.34; 23.33; Lc 3.7); 4) *genos*, significando “raça” (1Pe 2.9; “geração”, *KJV*).

1.18 Não existia relação sexual durante o período de noivado judaico, contudo era um relacionamento muito mais estável que um compromisso moderno: só podia ser rompido por meio do divórcio. O versículo 20 deixa claro que Maria e José estavam legalmente ligados um ao outro, entretanto ainda não viviam juntos como marido e mulher (ver “Casamento e divórcio no antigo Israel”, em Mt 12).

1.19 Em Dt 22.24, a noiva é chamada “esposa”, embora o verso anterior fale dela como sendo “uma jovem [virgem] prometida em casamento”. Durante o período do noivado, a infidelidade sexual era considerada adúltero, e a penalidade era a morte por apedrejamento (Lv 20.10; Dt 22.23,24). José planejou um divórcio em segredo: a única escolha que lhe permitiria manter a retidão pessoal, de acordo com a Lei, e ainda salvar Maria da desgraça pública e possível morte.

1.20 Ver “Oráculos sobre sonhos no mundo antigo”, em Jó 4.

1.21 Para mais informações sobre Jesus como Salvador, ver nota em Lc 2.11.

2.1-12 A palavra *epiphany*, que não é encontrada na Bíblia, deriva de um termo grego que significa “manifestação”. A palavra indicava originariamente um banquete para celebrar o batismo de Jesus (3.16,17) — e ainda é assim nas igrejas ortodoxas orientais. De modo semelhante, o Senhor “revelou assim a sua glória” no primeiro milagre que realizou, em Caná da Galiléia (Jo 2.11). No entanto, desde o quarto século, a epifania está relacionada com a manifestação que Cristo fez de si mesmo aos magos, os primeiros gentios que creram nele (Mt 2.1-12). Na Inglaterra, tornou-se habitual o monarca oferecer ouro, mirra e incenso na Capela Real todos os anos, no dia 6 de janeiro, data em que a festa é observada.

2.1 Belém, aldeia situada cerca de 8 quilômetros ao sul de Jerusalém (ver “Belém”, em Mq 5; e “O lugar do nascimento de Jesus”, em Lc 2), é chamada “Belém da Judeia”, para distingui-la da cidade de Belém situada cerca de 11 quilômetros a noroeste de Nazaré.

Originariamente uma casta religiosa dos persas, os magos dedicavam-se à astrologia, à adivinhação e à interpretação de sonhos. Isso levou a uma extensão no significado da palavra, e no século I a.C. os termos “mago” e “caldeu” eram geralmente aplicados a videntes e aos expoentes dos cultos religiosos esotéricos do mundo mediterrâneo. “Mago” ou “feiteceiro” é o título dado a Simão em At 8.9, para Barjesus em At 13.6 e para Elimas em At 13.8. A lenda dos “três reis” é tardia e medieval.

Os magos eram provavelmente da Pérsia ou do sul da Arábia, no lado leste da Terra Santa. Herodes (ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3) ficou “perturbado” (v. 3) com a informação dos magos, pois ele sabia que não era o herdeiro legítimo do trono de Israel, uma vez que havia usurpado o poder por meio de uma aliança política com Roma. A visita dos magos deve ter despertado nele o receio de que o Oriente invadisse ou se unisse a outras forças políticas de Israel a fim de substituí-lo por um rei da verdadeira linhagem do aguardado Messias. Os líderes religiosos eram aliados de Herodes. Se sua base de poder fosse ameaçada, a deles também estaria em risco.

2.2 A “estrela” talvez não fosse uma estrela normal, um planeta ou um cometa, porém alguns intérpretes a identificam como a conjunção de Júpiter e Saturno ou com outro fenômeno astronômico.

2.4 Os chefes dos sacerdotes eram encarregados da adoração no templo em Jerusalém, o grupo era composto pelo sumo sacerdote reinante, Caifás; o sumo sacerdote anterior, Anás; as famílias dos sumos sacerdotes, todos membros Sinédrio — o conselho judaico (ver “O Sinédrio”, em At 23). Os “mestres da lei” eram os estudiosos judeus da época, profissionais do desenvolvimento, ensino e aplicação da Lei. Sua autoridade era estritamente humana e tradicional. Também eram membros do Sinédrio.

⁹ Depois de ouvirem o rei, eles seguiram o seu caminho, e a estrela que tinham visto no oriente foi adiante deles, até que finalmente parou sobre o lugar onde estava o menino. ¹⁰ Quando tornaram a ver a estrela, encheram-se de júbilo. ¹¹ Ao entrarem na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram. ¹² Então abriram os seus tesouros e lhe deram presentes: ^a ouro, incenso e mirra. ¹³ E, tendo sido advertidos ^c em sonho ^d para não voltarem a Herodes, retornaram a sua terra por outro caminho.

2.11 ^aIs 60.3;
^bSl 72.10
2.12 ^cHb 11.7;
^dvv. 13,19,22;
Mt 27.19

A Fuga para o Egito

¹³ Depois que partiram, um anjo ^e do Senhor apareceu a José em sonho ^f e lhe disse: “Levante-se, tome o menino e sua mãe, e fuja para o Egito. Fique lá até que eu diga a você, pois Herodes vai procurar o menino para matá-lo”.

¹⁴ Então ele se levantou, tomou o menino e sua mãe durante a noite e partiu para o Egito, ¹⁵ onde ficou até a morte de Herodes. E assim se cumpriu o que o Senhor tinha dito pelo profeta: “Do Egito chamei o meu filho” ^{a,g}.

¹⁶ Quando Herodes percebeu que havia sido enganado pelos magos, ficou furioso e ordenou que matassem todos os meninos de dois anos para baixo, em Belém e nas proximidades, de acordo com a informação que havia obtido dos magos. ¹⁷ Então se cumpriu o que fora dito pelo profeta Jeremias:

18 “Ouviu-se uma voz em Ramá,
choro e grande lamentação;
é Raquel que chora por seus filhos
e recusa ser consolada,
porque já não existem” ^{b,h}.

A Volta para Israel

¹⁹ Depois que Herodes morreu, um anjo do Senhor apareceu em sonho ⁱ a José, no Egito, ²⁰ e disse: “Levante-se, tome o menino e sua mãe e vá para a terra de Israel, pois estão mortos os que procuravam tirar a vida do menino”.

²¹ Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe e foi para a terra de Israel. ²² Mas, ao ouvir que Arquelau estava reinando na Judeia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Tendo sido avisado em sonho, ^j retirou-se para a região da Galileia ^k ²³ e foi viver numa cidade chamada Nazaré. ^l Assim cumpriu-se ^m o que fora dito pelos profetas: “Ele será chamado Nazareno” ^{c,n}.

João Batista Prepara o Caminho (Mc 1.2-8; Lc 3.1-18)

3 Naqueles dias, surgiu João Batista, ^o pregando no deserto da Judeia. ² Ele dizia: “Arrependam-se, pois o Reino dos céus ^p está próximo”. ³ Este é aquele que foi anunciado pelo profeta Isaías:

“Voz do que clama no deserto:
‘Preparem ^d o caminho para o Senhor,
façam veredas retas para ele’” ^{e,q}.

^a 2.15 Os 11.1.

^b 2.18 Jr 31.15.

^c 2.23 Provável referência a textos como Is 11.1, no hebraico.

^d 3.3 Ou *que clama: ‘No deserto preparem.*

^e 3.3 Is 40.3.

2.19 v. 12,13,22

2.22 v. 12,13,19;
Mt 27.19; ^kLc 2.39

2.23 ^lLc 1.26;
Jo 1.45, 46;
^mMt 1.22;
ⁿMc 1.24

3.1 ^oLc 1.13,57-
66; 3.2-19
3.2 ^pDn 2.44;
Mt 4.17; 6.10;
Lc 11.20; 21.31;
Jo 3.3,5; At 1.3,6
3.3 ^qIs 40.3.
Mt 3.1; Lc 1.76;
Jo 1.23

2.11 Os presentes dos magos (ouro, incenso e mirra) eram na época os artigos mais valiosos, transportáveis e comerciáveis, ideais para sustentar Maria e José em outra cidade (v. 14). A mirra talvez seja o alabastro, resina aromática destilada das folhas da flor de cisto. Seu óleo era usado em tratamentos de beleza e às vezes misturado com vinho ou outra bebida para aliviar a dor (ver “Incenso”, em Jr 11).

2.12 Ver “Oráculos sobre sonhos no mundo antigo”, em Jó 4.

2.16 O número de mortos às vezes é exagerado até os milhares. Entretanto, numa aldeia pequena como Belém, o número real não podia ser grande — o que não diminui a brutalidade do crime.

2.22 Arquelau, um dos filhos de Herodes, o Grande, governou a Judeia e Samaria dez anos (4 a.C.-6 d.C.). Cruel e tirânico, foi deposto depois que a Judeia se tornou província romana e passou a ser administrada por governadores designados pelo imperador (ver “O período pós-exílico do Antigo Testamento: os períodos romano e herodiano”, em Ne 7; “Os sucessores de Herodes e as conturbadas relações entre Roma e os judeus”, em Mc 4; “O governador romano”, em At 25).

2.23 A palavra “nazareno” deriva de Nazaré, cidade natal de Jesus, por isso muitas vezes chamado por esse nome. Usado pelos seus discípulos e pelos que conviviam com ele, o termo tinha um significado amigável (At 2.22; 3.6; 10.38). Na realidade, Jesus aplicou o termo a si mesmo (At 22.8). Nos lábios dos inimigos, porém, era um título de desprezo (Mt 26.71; Mc 14.67). Não está muito claro o que Mateus pretende aqui. Pensa-se que ele está recorrendo a Is 11.1, em que o Messias é comparado a um *netzer* (“renovo”) que brota da raiz de Jessé. O nome Nazaré pode ser derivado da mesma palavra. Mateus viu o cumprimento da profecia de Isaías nos pais de Jesus, que residiram em Nazaré (ver “Nazaré”, em Mc 1).

3.1 O deserto da Judeia era uma área que se estendia cerca de 32 quilômetros do planalto de Jerusalém-Belém até o rio Jordão e o mar Morto — talvez a mesma região em que João Batista viveu (cf. Lc 1.80). A comunidade de Qumran também se estabeleceu nessa área (ver “Qumran e o Novo Testamento”, em Lc 6; e “Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos”, em Mt 23).



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Batismo no mundo antigo

MATEUS 3 A imersão ritual em água, ou seja, o batismo, era um forte símbolo religioso e muito usado no judaísmo antigo.¹ Essa cerimônia sacramental foi ordenada para representar a purificação e a remoção dos pecados. Às vezes, era usada também como rito de iniciação para consagrar uma mudança de estado ou a conversão.

✦ No AT, os ritos de imersão eram associados com a preservação da pureza ritual, especialmente para os sacerdotes (Lv 15; 16.4,24).²

✦ Durante o período do NT, a água em si e a imersão em água eram, no judaísmo farisaico, os meios primários pelos quais a impureza ritual era afastada (Mt 15.2; Jo 2.6).³

✦ O batismo era praticado pela comunidade essênia de **Qumran** como um ato simbólico, pelo qual alguém era “feito santo pelas águas do arrependimento” (1QS 3.9).⁴

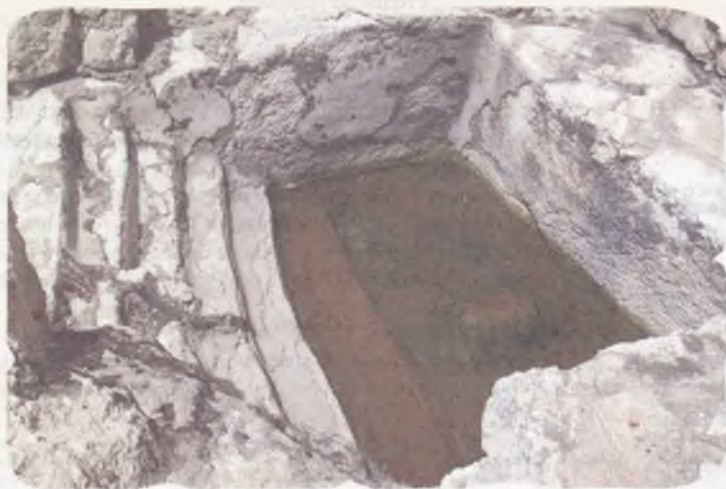
✦ No século I d.C., alguns grupos vinculados ao judaísmo começaram a praticar o batismo de prosélitos, rito que exigia a conversão, além da circuncisão dos homens. Só então a pessoa passava pela imersão num banho ritual antes de ser recebida na comunidade.⁵

✦ A purificação por imersão em banhos rituais era exigida de todos os judeus, a fim de que preservassem o estado de pureza sem o qual não poderiam entrar no templo nem participar de suas festas principais (Nm 9.10; Jo 11.55; At 21.24-27; Josefo, *Guerras dos judeus*, 1.11.6).⁶

✦ Vários tanques rituais judaicos, ou *miqvaot* (no singular, *mikveh*), foram escavados em Jerusalém, Jericó e em outros lugares. Pela lei rabínica, tinham de comportar pelo menos 60 galões (227 litros) de água e ser fundos o bastante para imergir o corpo completamente.

No desenvolvimento do cristianismo, o rito do batismo adquiriu importância fundamental. O batismo em água passou a ser o ato simbólico principal, exigido por João durante sua pregação preparatória no deserto (Mt 3; Mc 1.4). Ele foi divinamente comissionado para esse ato e depois recebeu o epíteto “o batista” (Mt 3.1; Josefo, *Antiguidades judaicas* 18.5.2). João convidava seus ouvintes ao batismo, levando em conta o

importante da conversão, exigindo o batismo “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Sant” (Mt 28.19). Outros textos do NT registram leves variações nos termos da fórmula batismal, como “em nome de Jesus Cristo” (At 2.38; 10.48), “em nome do Senhor Jesus” (At 8.16; 19.5) ou simplesmente “em Cristo” (Gl 3.27). O lugar do batismo no cristianismo primitivo ocasionou reflexões contínuas por parte de vários autores do NT sobre o signi-



Tanque ritual judaico (*mikveh*)

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

advento iminente do juízo de Deus sobre a terra (Mt 3.5,6; Lc 3.17). Seu batismo evocou imagens proféticas de lavagem com água para perdão, purificação e arrependimento, característicos da era messiânica (Jr 31; Ez 36.25; Zc 13.1).

Os Evangelhos apresentam o batismo de João como um precursor necessário do ministério público de Jesus, que batizaria “com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3.11; ver Mc 1.8; Jo 1.33). O Jesus ressuscitado sancionou esse ato sacramental como um aspecto

ficado desse ato simbólico. No cânon do NT, o batismo é visto como a identificação simbólica do cristão com a morte e ressurreição de Jesus (Rm 6; Cl 2.12), pelo qual o crente se torna “revestido de Cristo” (Gl 3.27), sendo também uma expressão clara de arrependimento diante de Deus (1Pe 3.21).⁷

¹Ver “Banho”, em 2Sm 11.

²Ver “Pureza ritual em Israel e no antigo Oriente Médio”, em Lv 10.

³Ver “Os fariseus”, em Mt 5.

⁴Ver também “Os zelotes e os essênios”, em Mt 10; “Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos”, em Mt 23; “Qumran e o Novo Testamento”, em Lc 6.

⁵Ver “Os prosélitos no judaísmo do segundo templo”, em At 6.

⁶Ver também “Sacerdócio judaico e vida religiosa no século I d.C.”, em Lc 18.

⁷Ver também “Batismo pelos mortos”, em 1Co 15.

3.4 2Rs 1.8;
Lc 11.22

⁴ As roupas de João eram feitas de pelos de camelo, e ele usava um cinto de couro na cintura.¹ O seu alimento era gafanhotos² e mel silvestre. ⁵ A ele vinha gente de Jerusalém, de toda a Judeia e de toda a região ao redor do Jordão. ⁶ Confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão.

3.7 Mt 12.34;
23.33; Rm 1.18;
1Ts 1.10
3.8 Mt 26.20

⁷ Quando viu que muitos fariseus e saduceus vinham para onde ele estava batizando, disse-lhes: “Raça de víboras!¹ Quem deu a vocês a ideia de fugir da ira que se aproxima?”² ⁸ Deem fruto que mostre o arrependimento!³ ⁹ Não pensem que vocês podem dizer a si mesmos: ‘Abraão é nosso pai’. Pois eu digo que destas pedras Deus pode fazer surgir filhos a Abraão. ¹⁰ O machado já está posto à raiz das árvores, e toda árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo.”⁴

3.10 Mt 7.19;
Lc 13.6-9;
Jo 15.2.6

3.11 Mt 1.8;
1Ts 4.4; At 2.3.4
3.11 Mt 1.8;
1Ts 4.4; At 2.3.4
3.12 Mt 13.30

¹¹ “Eu os batizo com^a água para arrependimento. Mas depois de mim vem alguém mais poderoso do que eu, tanto que não sou digno nem de levar as suas sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo^x e com fogo.^y ¹² Ele traz a pá em sua mão e limpará sua eira, juntando seu trigo no celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga.”^z

O Batismo de Jesus (Mc 1.9-11; Lc 3.21,22)

3.13 Mc 1.4

¹³ Então Jesus veio da Galiléia ao Jordão para ser batizado por João.^a ¹⁴ João, porém, tentou impedi-lo, dizendo: “Eu preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim?”

¹⁵ Respondeu Jesus: “Deixe assim por enquanto; convém que assim façamos, para cumprir toda a justiça”. E João concordou.

3.16 Mt 11.2; 42.1

¹⁶ Assim que Jesus foi batizado, saiu da água. Naquele momento, o céu se abriu, e ele viu o Espírito de Deus^b descendo como pomba e pousando sobre ele. ¹⁷ Então uma voz dos céus^c disse: “Este é o meu Filho^d amado, de quem me agrado”.^e

3.17 Mt 17.5;
Jo 12.28; SI 2.7;
2Pe 1.17.18;
1Ts 42.1; Mt 12.18;
17.5; Mc 1.11;
9.7; Lc 9.35

A Tentação de Jesus (Mc 1.12,13; Lc 4.1-13)

4 Então Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo Diabo. ² Depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites,^f teve fome. ³ O tentador^g aproximou-se dele e disse: “Se és o Filho de Deus,^h manda que estas pedras se transformem em pães”.

4.2 Ex 34.28;
1Rs 19.8
4.3 Mt 3.5;
Mt 3.17; Jo 5.25;
At 9.20

⁴ Jesus respondeu: “Está escrito: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus’^b”.ⁱ

⁵ Então o Diabo o levou à cidade santa,^j colocou-o na parte mais alta do templo e lhe disse: ⁶ “Se és o Filho de Deus, joga-te daqui para baixo. Pois está escrito:

“Ele dará ordens a seus anjos a seu respeito,
e com as mãos eles o segurarão,
para que você não tropece
em alguma pedra”^{c,k}

4.5 Ne 11.1;
Dn 9.24; Mt 27.53
4.6 SI 91.11,12

4.7 Mt 16

⁷ Jesus lhe respondeu: “Também está escrito: ‘Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus’^d”.^l

^a 3.11 Ou em.
^b 4.4 Dt 8.3.
^c 4.6 SI 91.11,12.
^d 4.7 Dt 6.16.

3.4 O cinto de couro era usado para amarrar as roupas externas que ficavam soltas. Um pelo de camelo e um cinto de couro podem ter sido usados também por Elias e outros profetas do AT (ver 2Rs 1.8; Zc 13.4). O mais provável, porém, é que essas roupas não fossem feitas de pelos tecidos de camelo, que eram relativamente caras, mas do couro do animal. Esse tipo de vestuário ainda é usado no Oriente Médio.

Quem morava no deserto não hesitava em comer insetos, e o gafanhoto estava entre os alimentos cerimonialmente limpos, que os judeus eram livres para comer (Lv 11.21,22; ver “Alimentos puros e impuros na Bíblia e no antigo Oriente Médio”, em Lv 11; e “Gafanhotos no antigo Oriente Médio”, em Jl 2).

3.6 Ver “Batismo no mundo antigo”, em Mt 3.

3.7 Os fariseus, o partido da sinagoga, formavam um grupo legalista e separatista que zelava pela Lei mosaica e pela tradição não escrita (ver nota em 15.2). Embora fossem relativamente poucos em número, os fariseus tinham o apoio do povo e influenciavam a opinião popular, se não até a política nacional. O partido deles foi o único que sobreviveu à destruição do templo, em 70 d.C., e eles foram os progenitores espirituais do judaísmo moderno (ver “Os fariseus”, em Mt 5). Os saduceus compunham o partido judaico que representava as classes ricas e sofisticadas. Eram mais preocupados com a política que os fariseus e negavam

a ressurreição, os anjos e os espíritos. Estavam concentrados em Jerusalém e fizeram do templo e de sua administração o interesse primário do partido. Embora também constituíssem um grupo relativamente pequeno, exerciam poderosa influência política e religiosa nos dias de Jesus (ver “Os saduceus”, em Mt 22).

3.11 Ver a nota em Jo 1.26.

3.16,17 Para mais informações sobre a Epifania, que originariamente celebrava o batismo de Jesus, ver nota em 2.1-12.

4.1 As tentações aconteceram 1) na região do deserto do baixo vale do Jordão; 2) numa montanha alta (possivelmente um dos precipícios íngremes perto de Jericó que apresenta um panorama não transponível); 3) no ponto mais alto do templo, do qual os sacerdotes soavam a trombeta quando queriam chamar a atenção da cidade para acontecimentos importantes.

4.5 O templo, com sua área completa, fora reconstruído por Herodes, o Grande (ver “O templo de Herodes”, em Mc 11), e durante as reformas, o pátio foi bastante aumentado. Para isso, uma plataforma enorme foi erguida, a fim de compensar o forte declive do terreno no lado sudeste. Um enorme muro de contenção, feiro de pedras volumosas, foi construído para suportar a plataforma. Nessa plataforma, estavam o templo construído, varandas e pátios, tudo flanqueado por belas colunas.

⁸ Depois, o Diabo o levou a um monte muito alto e mostrou-lhe todos os reinos do mundo e o seu esplendor. ⁹ E disse-lhe: “Tudo isto te darei se te prostrares e me adorares”.

¹⁰ Jesus lhe disse: “Retire-se, Satanás!^a Pois está escrito: ‘Adore o Senhor, o seu Deus, e só a ele preste culto’^b”.

¹¹ Então o Diabo o deixou, e anjos vieram e o serviram.^c

4.10 ^a1Cr 21.1;
^bDt 6.13

4.11 ^aMt 26.53;
Lc 22.43; Hb 1.14

Jesus Começa a Pregar (Mc 1.14,15; Lc 4.14,15)

¹² Quando Jesus ouviu que João tinha sido preso,^d voltou para a Galileia.^e ¹³ Saindo de Nazaré, foi viver em Cafarnaum,^f que ficava junto ao mar, na região de Zebulom e Naftali, ¹⁴ para cumprir o que fora dito pelo profeta Isaías:

4.12 ^aMt 14.3;
^bMc 1.14
4.13 ^aMc 1.21;
Lc 4.23,31;
Jo 2.12; 4.46,47

¹⁵ “Terra de Zebulom e terra de Naftali,
caminho do mar, além do Jordão,
Galileia dos gentios^g;

¹⁶ o povo que vivia nas trevas
viu uma grande luz;
sobre os que viviam na terra da sombra da morte
raiou uma luz”^h.

4.16 ^aIs 9.1,2;
Lc 2.32

¹⁷ Daí em diante Jesus começou a pregar: “Arrependam-se, pois o Reino dos céusⁱ está próximo”.

4.17 ^aMt 3.2

Jesus Chama os Primeiros Discípulos (Mc 1.16-20; Lc 5.1-11; Jo 1.35-42)

¹⁸ Andando à beira do mar da Galileia,^j Jesus viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro,^k e seu irmão André. Eles estavam lançando redes ao mar, pois eram pescadores. ¹⁹ E disse Jesus: “Sigam-me,^l e eu os farei pescadores de homens”. ²⁰ No mesmo instante eles deixaram as suas redes e o seguiram.

4.18 ^aMt 15.29;
Mc 7.31; Jo 6.1;
^bMt 16.17,18
4.19 ^aMc 10.21,
28,52

²¹ Indo adiante, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão.^m Eles estavam num barco com seu pai, Zebedeu, preparando as suas redes. Jesus os chamou, ²² e eles, deixando imediatamente seu pai e o barco, o seguiram.

4.21 ^aMt 20.20

Jesus Ensina o Povo e Cura os Doentes

²³ Jesus foi por toda a Galileia,ⁿ ensinando nas sinagogas^o deles, pregando as boas-novas^a do Reino^b e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo.^c ²⁴ Notícias sobre ele se espalharam por toda a Síria,^d e o povo lhe trouxe todos os que sofriam de vários males e tormentos: endemoninhados,^e loucos^f e paralíticos;^g e ele os curou. ²⁵ Grandes multidões o seguiam,^h vindas da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e da região do outro lado do Jordão.

4.23 ^aMc 1.39;
Lc 4.15,44;
^bMt 9.35; 13.54;
Mc 1.21; Lc 4.15;
Jo 6.59; ^cMc 1.14;
^dMt 3.2; At 20.25;
^eMt 8.16; 15.30;
At 10.38
4.24 ^aLc 2.2;
^bMt 8.16,28; 9.32;
15.22; Mc 1.32;
5.15,16,18;
^cMt 17.15; ^dMt 8.6;
9.2; Mc 2.3
4.25 ^aMc 3.7,8;
Lc 6.17

^a 4.10 Dt 6.13.

^b 4.15 Isto é, os que não são judeus.

^c 4.15,16 Is 9.1,2.

^d 4.24 Grego: *lunáticos*.

4.12-16 A parte norte de Naftali era habitada por uma raça misturada de judeus e pagãos (Jz 1.33). A população israelita fora levada cativa para a Assíria e substituída por uma colônia de imigrantes pagãos (2Rs 15.29; 17.24). Por isso, a região era chamada “Galileia das nações/dos gentios”, e seus habitantes, “gentios” (Is 9.1; Mt 4.13,15,16). Durante e depois do cativeiro, a mistura predominante de raças pagãs empobreciu o culto do judaísmo, e pela mesma razão o sotaque e o dialeto dos galileus era notoriamente peculiares (Mt 26.73). Isso fez que os judeus do sul, de sangue “mais puro” e tradição ortodoxa, menosprezassem os galileus (Jo 1.46; 7.52).

Também as “trevas” dos galileus eram a razão de o Senhor conceder mais da luz de sua presença e de seu ministério àquela região que para a autossuficiente e privilegiada Judeia. Cristo foi enviado como “uma luz para os gentios” (Is 42.6), assim como às “ovelhas perdidas de Israel” (Mt 15.24). A humilhação da Galileia fez alguns de seus habitantes sentirem mais intensamente a necessidade do Salvador. Isso e sua comparativa liberdade do preconceito sacerdotal e farisaico podem ter sido razões adicionais para serem contemplados com uma porção maior do ministério do Senhor (ver “A Galileia nos tempos de Jesus”, em Mt 15).

4.13 Cafarnaum era evidentemente uma cidade considerável nos dias de Jesus (ver “Cafarnaum”, em Mc 9). A casa de Pedro tornou-se a base de operações de Jesus durante seu longo ministério na Galileia. Uma basílica do século V está agora em cima do suposto local da casa de Pedro, e uma sinagoga do século IV está situada a uma curta distância (ver “Casas na Terra Santa do século I d.C.: a casa de Pedro em Cafarnaum; *Insulae*”, em Mt 14).

4.15 O “caminho do mar” era a rota de comércio através dos territórios tribais de Zebulom (inclusive Nazaré) e Naftali (inclusive Cafarnaum) para o Mediterrâneo. Depois disso, a região foi reduzida a uma província assíria, em 732 a.C. (ver 2Rs 15.29), e foi palco de tumultos e de uma forte influência pagã.

4.21 Tiago e João provavelmente estavam lavando, consertando e pendurando as redes para secar, preparando-se para o próximo dia de trabalho. Em 1986, foram localizados na costa noroeste do mar da Galileia os restos de um barco de dois mil anos, pertencente a um pescador típico da região. Seus descobridores o nomearam “o barco de Jesus” (ver “A pesca nos tempos do Novo Testamento”, em Lc 5).

4.23 As sinagogas (ver “Sinagogas antigas”, em At 9) providenciavam um lugar para o ensino de Jesus nos sábados. Durante a semana, ele pregava ao ar livre, para multidões maiores.

4.24 A Síria é área norte da Galileia, entre Damasco e o mar mediterrâneo (ver “Síria/Ará”, em 2Rs 5).

A palavra grega traduzida por “epilépticos” originariamente significava “lunáticos” e reflete a superstição antiga de que os ataques de epilepsia eram causados por mudanças da Lua.

4.25 Decápolis era uma liga de cidades livres caracterizadas pela cultura grega. Todas menos uma, Citópolis (Beth Shan), estavam situadas a leste do mar da Galileia e do rio Jordão. A liga estendia-se de um ponto a nordeste do mar da Galileia na direção sul, para Filadélfia (a moderna Amã, na Jordânia).

As Bem-aventuranças (Lc 6.20-23)

5 Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele, **5**² e ele começou a ensiná-los, dizendo:

- 5.3** ^{v. 10,19; Mt 25.34} **3** “Bem-aventurados^a os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus.^f
- 5.4** ^{lts 61.2.3; Ap 7.17} **4** Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados.^j
- 5.5** ^{sl 37.11; Rm 4.13} **5** Bem-aventurados os humildes, pois eles receberão a terra por herança.^k
- 5.6** ^{ls 55.1.2} **6** Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão satisfeitos.^l
- 5.7** ^{sl 37.11; Rm 4.13} **7** Bem-aventurados os misericordiosos, pois obterão misericórdia.
- 5.8** ^{sl 24.3.4; Hb 12.14; Ap 22.4} **8** Bem-aventurados os puros de coração,^m pois verão a Deus.ⁿ
- 5.9** ^{ov 44.45; Rm 8.14} **9** Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus.^o
- 5.10** ^{p1 Pe 3.14} **10** Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça,^p pois deles é o Reino dos céus.

11 “Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa, os insultarem,^q os perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. **12** Alegrem-se e regozijem-se,^r porque grande é a sua recompensa nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês.^s

O Sal da Terra e a Luz do Mundo

- 5.13** ^{Mc 9.50; Lc 14.34.35} **13** “Vocês são o sal da terra. Mas, se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens.^t
- 5.14** ^{Jo 8.12} **14** “Vocês são a luz do mundo.^u Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte.
- 5.15** ^{Mc 4.21; Lc 8.16} **15** E, também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim ilumina a todos os que estão na casa.^v **16** Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem^w ao Pai de vocês, que está nos céus.

Jesus Cumpre a Lei

- 5.17** ^{Rm 3.31} **17** “Não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir.^x **18** Digo a verdade: Enquanto existirem céus e terra, de forma alguma desaparecerá da Lei a menor letra ou o ^o **5.3** Isto é, como são felizes; também nos versículos 4 a 11.

5.1—7.29 O local do Sermão no Monte (ver também Lc 6.20-49) não é identificado nos Evangelhos. A tradição associa o local com Karn Hartin, perto de Cafarnaum, mas com pouquíssima base de fatos. A palavra “sermão”, nesse contexto, está iludindo a mente moderna. Mateus não disse que Jesus surgiu, dirigiu-se ao púlpito e entregou um sermão que havia preparado formalmente numa tranquila biblioteca. As multidões o estavam seguindo (Mt 5.1; Lc 6.17) para ver os milagres que ele fazia. Então ele subiu a montanha por um estreito caminho, de forma que seus seguidores imediatos estariam mais próximos que o restante da multidão, e conduziu-os a um lugar plano (Lc 6.17), ainda “na montanha”. Em determinado momento, ele se sentou e começou a ensinar, dando atenção especial aos discípulos que estavam mais perto. Os autores sagrados, obviamente, não usam aspas, e isso é importante para entendermos que eles não tinham a pretensão de registrar palavra por palavra o que Jesus disse, nem de incluir tudo que ele tenha falado em determinada ocasião. Sua intenção era deixar por escrito uma apresentação fidedigna da essência do que foi dito. O “sermão”, portanto, é o relatório de um estudante (Mateus), de uma palestra ou de um discurso. O fato de haver divagações num esboço formal (Mt 5.25,26,29,30), na realidade evidenciam a autenticidade do registro.

5.3-11 A palavra “bem-aventurança” (“beatitude”) não é encontrada na Bíblia. Significa 1) as alegrias do céu ou 2) uma declaração de felicidade, especialmente conforme as palavras pronunciadas por Cristo. As beatitudes são comuns no AT (e.g., Sl 32.1,2; 41.1; 65.4), e os Evangelhos contêm beatitudes isoladas de Jesus (Mt 11.6; 13.16; 16.17; 24.46 com os paralelos de Lucas; Jo 13.17; 20.29). A palavra, porém, é mais utilizada na forma das declarações feitas por Jesus no discurso registrado

aqui por Mateus, como também as relatadas por Lucas (Lc 6.20-22) — chamados, respectivamente, o Sermão do Monte e o Sermão da Planície. Se temos aqui dois registros diferentes do mesmo discurso ou o registro de dois discursos distintos, embora semelhantes, é algo que os estudiosos não conseguem precisar.

5.8 O coração era considerado o centro do ser da pessoa, incluindo mente, vontade e emoções (ver nota em Sl 4.7; ver também “Coração, fôlego, garganta e intestinos: antropologia hebraica antiga”, em Pv 6).

5.13 O sal era usado para dar sabor e preservar (ver também nota em Lv 2.13). O sal utilizado em Israel vinha quase todo do mar Morto e era cheio de impurezas, o que implicava perda do sabor.

5.15 Nos dias de Jesus, usavam-se pequenas lâmpadas de argila que queimavam um pavio embebido em óleo de oliva. A menção comum a lâmpadas no NT está relacionada ao seu uso doméstico (5.15; Mc 4.21; Lc 8.16; 11.33; 15.8). Pelo fato de emitirem uma luz não muito forte, as lâmpadas eram posicionadas estrategicamente, para o máximo proveito. Geralmente, eram colocadas numa “vasilha”, muitas vezes um nicho construído na parede. Parece que os hebreus eram acostumados a manter as lâmpadas acesas durante a noite em suas câmaras, talvez por medo da escuridão, porém mais provavelmente para manter os ladrões a distância. O uso de lâmpadas a óleo numa procissão de casamento é mencionado em Mateus 25.1. Considerando-se que tais lâmpadas só podiam conter algumas colheradas de óleo, uma reserva do combustível sem dúvida era necessária.

5.18 A palavra grega *iota* (traduzida aqui por “menor letra”) é o equivalente grego mais próximo do *yod*, a menor letra do alfabeto hebraico. A palavra grega traduzida aqui por “menor traço” significa “chifre” e

menor traço, até que tudo se cumpra.¹⁹ Todo aquele que desobedecer a um desses mandamentos,² ainda que dos menores, e ensinar os outros a fazerem o mesmo, será chamado menor no Reino dos céus; mas todo aquele que praticar e ensinar estes mandamentos será chamado grande no Reino dos céus.²⁰ Pois eu digo que, se a justiça de vocês não for muito superior à dos fariseus e mestres da lei, de modo nenhum entrarão no Reino dos céus.

5.19 *Tg 2.10

O Homicídio

²¹ “Vocês ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não matarás’^a, e ‘quem matar estará sujeito a julgamento’.²² Mas eu digo a vocês que qualquer que se irar contra seu irmão^b estará sujeito a julgamento.^b Também, qualquer que disser a seu irmão: ‘Racá’, será levado ao tribunal.^c E qualquer que disser: ‘Louco!’, corre o risco de ir para o fogo do inferno.^d

5.21 *Ex 20.13;
Mt 5.17;
5.22 *Jo 3.15;
Mt 26.59; Tg 3.6

²³ “Portanto, se você estiver apresentando sua oferta diante do altar e ali se lembrar de que seu irmão tem algo contra você,²⁴ deixe sua oferta ali, diante do altar, e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão; depois volte e apresente sua oferta.

^a 5.21 Ex 20.13; Dt 5.17.

^b 5.22 Alguns manuscritos acrescentam *sem motivo*.

era usada para designar o enfeite de pouco valor ou a extensão de certas letras do alfabeto hebraico (algo como o traço da letra “j”, que desce abaixo da linha).

5.20 Para mais informações sobre os “mestres da lei” no NT, ver nota em At 5.34.

5.22 “Racá”, possivelmente relacionada à palavra aramaica para “vazio”, pode significar “cabeça-oca!”.

A palavra grega para inferno é *ge(h)enna*, que deriva seu nome de um profundo desfiladeiro ao sul de Jerusalém, o vale de Hinom ou dos Filhos

de Hinom (Ben-Hinom, na *NVI*). Durante os reinados dos perversos reis Acáz e Manassés, eram oferecidos ali sacrifícios humanos para o deus amonita Moloque. Tornou-se um tipo de entulho da cidade e queimava permanentemente, tornando-se depois uma figura do lugar de castigo final (ver “Sacrifício humano no antigo Oriente Médio”, em Lv 20, e “Sheol, Hades, Geena, Abismo e Tártaro: imagens do inferno”, em Sl 139).

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Os fariseus

MATEUS 5 Os fariseus foram uma seita política e religiosa influente no período do **segundo templo**.¹ Numa época de aumento da influência estrangeira, promoveram a observância fiel à Lei no âmbito nacional e individual. O significado exato do termo “fariseus” é incerto. O substantivo deriva do verbo hebreu que significa “separar” ou “distinguir”. O título parece ter sido aplicado originariamente em sentido negativo, quando os fariseus foram expulsos do Sinédrio no tempo de João Hircano (135-104 a.C.), entretanto foi mais tarde compreendido em sentido positivo como “aqueles que se separavam” de todas as fontes de rituais impuros (ver Mc 7.1-23; Gl 2.12,13) ou “aqueles que interpretavam a Lei com precisão” (ver At 22.3; 26.5; Josefo, *Antiguidades judaicas* 17.2.4).

Os fariseus acreditavam que Deus era o Criador soberano que desejava se revelar à

humanidade por meio das Escrituras. Além disso, ele concedeu ao ser humano o dom da escolha moral responsável e a capacidade para aplicar as Escrituras a esta vida, como forma de se preparar para a ressurreição, o julgamento e a vida por vir (cf. At 23.6-8). Os membros dessa seita observavam cuidadosamente a Lei mosaica, enquanto interpretavam sistematicamente e a adaptavam às condições de seu tempo, a fim de manter um sentido de pureza entre o povo (Mt 23.2,3). Esse sistema de interpretação, com seu estilo de vida, foi transmitido por gerações de mestres e passou a ser conhecido como “lei oral”, a “tradição dos anciãos” (“líderes religiosos”, na *NVI*; Mc 7.3-5; Gl 1.14), as “obras da lei” (“obediência à Lei”, na *NVI*; Rm 3.20-28; Gl 2.16—3.10) ou simplesmente *Halaká* (de uma palavra hebraica que significa “caminho”; *Halaká* é o ensino judaico tradicional

que governa o comportamento e a prática religiosa).

Os fariseus viam-se como os herdeiros de um vasto conjunto de tradições interpretativas que lhes permitia atuar como guias seguros para os judeus em tempos tumultuados (Rm 2.17-20). Embora alguns fariseus viessem a acreditar que Jesus era o Cristo (At 15.5; Fp 3.4-11), a maioria justificava sua oposição a ele pelo fato de Jesus apregoar ostensivamente a própria autoridade (Mt 7.29; Jo 3.1-3; 8.13) e também pela maneira em que interpretava alguns assuntos que eram de importância vital para eles.

Jesus criticava os fariseus porque, apesar da recomendável observância de regras e tradições, eram fundamentalmente impenitentes, não conheciam a Deus nem eram pessoas amorosas (Mt 23).

¹Ver “O período intertestamental”, em Mt 3; e “Sacerdócio judaico e vida religiosa no século I d.C.”, em Lc 18.

²⁵ “Entre em acordo depressa com seu adversário que pretende levá-lo ao tribunal. Faça isso enquanto ainda estiver com ele a caminho, pois, caso contrário, ele poderá entregá-lo ao juiz, e o juiz ao guarda, e você poderá ser jogado na prisão. ²⁶ Eu garanto que você não sairá de lá enquanto não pagar o último centavo^a.”

O Adultério

²⁷ “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Não adulterarás’^{b,e}. ²⁸ Mas eu digo: Qualquer que olhar para uma mulher e desejá-la, já cometeu adultério com ela no seu coração.^f ²⁹ Se o seu olho direito o fizer pecar,^g arranque-o e lance-o fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ser todo ele lançado no inferno. ³⁰ E, se a sua mão direita o fizer pecar, corte-a e lance-a fora. É melhor perder uma parte do seu corpo do que ir todo ele para o inferno.”

O Divórcio

³¹ “Foi dito: ‘Aquele que se divorciar de sua mulher deverá dar-lhe certidão de divórcio’^{c,h}. ³² Mas eu digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual^d, faz que ela se torne adúltera, e quem se casar com a mulher divorciada estará cometendo adultério.ⁱ”

Os Juramentos

³³ “Vocês também ouviram o que foi dito aos seus antepassados: ‘Não jure falsamente’^j, mas cumpra os juramentos que você fez diante do Senhor’^k. ³⁴ Mas eu digo: Não jurem de forma alguma:^l nem pelos céus, porque é o trono de Deus;^m ³⁵ nem pela terra, porque é o estrado de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei.ⁿ ³⁶ E não jure pela sua cabeça, pois você não pode tornar branco ou preto nem um fio de cabelo. ³⁷ Seja o seu ‘sim’, ‘sim’, e o seu ‘não’, ‘não’;^o o que passar disso vem do Maligno.^p”

A Vingança (Lc 6.29,30)

³⁸ “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Olho por olho e dente por dente’^q. ³⁹ Mas eu digo: Não resistam ao perverso. Se alguém o ferir na face direita, ofereça-lhe também a outra.^r ⁴⁰ E, se alguém quiser processá-lo e tirar de você a túnica, deixe que leve também a capa. ⁴¹ Se alguém o forçar a caminhar com ele uma milha^s, vá com ele duas. ⁴² Dê a quem pede, e não volte as costas àquele que deseja pedir algo emprestado.^s”

O Amor aos Inimigos (Lc 6.27,28,32-36)

⁴³ “Vocês ouviram o que foi dito: ‘Ame o seu próximo’^t e odeie o seu inimigo’^u. ⁴⁴ Mas eu digo: Amem os seus inimigos^v e orem por aqueles que os perseguem,^v ⁴⁵ para que vocês venham a ser filhos^w de seu Pai que está nos céus. Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos.^x ⁴⁶ Se vocês amarem aqueles que os amam, que recompensa vocês receberão?^y Até os publicanos^z fazem isso! ⁴⁷ E, se saudarem apenas os seus irmãos, o que estarão fazendo de mais? Até os pagãos fazem isso! ⁴⁸ Portanto, sejam perfeitos como perfeito é o Pai celestial de vocês.^z”

^a 5.26 Grego: *quadrante*.

^b 5.27 Êx 20.14; Dt 5.18.

^c 5.31 Dt 24.1.

^d 5.32 Grego: *porneia*; termo genérico que se refere a práticas sexuais ilícitas.

^e 5.33 Lv 19.12; Nm 30.2.

^f 5.38 Êx 21.24; Lv 24.20; Dt 19.21.

^g 5.41 A milha romana tinha cerca de 1.500 metros.

^h 5.43 Lv 19.18.

ⁱ 5.44 Alguns manuscritos acrescentam *abençoem os que os amaldiçoam, façam o bem aos que os odeiam*.

^j 5.46 Os publicanos eram coletores de impostos, malvistas pelo povo; também em 9.10, 11; 10.3; 11.19; 18.17; 21.31 e 32.

VOZES ANTIGAS

Havia uma seita judaica, cujos membros compreendiam-se como entendidos nos grandes assuntos da lei de seus pais e sua influência as mulheres da casa. São chamados fariseus, e eram especialmente astutos ao lidar com um rei poderoso e rápidos em reagir à provocação e em criar dificuldades. Assim, depois de terem todos os judeus confirmado com juramentos sua boa vontade para com César e o governo do rei, mais de 6 mil desses homens se recusaram a jurar. E, quando o rei impôs uma multa sobre eles, a esposa de Feroras pagou a multa por eles.

— JOSEFO, SOBRE OS FARISEUS

De Flávio Josefo, *Antiguidades dos judeus*, 17.2 (tradução por Duane Garrett)

Ver o artigo “Os fariseus”, em Mt 5.

5.27 ^aÊx 20.14;
Dt 5.18
5.28 ^bPv 6.25
5.29 ^cMt 18.6,8,9;
Mc 9.42-47

5.31 ^dDt 24.1-4
5.32 ^eLc 16.18

5.33 ^fLv 19.12;
^gNm 30.2;
Dt 23.21;
Mt 23.16-22
5.34 ^hTg 5.12;
ⁱIs 66.1; Mt 23.22
5.35 ^jSl 48.2

5.37 ^kTg 5.12;
^lMt 6.13;
13.19,38;
Jo 17.15; 2Ts 3.3;
1Jo 2.13,14; 3.12;
5.18,19
5.38 ^mÊx 21.24;
Lv 24.20; Dt 19.21
5.39 ⁿLc 6.29;
Rm 12.17,19;
1Co 6.7; 1Pe 3.9
5.42 ^oDt 15.8;
Lc 6.30

5.43 ^pLv 19.18;
^qDt 23.6
5.44 ^rLc 6.27,28;
23.34; At 7.60;
Rm 12.14;
1Co 4.12;
1Pe 2.23
5.45 ^sv. 9; xJó
25.3
5.46 ^tLc 6.32
5.48 ^uLv 19.2;
1Pe 1.16

5.26 O quadrante (ver nota da NVI) era a menor moeda de cobre romana.

5.32 A palavra grega traduzida aqui por “imoralidade sexual” indica atividade sexual ilícita — nesse caso, adultério.

5.33-37 Ver “O juramento na prática judaica e cristã”, em Hb 6; e “Ética da linguagem”, em Tg 3.

5.39 Golpear alguém na face era considerado mais um insulto que um ato de violência (Ver “Provérbios e insultos no mundo antigo”, em 1Sm 25).

5.40 A túnica era uma roupa de baixo, e a capa, uma peça solta usada sobre aquela. Uma vez que a roupa exterior era enrolada ao redor do corpo para dormir, a lei do AT proibia que ela fosse levada durante a

noite como penhor (ver Êx 22.26,27; Dt 24.12,13; ver também “Antigas roupas e joias israelitas”, em Is 3; e “Vestário e moda no mundo greco-romano”, em Tg 3).

5.43 O ódio aos inimigos de alguém era aceitável em alguns círculos, na ética dos judeus daquele tempo.

5.46 Tradicionalmente conhecidos como “publicanos”, os cobradores de impostos eram homens contratados pelos romanos para coletar impostos (ver “Impostos romanos”, em Rm 11). Pelo fato de trabalharem para Roma e não raro exigirem pagamentos injustos, a reputação dos cobradores de impostos era muito ruim. Eram odiados e considerados traidores pelo povo.

A Ajuda aos Necessitados

6^a “Tenham o cuidado de não praticar suas ‘obras de justiça’ diante dos outros para serem vistos por eles.^a Se fizerem isso, vocês não terão nenhuma recompensa do Pai celestial.

6.1 Mt 23.5

2^a “Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu garanto que eles já receberam sua plena recompensa. 3 Mas, quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, 4 de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará.^b

6.4 Pv 6.18; Cl 3.23,24

A Oração (Lc 11.1-4)

5 “E, quando vocês orarem, não sejam como os hipócritas. Eles gostam de ficar orando em pé nas sinagogas e nas esquinas, a fim de serem vistos pelos outros. Eu asseguro que eles já receberam sua plena recompensa. 6 Mas, quando você orar, vá para seu quarto, feche a porta e ore a seu Pai, que está em segredo. Então ore seu Pai,^d que vê em segredo, o recompensará. 7 E, quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa,^e como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos.^f 8 Não sejam iguais a eles, porque o seu Pai sabe do que vocês precisam,^g antes mesmo de o pedirem. 9 Vocês, orem assim:

6.5 Mc 11.25; Lc 18.10-14

6.6 Mt 6.43

6.7 Ec 5.2; 1Rs 18.26-29

6.8 Mt 32

“Pai nosso, que estás nos céus!
Santificado seja o teu nome.

10 Venha o teu Reino;^h

6.10 Mt 3.2; Mt 26.39

seja feita a tua vontade,ⁱ
assim na terra como no céu.

11 Dá-nos hoje o nosso pão de cada dia;^j

6.11 Pv 30.8

12 Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos
aos nossos devedores.^k

6.12 Mt 18.21-35

13 E não nos deixes cair em^a tentação,^l mas livra-nos do mal^{b,m}
porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém^c.

6.13 Tg 1.13; Mt 5.37

14 Pois, se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também perdoará vocês.ⁿ 15 Mas, se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não perdoará as ofensas de vocês.^o

6.14 Mt 18.21-35; Mc 11.25,26; Ef 4.32; Cl 3.13

6.15 Mt 18.35

O Jejum

16 “Quando jejuarem, não mostrem uma aparência triste^p como os hipócritas, pois eles mudam a aparência do rosto a fim de que os outros vejam que eles estão jejuando. Eu digo verdadeiramente que eles já receberam sua plena recompensa. 17 Ao jejuar, arrume o cabelo^q e lave o rosto, 18 para que não pareça aos outros que você está jejuando, mas apenas a seu Pai, que vê em segredo. E seu Pai, que vê em segredo, o recompensará.^q

6.16 Mt 58.5

6.18 Mt 4.6

Os Tesouros no Céu

19 “Não acumulem para vocês tesouros na terra,^r onde a traça e a ferrugem destroem^s e onde os ladrões arrombam e furtam. 20 Mas acumulem para vocês tesouros nos céus,^t onde a traça e a ferrugem não destroem e onde os ladrões não arrombam nem furtam.^u 21 Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração.^v

6.19 Pv 23.4; Hb 13.5; Tg 5.2,3

6.20 Mt 19.21; Lc 12.33; 18.22; 1Tm 6.19; Tc 12.33

6.21 Lc 12.34

^a 6.13 Grego: E não nos induzas à.

^b 6.13 Ou do Maligno

^c 6.13 Alguns manuscritos não trazem porque teu é o Reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

^d 6.17 Grego: unja a cabeça.

6.1,2 No judaísmo posterior, a justiça que motivava as esmolas tornou-se um tanto legalista e profissional. O aleijado à porta Formosa exemplifica a mendicância profissional, porque ele pedia esmolas “todos os dias” (At 3.2,3). A perversão nas esmolas recebidas é vista no grito do mendigo, implícita na frase: “Abençoe a si mesmo dando para mim”. Por outro lado, a perversão do ato de dar esmolas é vista nos benfeitores, que o anunciavam “com trombetas”, provavelmente uma expressão de sentido figurado (cf. a frase: “Toque sua própria trombeta”). O desejo de “ser visto” pelo povo envolve o mesmo termo do qual nós derivamos a palavra “teatro”. O ato de dar esmolas consistia de duas formas: as “esmolas do prato” (comida e dinheiro distribuídos diariamente) e as “esmolas da caixa” (moedas recebidas no sábado por viúvas, órfãos, forasteiros e pobres). 6.5 Os judeus piedosos oravam em público, em horas marcadas — normalmente de manhã, à tarde e à noite (cf. Sl 55.17; Dn 6.10; At 3.1).

6.6 A palavra grega aqui traduzida por “quarto” provavelmente significa “despensa”, porque tinha uma porta que podia ser fechada, o que não havia nos outros cômodos da casa. 6.16 “Mudar a aparência do rosto” corresponde aqui a alterar a face para mostrar o sofrimento físico que suportavam enquanto estavam jejuando (ver “O jejum na Bíblia e no antigo Oriente Médio”, em Mt 6). Durante o período de jejum na época de Jesus, os judeus mais religiosos marcavam o rosto de alguma forma, ficavam sem se arrumar e/ou espalhavam cinzas sobre a cabeça e o rosto. Era um modo pretensioso de mostrar aos outros seus esforços para aumentar sua devoção e conquistar a admiração deles. 6.19 As casas na Terra Santa tinham paredes feitas de tijolos de barro e podiam ser arrombadas facilmente (ver “Casas na Terra Santa do século I d.C.: a casa de Pedro em Cafarnaum; *Insulae*”, em Mt 14).

22 “Os olhos são a candeia do corpo. Se os seus olhos forem bons, todo o seu corpo será cheio de luz. 23 Mas, se os seus olhos forem maus, todo o seu corpo será cheio de trevas. Portanto, se a luz que está dentro de você são trevas, que tremendas trevas são!

24 “Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro^{a,w}”

As Preocupações da Vida (Lc 12.22-31)

25 “Portanto eu digo: Não se preocupem^x com sua própria vida, quanto ao que comer ou beber; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. Não é a vida mais importante que a comida, e o corpo mais importante que a roupa? 26 Observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta.^y Não têm vocês muito mais valor do que elas?^z 27 Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida?^{ba}

28 “Por que vocês se preocupam com roupas? Vejam como crescem os lírios do campo. Eles não trabalham nem tecem. 29 Contudo, eu digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor,^b vestiu-se como um deles. 30 Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não vestirá muito mais a vocês, homens de pequena fé?^c 31 Portanto, não se preocupem, dizendo: ‘Que vamos comer?’

^a 6.24 Grego: *Mamom*.

^b 6.27 Ou um único côvado à sua altura? O côvado era uma medida linear de cerca de 45 centímetros.

6.25 ^{xv} 27.28;
31.34; Lc 10.41;
12.11.22; Fp 4.6;
1Pe 5.7
6.26 ^{xj} 38.41;
Sl 147.9;
Mt 10.29-31
6.27 ^{xs} 39.5

6.29 ^{bi} Rs 10.4-7

6.30 ^{ci} Mt 8.26;
14.31; 16.8

6.30 A “erva do campo” era usada para aquecer os fornos de barro na Terra Santa.

7.6 Ver “Cães no mundo antigo”, em Pv 26.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

O jejum na Bíblia e no antigo Oriente Médio

MATEUS 6 Enquanto o Dia da Expição era a única ocasião em que o jejum era exigido no AT,¹ havia no restante do ano ocasiões para o jejum voluntário. Uma vez de evitar determinados alimentos, o jejum normalmente envolvia a abstinência de toda a comida por um período de tempo predeterminado. Era sempre acompanhado de oração e usado para expressar aflição, penitência ou devoção humilde a Deus. O jejum era incentivado em tempos de crise nacional como sinal de que a nação se dedicava de todo o coração ao Senhor (Jz 20.26; Jl 1.14). O indivíduo que sofria também jejuava (1Sm 1.7; 2Sm 12.22). A duração do jejum ia desde algumas horas até longos quarenta dias. Depois do exílio, foram instituídos pelo menos quatro períodos de jejum coletivo (Zc 8.19). Por exemplo, uma tradição de jejum iniciou no nono dia de abe (o quinto mês, abrangendo nossos

meses de julho e agosto). Esse jejum tinha como propósito lembrar a destruição do templo de Jerusalém e se tornou costume ler o livro de Lamentações nesse dia.²

Jejum nas religiões pagãs

O jejum também era praticado em algumas vertentes da religião grega pagã. Um dos ritos de iniciação da religião de mistério em Elêusis (pequena cidade a noroeste de Atenas, na Grécia) envolvia um jejum, e os cultos a Ísis e a Cibele também exigiam que o povo jejuasse. Abstinência de comida e de sexo era considerada uma preparação necessária antes de se passar por um ritual. Os gregos raramente praticavam jejuns prolongados, porém muitos cultos prescreviam restrições que envolviam alimentos (e.g., os pitagóricos, que eram vegetarianos).³

O jejum no NT e na Igreja

O jejum era uma prática bem comum no período do NT. Os fariseus jejuavam duas vezes por semana, nas segundas-feiras e quintas-feiras (Lc 18.12).⁴ Jesus, os discípulos de João Batista e Paulo também praticavam jejuns substanciais. Mateus 6.16-18 indica que o jejum se manteve como uma forma legítima de adoração para os cristãos. Nos primeiros séculos da Igreja, surgiu uma teologia de ascetismo com atos heroicos de jejum prolongado, porém as palavras de Jesus nos lembram de que o verdadeiro jejum é aquele dirigido a Deus, não o que é praticado para impressionar os outros. À semelhança dos profetas antes dele (Is 58.1-12; Jr 14.10-12; Zc 7), Jesus proclamava que o jejum verdadeiro é sinal de um coração dedicado a Deus.

¹Ver “O Dia da Expição”, em Lv 16. ²Ver também “Santuários israelitas e a adoração antes do templo de Salomão”, em 1Sm 1; e “Pano de saco e cinzas: rituais de lamentação”, em Sl 30. ³Para mais informações sobre religião pagã, ver “Os deuses dos gregos e dos romanos”, em Gl 4; e “Religiões de mistério”, em Cl 3.

⁴Ver “Os fariseus”, em Mt 5.



ou 'Que vamos beber?' ou 'Que vamos vestir?'^{d 32} Pois os pagãos é que correm atrás dessas coisas; mas o Pai celestial sabe que vocês precisam delas.^{e 33} Busquem, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas serão acrescentadas a vocês.³⁴ Portanto, não se preocupem com o amanhã, pois o amanhã trará as suas próprias preocupações. Basta a cada dia o seu próprio mal.

O Julgamento ao Próximo (Lc 6.37-42)

7 "Não julguem, para que vocês não sejam julgados.^{f 2} Pois da mesma forma que julgarem, vocês serão julgados; e a medida que usarem, também será usada para medir vocês.^g

³ "Por que você repara no cisco que está no olho do seu irmão e não se dá conta da viga que está em seu próprio olho? ⁴ Como você pode dizer ao seu irmão: 'Deixe-me tirar o cisco do seu olho', quando há uma viga no seu? ⁵ Hipócrita, tire primeiro a viga do seu olho, e então você verá claramente para tirar o cisco do olho do seu irmão.

⁶ "Não deem o que é sagrado aos cães, nem atirem suas pérolas aos porcos; caso contrário, estes as pisarão e, aqueles, voltando-se contra vocês, os despedaçarão.

A Persistência na Oração (Lc 11.9-13)

⁷ "Peçam, e será dado;^h busquem, e encontrarão; batam, e a porta será aberta. ⁸ Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra;ⁱ e àquele que bate, a porta será aberta.

⁹ "Qual de vocês, se seu filho pedir pão, lhe dará uma pedra? ¹⁰ Ou, se pedir peixe, lhe dará uma cobra? ¹¹ Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem! ¹² Assim, em tudo, façam aos outros o que vocês querem que eles façam a vocês;^j pois esta é a Lei e os Profetas.^k

A Porta Estreita e a Porta Larga

¹³ "Entrem pela porta estreita,^l pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. ¹⁴ Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram.

A Árvore e seu Fruto (Lc 6.43-45)

¹⁵ "Cuidado com os falsos profetas.^m Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores.ⁿ ¹⁶ Vocês os reconhecerão por seus frutos.^o Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?^p ¹⁷ Semelhantemente, toda árvore boa dá frutos bons, mas a árvore ruim dá frutos ruins. ¹⁸ A árvore boa não pode dar frutos ruins, nem a árvore ruim pode dar frutos bons. ¹⁹ Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo.^q ²⁰ Assim, pelos seus frutos vocês os reconhecerão!

²¹ "Nem todo aquele que me diz: 'Senhor, Senhor',^r entrará no Reino dos céus, mas apenas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.^s ²² Muitos me dirão naquele dia:^t 'Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios e não realizamos muitos milagres?'^u ²³ Então eu lhes direi claramente: Nunca os conheci. Afastem-se de mim vocês que praticam o mal!^v

O Prudente e o Insensato (Lc 6.46-49)

²⁴ "Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica^w é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. ²⁵ Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha. ²⁶ Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia. ²⁷ Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda".

²⁸ Quando Jesus acabou de dizer essas coisas,^x as multidões estavam maravilhadas com o seu ensino,^y ²⁹ porque ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os mestres da lei.

7.12 A denominada Regra Áurea é encontrada em forma negativa no judaísmo rabínico e também no hinduísmo, no budismo e no confucionismo. Também é lembrada de várias maneiras no ensino ético grego e romano. Jesus, porém, de forma contrastante, declara essa regra de forma positiva.

7.13,14 A imagem de dois caminhos era comum no judaísmo. Às vezes, a analogia era de caminhos separados que conduziam a direções opostas — para o paraíso ou para o inferno. Em outros momentos, retratava-se

um caminho estreito, com os sofrimentos da vida, que no final conduzia a um caminho largo de bênçãos eternas.

7.24-27 O mar da Galiléia é o cenário natural para essa parábola. A areia que rodeava o lago tinha a consistência de pedra dura durante o verão quente, mas o construtor sábio cavaria mais fundo, talvez três metros abaixo da superfície, até a rocha, sabendo que esse era o único modo para erguer uma fundação capaz de resistir às chuvas de inverno, que eram notoriamente torrenciais e podiam causar inundações desastrosas.

6.32 v. 3

6.33 *Mt 19.29;
Mc 10.29.307.1 Lc 6.37;
Rm 14.4,10,13;
1Co 4.5;
Tg 4.11,12
7.2 *Mc 4.24;
Lc 6.397.7 *Mt 21.22;
Mc 11.24;
Jo 14.13,14;
15.7,16; 16.23,24
Tg 1.5-8; 4.2,3;
1Jo 3.22; 5.14,15
7.8 *Pv 8.17;
Jr 29.12,13
7.12 Lc 6.31;
*Rm 13.8-10;
Gl 5.14

7.13 Lc 13.24

7.15 *Jr 23.16;
Mt 24.24;
Mc 13.22; Lc 6.26
2Pe 2.1; 1Jo 4.1
Ap 16.13; *Mt
20.29
7.16 *Mt 12.23;
Lc 6.44; *Tg 3.12
7.19 *Mt 3.107.21 *Os 8.2;
Mt 25.11;
*Rm 2.13; Tg 1.22
7.22 Mt 10.15;
*1Co 13.1-3
7.23 *Sl 6.8;
Mt 25.12,41;
Lc 13.25-27

7.24 *Tg 1.22-25

7.28 *Mt 11.1;
13.53; 19.1;
26.1; *Mt 13.54;
Mc 1.22; 6.2;
Lc 4.32; Jo 7.46

A Cura de um Leproso (Mc 1.40-45; Lc 5.12-16)

8.2 *Lc 5.12;
*Mt 9.18; 15.25;
18.26; 20.20

8 Quando ele desceu do monte, grandes multidões o seguiram. ² Um leproso^{a,2} aproximando-se, adorou-o de joelhos^a e disse: “Senhor, se quiseres, podes purificar-me!”

³ Jesus estendeu a mão, tocou nele e disse: “Quero. Seja purificado!” Imediatamente ele foi purificado da lepra. ⁴ Em seguida Jesus lhe disse: “Olhe, não conte isso a ninguém.^b Mas vá mostrar-se ao sacerdote e apresente a oferta que Moisés ordenou,^c para que sirva de testemunho”.

8.4 *Mt 9.30;
Mc 5.43; 7.36;
8.30; *Lv 14.2-32

Um Centurião Demonstra Fé (Lc 7.1-10)

⁵ Entrando Jesus em Cafarnaum, dirigiu-se a ele um centurião, pedindo-lhe ajuda. ⁶ E disse: “Senhor, meu servo está em casa, parálítico, em terrível sofrimento”.

⁷ Jesus lhe disse: “Eu irei curá-lo”.

⁸ Respondeu o centurião: “Senhor, não mereço receber-te debaixo do meu teto. Mas dize apenas uma palavra, e o meu servo será curado.^d ⁹ Pois eu também sou homem sujeito à autoridade e com soldados sob o meu comando. Digo a um: Vá, e ele vai; e a outro: Venha, e ele vem. Digo a meu servo: Faça isto, e ele faz”.

¹⁰ Ao ouvir isso, Jesus admirou-se e disse aos que o seguiam: “Digo a vocês a verdade: Não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé.^e ¹¹ Eu digo que muitos virão do oriente e do ocidente^f e se sentarão à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no Reino dos céus.^g ¹² Mas os súditos do Reino^h serão lançados para fora, não haverá choro e ranger de dentes”.ⁱ

¹³ Então Jesus disse ao centurião: “Vá! Como você creu, assim acontecerá!” Na mesma hora o seu servo foi curado.

8.8 *Sl 107.20

8.10 *Mt 15.28

8.11 *Sl 107.3;
Is 49.12; 59.19;
Mt 1.11; *Lc 13.29

8.12 *Mt 13.38;
*Mt 13.42-51;
22.13; 24.51;
25.30; Lc 13.28
8.13 *Mt 9.22

O Poder de Jesus sobre os Demônios e as Doenças (Mc 1.29-34; Lc 4.38-41)

¹⁴ Entrando Jesus na casa de Pedro, viu a sogra deste de cama, com febre. ¹⁵ Tomando-a pela mão, a febre a deixou, e ela se levantou e começou a servi-lo.

¹⁶ Ao anoitecer foram trazidos a ele muitos endemoninhados, e ele expulsou os espíritos com uma palavra e curou todos os doentes.^k ¹⁷ E assim se cumpriu^l o que fora dito pelo profeta Isaías:

“Ele tomou sobre si as nossas enfermidades
e sobre si levou as nossas doenças”^{b, m}

8.16 *Mt 4.23,24

8.17 *Mt 1.22;
*Is 53.4

Quão Dificil é Seguir Jesus! (Lc 9.57-62)

¹⁸ Quando Jesus viu a multidão ao seu redor, deu ordens para que atravessassem para o outro lado do mar.ⁿ ¹⁹ Então, um mestre da lei aproximou-se e disse: “Mestre, eu te seguirei por onde quer que fores”.^o

²⁰ Jesus respondeu: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça”.

²¹ Outro discípulo lhe disse: “Senhor, deixa-me ir primeiro sepultar meu pai”.

²² Mas Jesus lhe disse: “Siga-me,^p e deixe que os mortos sepultem os seus próprios mortos”.

8.20 *Dn 7.13;
Mt 12.8.32.40;
16.13,27.28; 17.9;
19.28; Mc 2.10;
8.31

8.22 *Mt 4.19

Jesus Acalma a Tempestade (Mc 4.35-41; Lc 8.22-25)

²³ Entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram. ²⁴ De repente, uma violenta tempestade abateu-se sobre o mar, de forma que as ondas inundavam o barco. Jesus, porém, dormia. ²⁵ Os discípulos foram acordá-lo, clamando: “Senhor, salva-nos! Vamos morrer!”

^a 8.2 O termo grego não se refere somente à lepra, mas também a diversas doenças da pele.

^b 8.17 Is 53.4.

8.1 Ver nota em 5.1.

8.2 Nossas concepções sobre a lepra trazem à mente o horror de doenças como a hanseníase, mas é possível que outras doenças de pele fossem tidas como lepra (ver nota da NVJ; ver também “Doenças de pele no mundo antigo”, em Lv 13).

8.3 Ver nota em Mc 1.41.

8.5 Para mais informações sobre Cafarnaum, ver nota em 4.13. O centurião era um oficial militar romano encarregado de uma centúria, grupo cujo número variava de 60 homens a 160 homens, mas que normalmente consistia de 80 homens.

8.12 Sobre o significado do “ranger de dentes”, ver nota em Sl 35.16.

8.14 Sobre a “casa de Pedro”, ver “Casas na Terra Santa do século I d.C.: a casa de Pedro em Cafarnaum; *Insulae*”, em Mt 14; sobre a “febre”, ver “Doenças e medicamentos no mundo antigo”, em Lc 4.

8.24 Cruzar o mar de Galileia depois que escurecia era normal para os pescadores que usavam redes finas durante a noite (ver “A pesca nos tempos do Novo Testamento”, em Lc 5). O tamanho do lago favorece as tempestades violentas e repentinas, que produzem ondas de 2 metros de altura ou mais (ver nota em Mc 4.37). A tempestade relatada aqui deve ter sido muito violenta, pois deixou pescadores experimentados tremendo de medo.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Os demônios e a Bíblia

MATEUS 8 Muitos leitores presumem que a crença nos demônios atestados no NT é simplesmente obra dos autores, um registro das crenças e práticas supersticiosas dos povos antigos. A pergunta sobre a realidade dos demônios, obviamente, não pode ser resolvida pela arqueologia. Entretanto, os pesquisadores podem demonstrar que a ideia de que os escritores do NT apenas compartilhavam percepções pré-científicas de seus contemporâneos é simplista e enganosa.

Os demônios no antigo Oriente Médio

Na sociedade do antigo Oriente Médio, eram abundantes os textos que continham encantamentos e amuletos mágicos que supostamente protegiam as pessoas dos espíritos maus (os encantamentos para defesa contra demônios são “apotropáicos”). Por exemplo, um dos demônios mais temidos nos tempos dos neoassírios era Lamashtu (figura feminina com cabeça de leão). Acreditava-se que ele atacava principalmente as mulheres grávidas e os bebês. Para a proteção das mulheres, usava-se um colar com um pendente do deus Pazuzu. Um enorme número de encantamentos apotropaicos sobreviveu à Babilônia, realizado por meio de palavras mágicas e rituais que envolvem plantas, partes de animais e outros objetos sagrados.¹ Ainda hoje, no Mediterrâneo oriental, não são incomuns os amuletos com a intenção de repelir o “mau-olhado”.

Os demônios na literatura judaica extrabíblica

A literatura judaica antiga também foi influenciada pela magia na questão dos demônios. O livro apócrifo de Tobias conta a história de “Sara, filha de Raguel”, que se casara sete vezes e ficara viúva na noite de núpcias todas as sete vezes, pela intervenção do demônio Asmodeu. Depois disso, Tobias, o filho do cego Tobit, viajou para a Média, onde Sara vivia, na companhia de um homem que se mostrou ser o anjo Rafael. Enquanto Tobias estava sentando à margem

do rio Tigre, um peixe tentou comer seu pé. Rafael orientou Tobias a pegar o peixe e tirar-lhe o fígado, o coração e o fígado. Se ele queimasse o coração e o fígado do peixe na presença de uma pessoa afligida por um demônio, ela seria liberta. Chegando à Média, Rafael informou Tobias de que ele se casaria com Sara e poderia desafiar Asmodeu, queimando o fígado e o coração do peixe quando chegasse diante dela. Tobias, com confiança, tomou Sara como esposa e usou o fígado do peixe para curar a cegueira de Tobit.

O *Testamento de Salomão* também ilustra a crença difundida na magia apotropaica. Trata-se de uma obra **pseudepigráfica** (escrito que falsamente reivindica a autoria de alguma personagem famosa do AT) atribuída a Salomão. Nessa obra, Salomão recebe um anel poderoso do anjo Miguel. Com esse anel, ele poderia prender ou controlar demônios e livrar as pessoas da aflição. Por exemplo, Salomão forçou o demônio Lix Tetra a ajudar a construir o templo, arremessando pedras para os trabalhadores.

Demônios no AT

O AT é consideravelmente reservado a respeito dos espíritos maus, de forma que parece não haver uma demonologia desenvolvida. Mesmo assim, três fatos sobressaem:

✚ Não há nenhum encantamento, ritual ou amuleto prescrito para dar proteção individual contra os espíritos. Considerando-se que grande parte da *Torá* é dedicada a rituais e a objetos sagrados, essa omissão é notável.

✚ O AT mostra que Deus tem plena autoridade sobre os espíritos, que não podem operar no mundo sem a aprovação dele. Se um “espírito mentiroso”

começa a agir, é porque obteve consentimento divino (1Rs 22.23; cf. Jó 1 e 2).

✚ A preocupação principal dos escritores do AT era que as pessoas evitassem buscar ajuda nos poderes mágicos por meio do contato com os espíritos (e.g., Dt 18.10-12).

Demônios no NT

O NT demonstra duas realidades sobre espíritos maus:

✚ Só Jesus (Lc 4.41) tem poder absoluto sobre eles, porém era uma questão de autoridade divina, não de magia ou feitiçaria.

✚ O NT ridiculariza as reivindicações de mágicos, descrevendo sua incapacidade de lidar com os espíritos reais. Os esforços fracassados de Simão, o feitiçeiro (At 8.9-24), e dos filhos de Ceva (At 19.14-16) para obter autoridade apostólica demonstra que os milagres do NT não tinham ligação com a magia antiga.²

Jesus não utilizou espíritos demoníacos nem tentou mantê-los sob suas ordens.



Impressão de uma mão, usada como amuleto para repelir o mal

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Museu de Israel

¹Para exemplos do antigo Oriente Médio, ver “Ritual hitita contra a praga”, em Jó 18; e “Oração de agradecimento de um pagão”, em Sl 116. ²Ver “Milagres proféticos e mágicos no século I d.C.”, em Lc 19; e “A magia no mundo greco-romano”, em Gl 5.

8.26 Mt 6.30;
Sl 65.7; 89.9;
107.29

²⁶ Ele perguntou: “Por que vocês estão com tanto medo, homens de pequena fé?”^a Então ele se levantou e repreendeu os ventos e o mar, e fez-se completa bonança.^r ²⁷ Os homens ficaram perplexos e perguntaram: “Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?”

A Cura de Dois Endemoninhados (Mc 5.1-20; Lc 8.26-39)

8.28 Mt 4.24

²⁸ Quando ele chegou ao outro lado, à região dos gadarenos^a, foram ao seu encontro dois endemoninhados,^s que vinham dos sepulcros. Eles eram tão violentos que ninguém podia passar por aquele caminho. ²⁹ Então eles gritaram: “Que queres conosco,^t Filho de Deus? Vieste aqui para nos atormentar antes do devido tempo?”^u

8.29 Lz 11.12;
2Sm 16.10;
1Rs 17.18;
Mc 1.24; Lc 4.34;
Jo 2.4; 2Pe 2.4

³⁰ A certa distância deles estava pastando uma grande manada de porcos. ³¹ Os demônios imploravam a Jesus: “Se nos expulsas, manda-nos entrar naquela manada de porcos”.

³² Ele lhes disse: “Vão!” Eles saíram e entraram nos porcos, e toda a manada atirou-se precipício abaixo, em direção ao mar, e morreu afogada. ³³ Os que cuidavam dos porcos fugiram, foram à cidade e contaram tudo, inclusive o que acontecera aos endemoninhados. ³⁴ Toda a cidade saiu ao encontro de Jesus, e, quando o viram, suplicaram-lhe que saísse do território deles.^v

8.34 Lc 5.8;
At 16.39

Jesus Cura um Paralítico (Mc 2.1-12; Lc 5.17-26)

9.3 Mt 11.3
9.2 Mt 4.24; Iv.
22; Jo 16.33;
Lc 7.48

9 Entrando Jesus num barco, atravessou o mar e foi para a sua cidade.^w ² Alguns homens trouxeram-lhe um paralítico,^x deitado em sua maca. Vendo a fé que eles tinham,^y Jesus disse ao paralítico: “Tenha bom ânimo,^z filho; os seus pecados estão perdoados”.^a

9.3 Mt 26.65;
Jo 10.33

³ Diante disso, alguns mestres da lei disseram a si mesmos: “Este homem está blasfemando!”^b

9.4 Sl 94.11;
Mt 12.25; Lc 6.8;
9.47; 11.17

⁴ Conhecendo Jesus seus pensamentos,^c disse-lhes: “Por que vocês pensam maliciosamente em seu coração? ⁵ Que é mais fácil dizer: ‘Os seus pecados estão perdoados’, ou: ‘Levante-se e ande’?”

9.8 Mt 8.20

⁶ Mas para que vocês saibam que o Filho do homem^d tem na terra autoridade para perdoar pecados” — disse ao paralítico: “Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”. ⁷ Ele se levantou e foi. ⁸ Vendo isso, a multidão ficou cheia de temor e glorificou a Deus,^e que dera tal autoridade aos homens.

9.8 Mt 5.16;
15.31; Lc 7.16;
13.13; 17.15;
23.47; Jo 15.8;
At 4.21; 11.18;
21.20

O Chamado de Mateus (Mc 2.13-17; Lc 5.27-32)

⁹ Saindo, Jesus viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria, e disse-lhe: “Siga-me”. Mateus levantou-se e o seguiu.

^a 8.28 Alguns manuscritos trazem *gergesenos*; outros dizem *gerasenos*.

VOZES ANTIGAS

Ele explicou o assunto [a intenção de Tobias, de se casar com Sara] para Raguel, e Raguel disse a Tobias: “Coma e beba, alegre-se esta noite. Pois é bom que você se case com minha filha. Contudo, devo explicar a você a verdadeira situação. Dei-a a sete homens, e eles morreram à noite, quando se achegaram a ela. Mas, por agora, alegre-se”. Tobias, porém, disse: “Não provarei nada aqui até que você resolva esse assunto comigo”. E Raguel disse: “Receba-a a partir deste momento, de acordo com sua decisão. Você é parente dela, e ela é sua. Pode ser que Deus, o Misericordioso, guie você e o faça prosperar maravilhosamente”. Então Raguel chamou sua filha Sara, tomou-a pela sua mão e entregou-a a Tobias como esposa. E ele disse: “Agora, de acordo com a Lei de Moisés, receba-a, e vá para seu pai”. E Raguel os abençoou. Então ele chamou sua esposa Edna, tomou um rolo, escreveu uma autorização de casamento e a selou. Então eles foram jantar. Depois Raguel dirigiu-se à sua esposa Edna e disse: “Querida, prepare o outro quarto, e leve-a para lá”. Ela fez como ele disse e levou-a para lá; e ela se lamentou. Então enxugou as lágrimas da filha e disse: “Tenha coragem, filha! Talvez o Deus do céu e da terra lhe dê alegria, em vez desse sofrimento. Tenha coragem, filha!”. Quando eles terminaram o jantar, levaram Tobias para ela. Quando entrou, Tobias lembrou-se das palavras do anjo Rafael e tomou algumas brasas acesas e colocou o coração e o fígado do peixe sobre elas, de forma que produziram fumaça. Quando o demônio sentiu o cheiro, bateu em retirada e fugiu para o alto Egito, e o anjo Rafael o prendeu.

^a As palavras entre colchetes foram acrescentadas pelo tradutor para dar mais clareza ao texto

— TOBIAS TOMA SARA COMO ESPOSA E FRUSTRA UM DEMÔNIO, DE ACORDO COM O LIVRO DE TOBIAS

De Tobias 7.10—8.3 (*Septuaginta*, tradução por Duane Garrett)

Ver o artigo “Os demônios e a Bíblia”, em Mt 8.

8.28 A “região dos gadarenos” era provavelmente a área ao redor da cidade de Gadara, 9,7 quilômetros a sudeste do mar da Galileia. Marcos e Lucas identificaram a região pela cidade mais importante, Gerasa, localizada 56 quilômetros a sudeste do mar (ver “Gergesenos, gerasenos ou gadarenos?”, em Mc 5).

8.30 Um grande número de gentios vivia na Galileia (ver “A Galileia nos tempos de Jesus”, em Mt 15). Os judeus não criavam porcos, porque estes, cerimonialmente, eram considerados os mais impuros de todos os animais. 8.31 O pedido dos demônios para passarem aos porcos teria o agrado dos judeus, que consideravam porcos tão “impuros” quanto os demônios (ver “Alimentos puros e impuros na Bíblia e no antigo Oriente Médio”,

em Lv 11). Mas esse incidente aconteceu em território gentio. Esses porcos provavelmente eram criados para fins comerciais.

9.3 Para mais informações sobre os “mestres da lei” no NT, ver nota em At 5.34.

9.9 Mateus, filho de Alfeu (Mc 2.14), cobrador de impostos, também era chamado de Levi (Mc 2.14; Lc 5.27). Os nomes duplos eram comuns entre os judeus, por isso resta pouca dúvida de que Levi e Mateus sejam a mesma pessoa. Levi provavelmente mudou seu nome para Mateus (“presente de Yahweh”) quando se tornou discípulo de Jesus.

Mateus talvez fosse responsável por coletar as taxas de pedágios de comércio ou impostos sobre a pesca no mar da Galileia — uma taxa pesada

¹⁰ Estando Jesus em casa^a, foram comer com ele e seus discípulos muitos publicanos e pecadores. ¹¹ Vendo isso, os fariseus perguntaram aos discípulos dele: “Por que o mestre de vocês come com publicanos e pecadores?”^m

9.11 Mt 11.19;
Lc 5.30; 15.2;
Gl 2.15

¹² Ouvindo isso, Jesus disse: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes. ¹³ Vão aprender o que significa isto: ‘Desejo misericórdia, não sacrifícios’^b.⁹ Pois eu não vim chamar justos, mas pecadores”.^h

9.13 Os 6.6;
Mt 6.6-8; Mt 12.7;
Tm 1.15

Jesus é Interrogado acerca do Jejum (Mc 2.18-22; Lc 5.33-39)

¹⁴ Então os discípulos de João vieram perguntar-lhe: “Por que nós e os fariseus jejuamos,ⁱ mas os seus discípulos não?”

9.14 Lc 18.12

¹⁵ Jesus respondeu: “Como podem os convidados do noivo ficar de luto enquanto o noivo está com eles? Virão dias quando o noivo lhes será tirado; então jejuarão.^k

9.15 Jo 3.29;
Mt 13.2,3; 14.23

¹⁶ “Ninguém põe remendo de pano novo em roupa velha, pois o remendo forçará a roupa, tornando pior o rasgo. ¹⁷ Nem se põe vinho novo em vasilha de couro velha; se o fizer, a vasilha reventará, o vinho se derramará e a vasilha se estragará. Ao contrário, põe-se vinho novo em vasilha de couro nova; e ambos se conservam”.

O Poder de Jesus sobre a Doença e a Morte (Mc 5.21-43; Lc 8.40-56)

¹⁸ Falava ele ainda quando um dos dirigentes da sinagoga chegou, ajoelhou-se diante dele^l e disse: “Minha filha acaba de morrer. Vem e impõe a tua mão sobre ela,^m e ela viverá”. ¹⁹ Jesus levantou-se e foi com ele, e também os seus discípulos.

9.18 Mt 8.2;
Mc 5.23

²⁰ Nisso uma mulher que havia doze anos vinha sofrendo de hemorragia, chegou por trás dele e tocou na borda do seu manto,ⁿ ²¹ pois dizia a si mesma: “Se eu tão somente tocar em seu manto, ficarei curada”.

9.20 Mt 14.36;
Mc 3.10

²² Voltando-se, Jesus a viu e disse: “Ânimo, filha, a tua fé a curou!”^o E desde aquele instante a mulher ficou curada.^p

9.22 Mc 10.52;
Lc 7.50; 17.19;
18.42; Mt 15.28

²³ Quando ele chegou à casa do dirigente da sinagoga e viu os flautistas e a multidão agitada,^q ²⁴ disse: “Saíam! A menina não está morta,^r mas dorme”.^s Todos começaram a rir dele. ²⁵ Depois que a multidão se afastou, ele entrou e tomou a menina pela mão, e ela se levantou. ²⁶ A notícia deste acontecimento espalhou-se por toda aquela região.^t

9.23 Mt 35.25;
Jr 9.17,18
9.24 At 20.10;
Jo 11.11-14
9.26 Mt 4.24

A Cura de Dois Cegos e de Um Mudo

²⁷ Saindo Jesus dali, dois cegos o seguiram, clamando: “Filho de Davi,^u tem misericórdia de nós!”

9.27 Mt 15.22;
Mc 10.47;
Lc 18.38,39

²⁸ Entrando ele em casa, os cegos se aproximaram, e ele lhes perguntou: “Vocês creem que eu sou capaz de fazer isso?”

Eles responderam: “Sim, Senhor!”

²⁹ E ele, tocando nos olhos deles, disse: “Que seja feito segundo a fé que vocês têm!”^v ³⁰ E a visão deles foi restaurada. Então Jesus os advertiu severamente: “Cuidem para que ninguém saiba disso”.^w

9.29 Mt 22;
9.30 Mt 8.4

³¹ Eles, porém, saíram e espalharam a notícia por toda aquela região.^x

9.31 Mt 26;
Mc 7.36

³² Enquanto eles se retiravam, foi levado a Jesus um homem endemoninhado^y que não podia falar.^z

9.32 Mt 4.24;
Mt 12.22-24
9.33 Mc 2.12

³³ Quando o demônio foi expulso, o mudo começou a falar. A multidão ficou admirada e disse: “Nunca se viu nada parecido em Israel!”^a

³⁴ Mas os fariseus diziam: “É pelo príncipe dos demônios que ele expulsa demônios”.^b

9.34 Mt 12.24;
Lc 11.15

^a 9.10 Ou na casa de Mateus; veja Lc 5.29.

^b 9.13 Os 6.6.

^c 9.22 Ou a salvou!

arrancada dos esforçados galileus. Os romanos impuseram tributos ou impostos (tipicamente um pedágio de estrada) em todos seus domínios para a manutenção do governo das províncias (ver nota em Mt 5.46; ver também “Impostos romanos”, em Rm 11).

A prontidão com que Mateus atendeu ao chamado de Jesus parece indicar que ele já tivera contato prévio com Jesus e com seus ensinamentos e já havia decidido dedicar sua vida à sua causa. Que Jesus tenha escolhido como discípulo um judeu cobrador de impostos a serviço do governo romano é de fato notável. Os cobradores de impostos eram odiados pelos próprios compatriotas e considerados mais que traidores. Contudo, as habilidades e o potencial de Mateus eram sem dúvida de grande valor para Jesus. Como cobrador de impostos, Mateus estava qualificado a escrever e manter registros. Além da menção de seu nome nas listas dos apóstolos (10.3; Mc 3.18; At 1.13), não são encontradas informações adicionais a respeito de Mateus no NT.

9.10 Ver “Refeições judaicas e costumes relativos às refeições”, em Mt 9.11 Para mais informações sobre os fariseus, ver nota em 3.7.

9.17 Ver “Vinho e bebida alcoólica no mundo antigo”, em 1Pe 4. Antigamente, usavam-se odres de pele de cabra para guardar vinho. Quando o suco de uva fresco fermentava, o vinho se expandia, e o recipiente novo esticava — um odre usado, com a pele já esticada, acabaria se rompendo.

9.20 A mulher com hemorragia era considerada ritualmente impura e excluída das relações sociais e religiosas. Ser curada por Jesus removeu o estigma de sua condição e preparou o caminho para sua reintegração à vida social e religiosa da comunidade.

9.23 Contratavam-se músicos para tocar lamentos nas cerimônias (ver “Pano de saco e cinzas: rituais de lamentação”, em Sl 30).

9.25 Tocar um cadáver tornava a pessoa “impura” (ver Nm 19.14-16), mas Jesus restabeleceu uma menina à vida, transformando impureza em pureza.

Poucos São os Trabalhadores

³⁵ Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas-novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças.³⁶ Ao ver as multidões, teve compaixão delas,^d porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor.^e ³⁷ Então disse aos seus discípulos: “A colheita^f é grande, mas os trabalhadores são poucos.^g ³⁸ Peçam, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para a sua colheita”.

9.35-Mt 4.23

9.36-Mt 14.14;

Nm 27.17;

Ex 34.5,6; Zc 10.2;

Mc 6.34

9.37-Jo 4.35;

Lc 10.2

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Refeições judaicas e costumes relativos às refeições

MATEUS 9

A origem dos hábitos alimentares do NT

As referências a alimentos e refeições no NT, especialmente nos Evangelhos, combina características das práticas greco-romanas com tradições religiosas judaicas. Dos hábitos greco-romanos registramos o seguinte:

- ✦ As refeições públicas, ou banquetes, proporcionavam um importante local de encontro social e religioso, por definir e proporcionar comunhão (Mt 9.10; 11.19).
- ✦ A refeição era seguida por um período de música ou de conversas prolongadas.
- ✦ A postura normal para comer era reclinada para um dos lados (Lc 7.36; 22.14).

A maioria das práticas alimentares que vemos nos Evangelhos, entretanto, era derivada do judaísmo. Dos ensinamentos religiosos judaicos registramos o seguinte:

- ✦ A santidade dos alimentos no judaísmo era orientada pela interpretação do complexo sistema *kosher* (comidas preparadas de acordo com os preceitos religiosos judaicos). Os animais aceitáveis eram aqueles que ruminavam e tinham os cascos divididos em dois. Os peixes com escamas e barbatanas e certos tipos de pássaros também eram permitidos. A Bíblia proibia determinados tipos de comidas

consideradas pagãs ou adquiridas por meios cruéis — por exemplo, o consumo de carne tomada de um animal ainda vivo ou de um animal achado morto, de sangue ou de um cabrito ou filhote cozido no leite da própria mãe.

✦ A proibição bíblica de associação com os pecadores (Sl 1.1; Pv 13.20; 14.7) desenvolveu-se na tradição judaica como uma advertência contra associação imprópria ou excessivamente íntima com os maus, especialmente na hora da refeição (1Co 15.33; Eclesiástico 6.7-12; 12.13-18).¹

✦ As exigências do sistema levítico de pureza alimentar restringiam grandemente a possibilidade de refeições compartilhadas entre judeus e gentios (At 10.28; Gl 2.12).

✦ Os fariseus, conhecidos pela sua interpretação rigorosa das Escrituras, aplicavam à própria mesa da comunhão até mesmo as mais elevadas restrições de pureza do templo.² Desse modo, tentavam fazer suas refeições num estado de pureza ritual semelhante ao dos sacerdotes, como forma de consagrar a vida a Deus.³

A importância das práticas alimentares do NT

Os intérpretes apresentam várias explicações para as leis alimentares judaicas.⁴ Alguns sustentam que elas foram planejadas antes de tudo por questões de higiene e de boa saúde, enquanto outros argumentam

que a fuga às práticas idólatras era a razão principal das leis de purificação. Outros ainda entendem que essas leis funcionavam como simples limite artificial para lembrar os judeus de que eles eram diferentes dos gentios. A maioria dos judeus parecia acreditar que essas restrições eram uma expressão concreta e diária de *santidade* (Lv 11.44,45), também expressa nas refeições judaicas pelo ato de dar o dízimo de todos os meios de sustento, a recitação de bênçãos antes e depois de cada refeição (Dt 8.10; Jo 6.11; 1Co 11.24) e a observação de cada festa no calendário litúrgico por meio de comidas diferentes, preparadas de maneiras diferentes.⁵

O cumprimento das leis alimentares adquiriu novo significado na era dos macabeus, quando “muitos em Israel ficaram firmes, decididos intimamente a não comerem nada impuro. Preferiam morrer a se contaminar com esses alimentos, profanando a Aliança sagrada” (1Macabeus 1.62,63, *Tradução da CNBB, 2ª Edição*).⁶ Essa realidade histórica, unida à imagem profética herdada pelo povo, conduziu ao conceito de um grande banquete messiânico, em que o justo desfrutaria a hospitalidade de Deus na era vindoura (Is 25.6-8; Mt 22.1-10; Ap 19.9-17).

¹Eclesiástico é um livro Apócrifo. ²Ver “Os fariseus”, em Mt 5. ³Ver “Pureza ritual em Israel e no antigo Oriente Médio”, em Lv 10; e “Sacerdócio judaico e vida religiosa no século I d.C.”, em Lc 18. ⁴Ver “Alimentos puros e impuros na Bíblia e no antigo Oriente Médio”, em Lv 11. ⁵Ver “Festas de Israel”, em Lv 23. ⁶O livro de 1Macabeus é apócrifo.

Jesus Envia os Doze (Mc 5.7-13; Lc 9.1-6)

10 Chamando seus doze discípulos, deu-lhes autoridade para expulsar espíritos imundos^a e curar todas as doenças e enfermidades.

² Estes são os nomes dos doze apóstolos: primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; ³ Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; ⁴ Simão, o zelote, e Judas Iscariotes, que o traiu.¹

⁵ Jesus enviou os doze com as seguintes instruções: “Não se dirijam aos gentios^b, nem entrem em cidade alguma dos samaritanos.¹ ⁶ Antes, dirijam-se às ovelhas perdidas de Israel.^k ⁷ Por onde forem, puguem esta mensagem: O Reino dos céus^l está próximo. ⁸ Curem os enfermos, ressuscitem os mortos, purifiquem os leprosos^c, expulsem os demônios. Vocês receberam de graça; deem também de graça. ⁹ Não levem nem ouro, nem prata, nem cobre em seus cintos;^m ¹⁰ não levem nenhum saco de viagem, nem túnica extra, nem sandálias, nem bordão; pois o trabalhador é digno do seu sustento.ⁿ

¹¹ “Na cidade ou povoado em que entrarem, procurem alguém digno de recebê-los, e fiquem em sua casa até partirem. ¹² Ao entrarem na casa, saúdem-na.^o ¹³ Se a casa for digna, que a paz de vocês repouse

10.1 ¹Mc 3.13-15; Lc 9.1

10.4 ¹Mt 26.14-16, 25, 47; Jo 13.2, 26, 27; 10.5 ²2Rs 17.24; Lc 9.52; Jo 4.4-26, 39, 40; At 8.5, 25; 10.6 ³Jr 50.6; Mt 15.24; 10.7 ⁴Mt 3.2; 10.9 ⁵Lc 22.35; 10.10 ⁶1Tm 5.18

10.12 ¹Sm 25.6

^a 10.1 Ou *malignos*.

^b 10.5 Isto é, os que não são judeus; também no versículo 18.

^c 10.8 O termo grego não se refere somente à lepra, mas também a diversas doenças da pele.

10.3 Para mais informações sobre Bartolomeu, ver nota em Lc 6.14. Tadeu só é mencionado duas vezes nas Escrituras — em duas das quatro listas de apóstolos (aqui e em Mc 3.18). Em Mateus 10.3, a ARC traduz assim: “Lebeu, apelidado Tadeu”. As outras duas listas (Lc 6.16; At 1.13) inserem “Judas, filho de Tiago”, em vez desse nome. Nada mais se sabe com certeza a respeito desse discípulo, porém ele é mencionado em Jo 14.22. Existia um *Evangelho de Tadeu*, não autêntico.

10.4 O rótulo “o Zelote” descreve o zelo religioso de Simão ou então se trata uma referência à sua associação ao partido dos zelotes, grupo revolucionário judeu que se opunha com violência ao poder romano sobre a Terra Santa (ver “Os zelotes e os essênios”, em Mt 10). Os zelotes eram membros de um partido patriótico judaico, iniciado durante o tempo de Quirino, para resistir à opressão romana. De acordo com Josefo (*Guerras judaicas*, 4.3.9; 5.1; 7.8.1), os zelotes recorriam à violência e ao assassinato para expressar seu ódio pelos romanos. Esse fanatismo às vezes

resultava em confronto armado com os romanos. Simão, o Zelote, era distinguido de Simão Pedro por esse epíteto (Lc 6.15; At 1.13).

10.5 Os samaritanos eram uma raça de sangue misturado, resultado do casamento misto entre os israelitas deixados para trás quando os habitantes do Reino do Norte foram exilados e os gentios trazidos para a terra de Israel pelos assírios (ver notas em 2Rs 17.24-41; 24.10-12). Havia amarga hostilidade entre judeus e samaritanos nos dias de Jesus (ver “Os samaritanos”, em Jo 8).

10.8 Ver nota na NVI; ver também “Doenças de pele no mundo antigo”, em Lv 13.

10.9 Para os “cintos”, ver nota em Lc 10.4.

10.10 Ver “Antigas roupas e joias israelitas”, em Is 3; e “Vestúrio de moda no mundo greco-romano”, em Tg 3.

10.12 A saudação judaica era *shalom*, que significava “paz”.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Os zelotes e os essênios

MATEUS 10 Os zelotes eram judeus radicais que recorriam à subversão violenta do regime romano na Judeia sob o grito de guerra: “Nenhum rei, mas Deus!”. Chegaram à proeminência durante a revolta judaica contra Roma que durou de 66 a 73 d.C., mas as raízes da violência vão muito mais longe. Enquanto os estudiosos debatam se havia um movimento contínuo, organizado e abrangente de revolução no século I d.C., pelo menos é interessante perceber que alguns dos líderes da revolução em 66 d.C. eram descendentes diretos de homens que

havam lutado contra Roma no século I a.C.¹ Ao defender a resistência sem violência aos inimigos, Jesus talvez tivesse confrontado diretamente a revolução armada.²

Os essênios eram outro grupo de protestos no judaísmo antigo. Essa facção desenvolveu-se provavelmente na metade do século II a.C., restaurando movimentos surgidos durante a Revolta dos Macabeus. No século I d.C., os essênios eram uma força significativa na renovação no judaísmo. À semelhança dos fariseus, estavam preocupados com a pureza e exigiam uma adesão estrita

à Lei, embora os dois grupos discordassem em pontos particulares de interpretação e prática.³ Os essênios eram notáveis por suas tendências ascéticas, pela não participação na adoração no templo e pela característica de se isolar em comunidades fechadas. Alguns essênios mais radicais, que seguiram o chamado Mestre da Justiça, finalmente desistiram da esperança de renovação por vias normais e retiraram-se para o deserto da Judeia, fixando-se nas proximidades do mar Morto.

¹Ver “O período intertestamental”, em Mi 3.

²Ver “Conflitos messiânicos e a queda de Jerusalém”, em Mc 4.

³Ver “Os fariseus”, em Mt 5; e “Pureza ritual em Israel e no antigo Oriente Médio”, em Lv 10.

10.14 ^aNe 5.13;
Lc 10.11; At 13.51;
10.15 ^aMt 12.36;
2Pe 2.9; 1Jo 4.17;
2Pe 2.6;
^aMt 11.22,24;
10.16 ^aLc 10.3;
^aRm 16.19
10.17 ^aMt 5.22;
^aMt 23.34;
Mc 13.9; At 5.40;
26.11
10.18 ^aAt 25.24-
26
10.19 ^aEx 4.12
10.20 ^aAt 4.8
10.21 ^av. 35.36;
Mq 7.6
10.22 ^aMt 24.13;
Mc 13.13

10.24 ^aLc 6.40;
Jo 13.16; 15.20
10.25 ^aMc 3.22

10.26 ^aMc 4.22;
Lc 8.17

10.28 ^aIs 8.12,13;
Hb 10.31

10.30 ^a1Sm 14.45;
2Sm 14.11;
Lc 21.18; At 27.34
10.31 ^aMt 12.12
10.32 ^aRm 10.9
10.33 ^aMc 8.38;
2Tm 2.12

10.35 ^av. 21

10.36 ^aMq 7.6

10.37 ^aLc 14.26

10.38 ^aMt 16.24;
Lc 14.27

10.39 ^aLc 17.33;
Jo 12.25

10.40 ^aMt 18.5;
Gl 4.14; ^aLc 9.48;
Jo 12.44; 13.20

10.42 ^aMt 25.40;
Mc 9.41; Hb 6.10

sobre ela; se não for, que a paz retorne para vocês. ¹⁴ Se alguém não os receber nem ouvir suas palavras, sacudam a poeira dos pés^p quando saírem daquela casa ou cidade. ¹⁵ Eu digo a verdade: No dia do juízo^q haverá menor rigor para Sodoma e Gomorra^r do que para aquela cidade.^s ¹⁶ Eu os estou enviando como ovelhas no meio de lobos.^t Portanto, sejam astutos como as serpentes e sem malícia como as pombas.^u

¹⁷ “Tenham cuidado, pois os homens os entregarão aos tribunais^v e os açoitarão nas sinagogas deles.^w ¹⁸ Por minha causa vocês serão levados à presença de governadores e reis^x como testemunhas a eles e aos gentios. ¹⁹ Mas, quando os prenderem, não se preocupem quanto ao que dizer, ou como dizê-lo.^y Naquela hora, será dado o que dizer, ²⁰ pois não serão vocês que estarão falando, mas o Espírito do Pai^z de vocês falará por intermédio de vocês.

²¹ “O irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai, o seu filho; filhos se rebelarão contra seus pais^a e os matarão. ²² Todos odiarão vocês por minha causa, mas aquele que perseverar até o fim será salvo.^b ²³ Quando forem perseguidos num lugar, fujam para outro. Eu garanto que vocês não terão percorrido todas as cidades de Israel antes que venha o Filho do homem.

²⁴ “O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo acima do seu senhor.^c ²⁵ Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se o dono da casa foi chamado Belzebu,^d quanto mais os membros da sua família!

²⁶ “Portanto, não tenham medo deles. Não há nada escondido que não venha a ser revelado, nem oculto que não venha a se tornar conhecido.^e ²⁷ O que eu digo a vocês na escuridão, falem à luz do dia; o que é sussurrado em seus ouvidos, proclamem dos telhados. ²⁸ Não tenham medo dos que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Antes, tenham medo daquele^f que pode destruir tanto a alma como o corpo no inferno. ²⁹ Não se vendem dois pardais por uma moedinha^g? Contudo, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do Pai de vocês. ³⁰ Até os cabelos da cabeça de vocês estão todos contados.^h ³¹ Portanto, não tenham medo; vocês valem mais do que muitos pardais!ⁱ

³² “Quem, pois, me confessar diante dos homens,^j eu também o confessarei diante do meu Pai que está nos céus. ³³ Mas aquele que me negar diante dos homens, eu também o negarei diante do meu Pai que está nos céus.^k

³⁴ “Não pensem que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. ³⁵ Pois eu vim para fazer que

“ o homem fique contra seu pai,

a filha contra sua mãe,

a nora contra sua sogra;^k

³⁶ os inimigos do homem serão os da sua própria família^b!^l

³⁷ “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim;^m ³⁸ e quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim.ⁿ ³⁹ Quem acha a sua vida a perderá, e quem perde a sua vida por minha causa a encontrará.^o

⁴⁰ “Quem recebe vocês, recebe a mim;^p e quem me recebe, recebe aquele que me enviou.^q ⁴¹ Quem recebe um profeta, porque ele é profeta, receberá a recompensa de profeta, e quem recebe um justo, porque ele é justo, receberá a recompensa de justo. ⁴² E, se alguém der mesmo que seja apenas um copo de água fria a um destes pequeninos, porque ele é meu discípulo, eu asseguro que não perderá a sua recompensa”.^r

Jesus e João Batista (Lc 7.18-35)

11 Quando acabou de instruir seus doze discípulos,^s Jesus saiu para ensinar e pregar nas cidades da Galileia.

² João, ao ouvir na prisão^t o que Cristo estava fazendo, enviou seus discípulos para lhe perguntarem: ³ “És tu aquele que haveria de vir^u ou devemos esperar algum outro?”

^a 10.29 Grego: *um asse*.

^b 10.35,36 Mq 7.6

^c 11.1 Grego: *cidades deles*.

10.14 Sacudir o pó dos pés era um ato simbólico praticado pelos fariseus quando eles deixavam uma área gentia cerimonialmente impura. Aqui representa uma advertência solene aos que rejeitam a mensagem de Deus.

10.15 Ver “A destruição de Sodoma e Gomorra”, em Gn 19.

10.17 Os “tribunais” aqui estão associados com as sinagogas locais (ver “Sinagogas antigas”, em At 9). Eles julgavam os casos menos graves e podiam açoitá-los culpados.

10.25 Belzebu é a forma grega do nome hebraico Baal-Zebube. É amplamente aceito que signifique “o senhor das moscas” e seja uma paródia e escárnio de Baal-Zebul, antigo nome do deus Baal, que significa “príncipe Baal”. O significado preciso de Belzebu/Baal-Zebul é desconhecido, e não sabemos como veio ser usado como nomes de Satanás.

10.40-42 Durante os tempos de perseguição, a hospitalidade era especialmente importante e podia acarretar perigo aos hospedeiros.

⁴ Jesus respondeu: “Voltem e anunciem a João o que vocês estão ouvindo e vendo: ⁵ os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos^a são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e as boas-novas são pregadas aos pobres;” ⁶ e feliz é aquele que não se escandaliza por minha causa.”^w

⁷ Enquanto saíam os discípulos de João,^x Jesus começou a falar à multidão a respeito de João: “O que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? ⁸ Ou, o que foram ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que usam roupas finas estão nos palácios reais. ⁹ Afinal, o que foram ver? Um profeta?” Sim, eu digo a vocês, e mais que profeta. ¹⁰ Este é aquele a respeito de quem está escrito:

“Enviarei o meu mensageiro
à tua frente;
ele preparará o teu caminho diante de ti”^{b, z}

¹¹ Digo a verdade a vocês: Do meio dos nascidos de mulher não surgiu ninguém maior do que João Batista; todavia, o menor no Reino dos céus é maior do que ele. ¹² Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos céus é tomado à força, e os que usam de força se apoderam dele. ¹³ Pois todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. ¹⁴ E se vocês quiserem aceitar, este é o Elias que havia de vir.^a

¹⁵ Aquele que tem ouvidos, ouça!^b

¹⁶ “A que posso comparar esta geração? São como crianças que ficam sentadas nas praças e gritam umas às outras:

¹⁷ “Nós tocamos flauta,
mas vocês não dançaram;
cantamos um lamento,
mas vocês não se entristeceram”.

^a 11.5 O termo grego não se refere somente à lepra, mas também a diversas doenças da pele.

^b 11.10 Mt 3.1.

11.5 ¹Sm 35.4-6; 61.1; Lc 4.18, 19

11.6 ¹Mt 13.21

11.7 ¹Mt 3.1

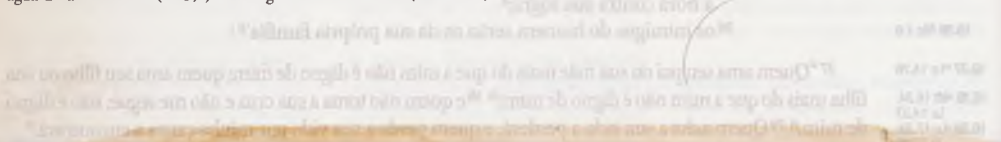
11.9 ¹Mt 21.26; Lc 1.76
11.10 ¹Mt 3.1; Mc 1.2

11.14 ¹Mt 4.5; Mt 17.10-13; Mc 9.11-13; Lc 1.17; Jo 1.21
11.15 ¹Mt 13.9, 43; Mc 4.23; Lc 14.35; Ap 2.7

11.5 Sobre a “lepra”, ver nota da NVI; ver também “Doenças de pele no mundo antigo”, em Lv 13.

11.16, 17 A palavra do NT para “mercado” é “ágora”, o centro cívico no qual as pessoas se reuniam para a recreação (v. 16, 17), os desocupados aguardavam trabalho (20.3, 6) e os orgulhosos se exibiam (Mc 12.38;

Lc 11.43). A ágora era simultaneamente tribunal (At 16.19) e fórum (At 17.17). De uma loja de esquina, o mercado desenvolveu-se em grande centro de múltiplos propósitos urbanos (ver “A ágora antiga”, em At 16).



SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

CORAZIM

MATEUS 11 No início de seu ministério, Jesus deixou sua cidade natal, Nazaré, e estabeleceu-se em Cafarnaum, situada na costa norte do mar de Galileia.¹ Ele ministrou em Cafarnaum e nas cidades perto de Corazim e Betsaida (ver mapa 11 para localizar todas as três cidades). Corazim é mencionada na Bíblia apenas em Mateus 11.21 e na passagem paralela de Lucas 10.13, nas quais as três cidades encontram-se sob a condenação de Jesus por falta de arrependimento. Afinal, eram “as cidades em que havia sido realizada a maioria dos seus milagres” (Mt 11.20).

Corazim está localizada cerca de 4 quilômetros ao norte de Cafarnaum, num altiplano de basalto conhecido como planalto de Corazim, 244 metros acima do nível do mar da Galileia. É descrita em fontes judaicas como uma cidade de porte médio, notável por sua produção de trigo. A estrada principal para Damasco passava a uma pequena distância ao norte, por isso o comércio e a agricultura desempenhavam um papel importante na economia da comunidade.

As ruínas de Corazim cobriam uma área de mais de 80 acres (ca. 32 hectares). Escavações e fontes literárias indicam que

a cidade foi fundada no século I d.C. e prosperou até a conquista árabe, no século VIII. Foram descobertos um centro urbano e vários complexos domésticos, tudo feito com basalto negro do local, datando do séculos III a VIII d.C. O centro urbano, organizado na direção leste-oeste no planalto suavemente inclinado, consiste de uma sinagoga, um complexo de banhos rituais, cisternas e edifícios públicos. Depois da conquista árabe, Corazim entrou em decadência e, por fim, foi abandonada.

¹Ver “Cafarnaum”, em Mc 9.

11.18 Mt 3.4;
Lc 1.15
11.19 Mt 9.11

¹⁸ Pois veio João, que jejuava^c e não bebia^d vinho^a, e dizem: 'Ele tem demônio'. ¹⁹ Veio o Filho do homem comendo e bebendo, e dizem: 'Aí está um comilão e bebedor, amigo de publicanos e pecadores'.^a Mas a sabedoria é comprovada pelas obras que a acompanham".

Ai das Cidades que Não se Arrependem (Lc 10.13-15)

11.21 Mc 6.45;
Lc 9.10; Jo 12.21;
Mt 15.21;
Lc 6.17; At 12.20;
Jn 3.5-9
11.22 v. 24;
Mt 10.15
11.23 Mt 4.13;
Kl Sm 14.13-15
11.24 Mt 10.15

²⁰ Então Jesus começou a denunciar as cidades em que havia sido realizada a maioria dos seus milagres, porque não se arrependeram. ²¹ "Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! Porque se os milagres que foram realizados entre vocês tivessem sido realizados em Tiro e Sidom,^g há muito tempo elas se teriam arrependido, vestindo roupas de saco e cobrindo-se de cinzas.^h ²² Mas eu afirmo que no dia do juízo haverá menor rigor para Tiro e Sidom do que para vocês.ⁱ ²³ E você, Cafarnaum,^j será elevada até ao céu? Não, você descerá até o Hades!^k Se os milagres que em você foram realizados tivessem sido realizados em Sodoma, ela teria permanecido até hoje.²⁴ Mas eu afirmo que no dia do juízo haverá menor rigor para Sodoma do que para você".^l

Repouso para os Cansados (Lc 10.21,22)

11.25 Mt 22.42;
Jo 11.41;
Mt 1.26-29
11.27 Mt 28.18;
Lc 3.35; 13.3;
17.2; Jo 10.15
11.28 Jo 7.37
11.29 Jo 13.15;
Fp 2.5; 1Pe 2.21;
1Jo 2.6; 1Jo 6.16
11.30 Jo 5.3

²⁵ Naquela ocasião, Jesus disse: "Eu te louvo, Pai,^m Senhor dos céus e da terra, porque escondeste estas coisas dos sábios e cultos, e as revelaste aos pequeninos.ⁿ ²⁶ Sim, Pai, pois assim foi do teu agrado.

²⁷ "Todas as coisas me foram entregues^o por meu Pai.^p Ninguém conhece o Filho a não ser o Pai, e ninguém conhece o Pai a não ser o Filho e aqueles a quem o Filho o quiser revelar.^q

²⁸ "Venham a mim,^r todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. ²⁹ Tomem sobre o meu jugo e aprendam de mim,^s pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas.^t ³⁰ Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".^u

O Senhor do Sábado (Mc 2.23-3.6; Lc 6.1-11)

12.1 Mt 23.25
12.2 v. 10;
Lc 13.14; 14.3;
Jo 5.10; 7.23;
9.16
12.3 Mt 21.6
12.4 Lv 24.5,9
12.5 Nm 28.9,10;
Jo 7.22,23
12.6 v. 41,42
12.7 Os 6.6;
Mt 6.6-8; Mt 9.13
12.8 Mt 8.20

12 Naquela ocasião, Jesus passou pelas lavouras de cereal no sábado. Seus discípulos estavam com fome e começaram a colher espigas^v para comê-las. ² Os fariseus, vendo aquilo, lhe disseram: "Olha, os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido no sábado".^w

³ Ele respondeu: "Vocês não leram o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam com fome?^x ⁴ Ele entrou na casa de Deus e, junto com os seus companheiros, comeu os pães da Presença, o que não lhes era permitido fazer, mas apenas aos sacerdotes.^y ⁵ Ou vocês não leram na Lei que, no sábado, os sacerdotes no templo profanam esse dia^z e, contudo, ficam sem culpa? ⁶ Eu digo a vocês que aqui está o que é maior do que o templo.^a ⁷ Se vocês soubessem o que significam estas palavras: 'Desejo misericórdia, não sacrifícios',^b não teriam condenado inocentes. ⁸ Pois o Filho do homem^c é Senhor do sábado".

⁹ Saindo daquele lugar, dirigiu-se à sinagoga deles, ¹⁰ e estava ali um homem com uma das mãos atrofiada. Procurando um motivo para acusar Jesus, eles lhe perguntaram: "É permitido curar no sábado?"^d

¹¹ Ele lhes respondeu: "Qual de vocês, se tiver uma ovelha e ela cair num buraco no sábado, não irá pegá-la e tirá-la de lá?^e ¹² Quanto mais vale um homem do que uma ovelha!^f Portanto, é permitido fazer o bem no sábado".

¹³ Então ele disse ao homem: "Estenda a mão". Ele a estendeu, e ela foi restaurada, e ficou boa como a outra. ¹⁴ Então os fariseus saíram e começaram a conspirar sobre como poderiam matar Jesus.^g

12.14 Mt 26.4;
27.1; Mc 3.6;
Lc 6.11; Jo 5.18;
11.53

^a 11.18 Grego: não comendo, nem bebendo.

^b 11.23 Essa palavra pode ser traduzida por inferno, sepulcro, morte ou profundezas.

^c 12.7 Os 6.6.

11.21 Ver "Corazim", em Mt 11. Tiro e Sidom eram cidades da costa fenícia, ao norte da Terra Santa (ver "A queda de Tiro", em Ez 26; e "Sidom", em Zc 9; sobre as "roupas de saco", ver "Pano de saco e cinzas: rituais de lamentação", em Sl 30).

11.23 Para mais informações sobre Cafarnaum, ver nota em 4.13.

11.28 Os fariseus impunham fardos sobre o povo, insistindo na adesão rigorosa à Lei (ver 23.4; ver também "Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos", em Mt 23).

11.29,30 O trabalho principal do carpinteiro era fazer telhados, portas, venezianas para janelas, treliças e molduras de divãs para casas, arados e jugos (cangas). Assim, Jesus conhecia bem o jugo, como também estava informado de vários outros aspectos da vida rural.

A imagem do jugo era comumente usada no AT para descrever a sujeição de Israel à opressão estrangeira (Lv 26.13; Is 10.24-27). Nos tempos de Jesus, havia se tornado uma metáfora para a Lei no judaísmo. O convite

de Jesus contrastava com o fardo militar dos opressores estrangeiros e com o fardo religioso imposto pelos fariseus (ver "Os fariseus", em Mt 5).

12.1 Nos campos de cereais, eram cultivados o trigo e a cevada, esta a comida dos mais pobres.

12.2 Para um fariseu, "o que não é permitido" podia ser tanto um mandamento das Escrituras quanto a interpretação rabínica dessa ordem (ver nota em 3.7; ver também "Os fariseus", em Mt 5; e "Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos", em Mt 23). Os discípulos podiam ser enquadrados em qualquer uma das várias proibições dos rabinos.

12.4 Todos os sábado, 12 pães frescos eram partidos sobre uma mesa no Lugar Santo (Ex 25.30; Lv 24.5-9). Os pães velhos deviam ser comidos pelos sacerdotes.

12.9 Para mais informações sobre a sinagoga, ver nota em Mc 1.21.

O Servo Escolhido de Deus

¹⁵ Sabendo disso, Jesus retirou-se daquele lugar. Muitos o seguiram, e ele curou todos os doentes^h que havia entre eles, ¹⁶ advertindo-os que não dissessem quem ele era.ⁱ ¹⁷ Isso aconteceu para se cumprir o que fora dito por meio do profeta Isaías:

12.15 Mt 4.23

12.16 Mt 8.4

¹⁸ “Eis o meu servo, a quem escolhi,
o meu amado, em quem tenho prazer.”^j

12.18 Mt 3.17

Porei sobre ele o meu Espírito,
e ele anunciará justiça às nações.

¹⁹ Não discutirá nem gritará;
ninguém ouvirá sua voz nas ruas.

²⁰ Não quebrará o canoço rachado,
não apagará o pavio fumegante,
até que leve à vitória a justiça.

²¹ Em seu nome as nações porão sua esperança^{a, k}

12.21 1Sm 42.1-4

A Acusação contra Jesus (Mc 3.20-30; Lc 11.14-23)

²² Depois disso, levaram-lhe um endemoninhado que era cego e mudo, e Jesus o curou, de modo que ele pôde falar e ver.^l ²³ Todo o povo ficou atônito e disse: “Não será este o Filho de Davi?”^m

12.22 Mt 4.24;

9.32,33

12.23 Mt 3.27

²⁴ Mas, quando os fariseus ouviram isso, disseram: “É somente por Belzebu,ⁿ o príncipe dos demônios, que ele expulsa demônios”.^o

12.24 Mc 3.22;

Mt 9.34

²⁵ Jesus, conhecendo os seus pensamentos,^p disse-lhes: “Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. ²⁶ Se Satanás^q expulsa Satanás, está dividido contra si mesmo. Como, então, subsistirá seu reino? ²⁷ E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam os filhos^b de vocês? Por isso, eles mesmos serão juízes sobre vocês. ²⁸ Mas, se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus.

12.25 Mt 9.4

12.26 Mt 4.10

12.27 Mt 19.13

²⁹ “Ou, como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali seus bens, sem antes amarrá-lo? Só então poderá roubar a casa dele.

³⁰ “Aquele que não está comigo está contra mim; e aquele que comigo não ajunta espalha.^s ³¹ Por esse motivo eu digo a vocês: Todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada.^t ³² Todo aquele que disser uma palavra contra o Filho do homem será perdoado, mas quem falar contra o Espírito Santo não será perdoado, nem nesta era^u nem na que há de vir.^v

12.30 Mc 9.40;

Lc 11.23

12.31 Mc 3.28,29;

Lc 12.10

12.32 Mt 1.22;

Mc 10.30; Ef 1.21;

Hb 6.5

12.33 Mt 7.16,17;

Lc 6.43,44

12.34 Mt 3.7;

23.33; Mt 15.18;

Lc 6.45

³³ “Considerem: Uma árvore boa dá fruto bom, e uma árvore ruim dá fruto ruim, pois uma árvore é conhecida por seu fruto^w. ³⁴ Raça de víboras,^x como podem vocês, que são maus, dizer coisas boas? Pois a boca fala do que está cheio o coração.^y ³⁵ O homem bom do seu bom tesouro tira coisas boas, e o homem mau do seu mau tesouro tira coisas más. ³⁶ Mas eu digo que, no dia do juízo, os homens haverão de dar conta de toda palavra inútil que tiverem falado. ³⁷ Pois por suas palavras vocês serão absolvidos, e por suas palavras serão condenados”.^z

O Sinal de Jonas (Lc 11.29-32)

³⁸ Então alguns dos fariseus e mestres da lei lhe disseram: “Mestre, queremos ver um sinal milagroso feito por ti”.^z

12.38 Mt 16.1;

Mc 8.11,12;

Lc 11.16; Jo 2.18;

6.30; 1Co 1.22

12.39 Mt 16.4;

Lc 11.29

12.40 Jn 1.17;

Mt 8.20;

Mt 16.21

12.41 Jn 1.2;

Jn 3.5

³⁹ Ele respondeu: “Uma geração perversa e adúltera pede um sinal milagroso! Mas nenhum sinal será dado, exceto o sinal do profeta Jonas.^a ⁴⁰ Pois assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre de um grande peixe,^b assim o Filho do homem^c ficará três dias e três noites no coração da terra.^d ⁴¹ Os homens de Nínive^e se levantarão no juízo com esta geração e a condenarão; pois eles se arrependeram com a pregação de Jonas,^f e agora está aqui o que é maior do que Jonas.

^a 12.18-21 Is 42.1-4.

^b 12.27 Ou discípulos.

12.22-24 Os exorcistas da Antiguidade usavam uma variedade de encantamentos, feitiços, poções, ervas e artigos materiais, como anéis, para manipular o mundo espiritual. Jesus deu ordem aos demônios pela própria autoridade, e eles se submeteram imediatamente. Os fariseus atribuíram o poder de Jesus a Satanás. A pessoa acusada de praticar magia sob a influência de Satanás era passível de apedrejamento.

12.38 Para mais informações sobre os “mestres da lei” no NT, ver nota em 2.4.

12.40 Contar parte de um dia como um dia todo era normal entre os judeus. A palavra grega traduzida aqui por “grande peixe” não significa necessariamente “baleia”, mas denota uma grande “criatura do mar”.

12.41 Ver “Nínive”, em Na 1.

12.42 1Rs 10.1;
2Cr 9.1

42 A rainha do Sul se levantará no juízo com esta geração e a condenará, pois ela veio^a dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão, e agora está aqui o que é maior do que Salomão.

12.45 2Pe 2.20

43 “Quando um espírito imundo^a sai de um homem, passa por lugares áridos procurando descanso. Como não o encontra, 44 diz: ‘Voltarei para a casa de onde saí’. Chegando, encontra a casa desocupada, varrida e em ordem. 45 Então vai e traz consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, passam a viver ali. E o estado final daquele homem torna-se pior do que o primeiro.^b Assim acontecerá a esta geração perversa”.

^a 12.43 Ou maligno.

12.42 Em 1Rs 10.1, “a rainha do Sul” é chamada “rainha de Sabá”, uma região no sudoeste da Arábia (o Iêmen moderno). Ver “Sabá”, em 1Rs 10.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A família de José, Maria e Jesus

MATEUS 12 Os relatos dos Evangelhos contêm poucas informações sobre a família imediata de Jesus. Sabemos, é claro, que ele nasceu de Maria e que seu pai adotivo era José. Carpinteiro de profissão, José só é mencionado nas narrativas do nascimento de Jesus e no início da infância, levando muitos a acreditar que ele morreu antes do tempo do ministério público de Jesus. Os Evangelhos registram os nomes de quatro irmãos de Jesus — Tiago, José, Simão e Judas (Mt 13.55) — e mencionam as irmãs sem informar os nomes.

Os que acreditam que Maria permaneceu virgem por toda a vida argumentam que esses irmãos eram filhos de José, de um casamento anterior. Entretanto, as Escrituras em lugar algum afirmam que Maria manteve sua virgindade após o nascimento de Jesus, e o mais provável é que os irmãos e irmãs de Jesus sejam simplesmente os filhos naturais nascidos de Maria e José depois do nascimento de Jesus. Na cultura judaica antiga, seria inconcebível um homem e uma mulher viverem juntos sem jamais consumar o casamento. Além disso, Mateus 1.25 insinua que

Maria e José tiveram relações sexuais normais depois do nascimento de Jesus.

Embora a relação entre Jesus e sua família fosse caracterizada por tensão e mal-entendidos (e.g., Mc 3.31-34) até o fim, dois de seus irmãos finalmente se tornaram seus seguidores. Tiago, líder da igreja de Jerusalém (At 12.17), foi martirizado no início da década de 1960. A tradição atribui a epístola de Tiago a ele. De modo semelhante, a epístola de Judas é atribuída ao outro irmão convertido de Jesus.



Uma oficina de carpinteiro

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Museu Eretz Israel

A Mãe e os Irmãos de Jesus (Mc 3.31-35; Lc 8.19-21)

⁴⁶ Falava ainda Jesus à multidão quando sua mãe^e e seus irmãos^f chegaram do lado de fora, querendo falar com ele. ⁴⁷ Alguém lhe disse: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar contigo”^a.

⁴⁸ “Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?”, perguntou ele. ⁴⁹ E, estendendo a mão para os discípulos, disse: “Aqui estão minha mãe e meus irmãos! ⁵⁰ Pois quem faz a vontade de meu Pai que está nos céus,^k este é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.

A Parábola do Semeador (Mc 4.1-20; Lc 8.1-15)

13 Naquele mesmo dia, Jesus saiu de casa^l e assentou-se à beira-mar. ² Reuniu-se ao seu redor uma multidão tão grande que, por isso, ele entrou num barco^m e assentou-se. Ao povo reunido na praia ³ Jesus falou muitas coisas por parábolas, dizendo: “O semeador saiu a semear. ⁴ Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram. ⁵ Parte dela caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra, e logo brotou, porque a terra não era profunda. ⁶ Mas, quando saiu o sol, as plantas se queimaram e secaram, porque não tinham raiz. ⁷ Outra parte caiu no meio dos espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas. ⁸ Outra ainda caiu em boa terra, deu boa colheita, a cem,ⁿ sessenta e trinta por um. ⁹ Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!”^o

¹⁰ Os discípulos aproximaram-se dele e perguntaram: “Por que falas ao povo por parábolas?”

¹¹ Ele respondeu: “A vocês foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino dos céus,^p mas a eles não. ¹² A quem tem será dado, e este terá em grande quantidade. De quem não tem, até o que tem lhe será tirado.” ¹³ Por essa razão eu lhes falo por parábolas:

“Porque vendo, eles não veem
e, ouvindo, não ouvem nem entendem”^{b, r}

¹⁴ Neles se cumpre a profecia de Isaías:

“Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão;
ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão.

¹⁵ Pois o coração deste povo se tornou insensível;
de má vontade ouviram com os seus ouvidos,
e fecharam os seus olhos.

Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos,
ouvir com os ouvidos,
entender com o coração
e converter-se, e eu os curaria”^{c, s}

¹⁶ Mas felizes são os olhos de vocês, porque veem; e os ouvidos de vocês, porque ouvem.^t ¹⁷ Pois eu digo a verdade: Muitos profetas e justos desejaram ver o que vocês estão vendo,^u mas não viram, e ouvir o que vocês estão ouvindo, mas não ouviram.

¹⁸ “Portanto, ouçam o que significa a parábola do semeador: ¹⁹ Quando alguém ouve a mensagem do Reino^v e não a entende, o Maligno^w vem e arranca o que foi semeado em seu coração. Esse é o caso da semente que caiu à beira do caminho. ²⁰ Quanto à semente que caiu em terreno pedregoso, esse é o caso daquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. ²¹ Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona.” ²² Quanto à semente que caiu no meio dos espinhos, esse é o caso daquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas^y a sufocam, tornando-a infrutífera. ²³ E quanto à semente que caiu em boa terra, esse é o caso daquele que ouve a palavra e a entende, e dá uma colheita de cem, sessenta e trinta por um”^z.

12.46 Mt 1.18;
2.11,13,14,20;
Lc 1.43;
2.33,34,48,51;
Jo 2.1,5; 19.25,26;
Mt 13.55; Jo 2.12;
7.3,5; At 1.14;
1Co 9.5; Gl 1.19
12.50 Jo 15.14

13.1 v. 36;
Mt 9.28
13.2 Lc 5.3

13.8 Gn 26.12
13.9 Mt 11.15

13.11 Mt 11.25;
16.17; 19.11;
Jo 6.65;
1Co 2.10,14;
Cl 1.27;
1Jo 2.20,27
13.12 Mt 25.29;
Lc 19.26
13.13 Dt 29.4;
Jr 5.21; Ez 12.2

13.15 1Sm 6.9;
10; Jo 12.40;
At 28.26,27;
Rm 11.8

13.16 Mt 16.17
13.17 Jo 8.56;
Hb 11.13;
1Pe 1.10-12

13.19 Mt 4.23;
Mt 5.37

13.21 Mt 11.6

13.22 Mt 19.23;
1Tm 6.9,10,17

13.23 v. 8

^a 12.47 Alguns manuscritos não trazem o versículo 47.

^b 13.13 Alguns manuscritos trazem *Para que vendo, eles não vejam e, ouvindo, não ouçam nem entendam*.

^c 13.14,15 Is 6.9,10.

13.2 Os rabinos costumavam ensinavam sentados.

13.3 Para mais informações sobre a semeadura, ver nota em Lc 8.5.

13.5 O “terreno pedregoso” não era o solo coberto de pedras, mas a terra rasa sobre a rocha sólida. Qualquer umidade que evaporava rapidamente, e a semente germinada murchava e morria.

A Parábola do Joio

13.24 ^{av.} 31.33,
45.47; Mt 18.23;
20.1; 22.2; 25.1;
Mc 4.26,30

²⁴ Jesus lhes contou outra parábola, dizendo: “O Reino dos céus é como^a um homem que semeou boa semente em seu campo. ²⁵ Mas enquanto todos dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio^a no meio do trigo e se foi. ²⁶ Quando o trigo brotou e formou espigas, o joio também apareceu.

²⁷ “Os servos do dono do campo dirigiram-se a ele e disseram: ‘O senhor não semeou boa semente em seu campo? Então, de onde veio o joio?’

²⁸ “ ‘Um inimigo fez isso’, respondeu ele.

“Os servos lhe perguntaram: ‘O senhor quer que o tiremos?’

13.30 ^hMt 3.12

²⁹ “Ele respondeu: ‘Não, porque, ao tirar o joio, vocês poderiam arrancar com ele o trigo. ³⁰ Deixem que cresçam juntos até a colheita. Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro’”.^b

As Parábolas do Grão de Mostarda e do Fermento (Mc 4.30-34; Lc 13.18-21)

13.31 ^{av.} 24;
^hMt 17.20; Lc 17.6
13.32 ^hSl 104.12;
Ez 17.23; 31.6;
Dn 4.12

³¹ E contou-lhes outra parábola: “O Reino dos céus é como^c um grão de mostarda^d que um homem plantou em seu campo. ³² Embora seja a menor entre todas as sementes, quando cresce, torna-se uma das maiores plantas e atinge a altura de uma árvore, de modo que as aves do céu vêm fazer os seus ninhos em seus ramos”.^e

13.33 ^{av.} 24;
^hGn 18.6; ^hGl 5.9

³³ E contou-lhes ainda outra parábola: “O Reino dos céus é como^f o fermento que uma mulher tomou e misturou com uma grande quantidade^g de farinha,^g e toda a massa ficou fermentada”.^h

13.34 ^hMc 4.33;
Jo 16.25
13.35 ^hSl 78.2;
Rm 16.25,26;
1Co 2.7; Ef 3.9;
Cl 1.26

³⁴ Jesus falou todas estas coisas à multidão por parábolas. Nada lhes dizia sem usar alguma parábola,ⁱ ³⁵ cumprindo-se, assim, o que fora dito pelo profeta:

“Abrirei minha boca em parábolas,
proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo”.^j

A Explicação da Parábola do Joio

13.36 ^hMt 15.15

³⁶ Então ele deixou a multidão e foi para casa. Seus discípulos aproximaram-se dele e pediram: “Explica-nos a parábola^k do joio no campo”.

13.37 ^hMt 8.20
13.38 ^hJo 8.44,45;
1Jo 3.10
13.39 ^hUl 3.13;
^hMt 24.3; 28.20;
^hAp 14.15

³⁷ Ele respondeu: “Aquele que semeou a boa semente é o Filho do homem.^l ³⁸ O campo é o mundo, e a boa semente são os filhos do Reino. O joio são os filhos do Maligno,^m ³⁹ e o inimigo que o semeia é o Diabo. A colheitaⁿ é o fim desta era,^o e os encarregados da colheita são anjos.^p

13.41 ^hMt 8.20;
^hMt 24.31
13.42 ^{av.} 50;
Mt 8.12
13.43 ^hDn 12.3;
^hMt 11.15

⁴⁰ “Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim também acontecerá no fim desta era.

⁴¹ O Filho do homem^q enviará os seus anjos,^r e eles tirarão do seu Reino tudo o que faz cair no pecado e todos os que praticam o mal. ⁴² Eles os lançarão na fogueira ardente, onde haverá choro e ranger de dentes.^s ⁴³ Então os justos brilharão como o sol^t no Reino de seu Pai. Aquele que tem ouvidos, ouça.”

As Parábolas do Tesouro Escondido e da Pérola de Grande Valor

13.44 ^{av.} 24;
^h1Sm 55.1;
Fp 3.7,8
13.45 ^{av.} 24

⁴⁴ “O Reino dos céus é como^v um tesouro escondido num campo. Certo homem, tendo-o encontrado, escondeu-o de novo e, então, cheio de alegria, foi, vendeu tudo o que tinha e comprou aquele campo.”

⁴⁵ “O Reino dos céus também é como^x um negociante que procura pérolas preciosas. ⁴⁶ Encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo o que tinha e a comprou.

A Parábola da Rede

13.47 ^{av.} 24;
^hMt 22.10

⁴⁷ “O Reino dos céus é ainda como^y uma rede que é lançada ao mar e apanha toda sorte de peixes.^z

13.49 ^hMt 25.32

⁴⁸ Quando está cheia, os pescadores a puxam para a praia. Então assentam-se e juntam os peixes bons em cestos, mas jogam fora os ruins. ⁴⁹ Assim acontecerá no fim desta era. Os anjos virão, separarão os perversos dos justos^a ⁵⁰ e lançarão aqueles na fogueira ardente, onde haverá choro e ranger de dentes”.^b

^a 13.25 Grego: *cizânia*, erva daninha parecida com o trigo; também no restante do capítulo.

^b 13.33 Grego: 3 *satos*. O *sato* era uma medida de capacidade para secos. As estimativas variam entre 7 e 13 litros.

^c 13.35 Sl 78.2.

13.26 A semente da zizânia, espécie de erva daninha conhecida como joio, é venenosa e se parece com o trigo nas fases iniciais de crescimento, mas é facilmente distinguível na colheita.

13.31,32 A semente de mostarda não é a menor semente conhecida hoje, porém era a menor usada pelos agricultores e jardineiros na Terra Santa naquele tempo. Sob condições favoráveis, a planta desenvolvida poderia alcançar cerca de 3 metros de altura. Usando a semente de mostarda como metáfora do Reino, sem dúvida Jesus causou impacto aos seus ouvintes, que esperavam que o Reino de Deus fosse grande e extenso.

13.33 As Escrituras quase sempre usam o fermento de forma negativa (ver nota em Mc 8.15). Jesus, porém, usa-o para ilustrar algo positivo:

a penetração e o crescimento do Reino do céu neste mundo, de modo tão discreto que nem são percebidos.

13.42 Sobre o significado do “ranger de dentes”, ver nota em Sl 35.16.

13.44 Nos tempos antigos, o povo costumava esconder coisas de valor no campo (e.g., para evitar o saque quando um exército se aproximava), uma vez que não existiam bancos — embora existissem “os banqueiros” (ver 25.27 e nota; ver também “Banco e dinheiro no mundo antigo”, em Ne 5). Os tesouros podiam ficar escondidos, sem serem reivindicados por gerações.

13.48 Ver “A pesca nos tempos do Novo Testamento”, em Lc 5.

⁵¹ Então perguntou Jesus: “Vocês entenderam todas essas coisas?”

“Sim”, responderam eles.

⁵² Ele lhes disse: “Por isso, todo mestre da lei instruído quanto ao Reino dos céus é como o dono de uma casa que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas”.

Um Profeta sem Honra (Mc 6.1-6)

⁵³ Quando acabou de contar essas parábolas,^a Jesus saiu dali. ⁵⁴ Chegando à sua cidade, começou a ensinar o povo na sinagoga.^d Todos ficaram admirados^e e perguntavam: “De onde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes milagrosos?” ⁵⁵ Não é este o filho do carpinteiro?^f O nome de sua mãe^g não é Maria, e não são seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? ⁵⁶ Não estão conosco todas as suas irmãs? De onde, pois, ele obteve todas essas coisas?” ⁵⁷ E ficavam escandalizados^h por causa dele.

Mas Jesus lhes disse: “Só em sua própria terra e em sua própria casa é que um profeta não tem honra”.ⁱ

⁵⁸ E não realizou muitos milagres ali, por causa da incredulidade deles.

13.53 ^aMc 7.28;
13.54 ^dMt 4.23;
^eMt 7.28
13.55 ^gLc 3.23;
Jo 6.42; ^hMt 12.46

13.57 ^hJo 6.61;
Lc 4.24; Jo 4.44

João Batista é Decapitado (Mc 6.14-29)

14 Por aquele tempo Herodes,^j o tetrarca^a, ouviu os relatos a respeito de Jesus^k ² e disse aos que o serviam: “Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos! Por isso estão operando nele poderes milagrosos”.

³ Pois Herodes havia prendido e amarrado João, colocando-o na prisão^m por causa de Herodias, mulher de Filipe,ⁿ seu irmão. ⁴ porquanto João lhe dizia: “Não te é permitido viver com ela”.^o ⁵ Herodes queria matá-lo, mas tinha medo do povo, porque este o considerava profeta.^p

⁶ No aniversário de Herodes, a filha de Herodias dançou diante de todos e agradou tanto a Herodes ⁷ que ele prometeu sob juramento dar-lhe o que ela pedisse. ⁸ Influenciada por sua mãe, ela disse: “Dá-me aqui, num prato, a cabeça de João Batista”. ⁹ O rei ficou aflito, mas, por causa do juramento e dos convidados, ordenou que lhe fosse dado o que ela pedia ¹⁰ e mandou decapitar^q João na prisão. ¹¹ Sua cabeça foi levada num prato e entregue à jovem, que a levou à sua mãe. ¹² Os discípulos de João vieram, levaram o seu corpo e o sepultaram.^r Depois foram contar isso a Jesus.

14.1 ^jMc 8.15;
Lc 3.1,19; 13.31;
23.7,8; At 4.27;
12.1; ^kLc 9.7-9
14.2 ^mMt 3.1

14.3 ⁿMt 4.12;
11.2; ^oLc 3.19,20
14.4 ^pLv 18.16;
20.21
14.5 ^qMt 11.9

14.10 ^rMt 17.12
14.12 ^sAt 8.2

A Primeira Multiplicação dos Pães (Mc 6.30-44; Lc 9.10-17; Jo 6.1-15)

¹³ Ouvindo o que havia ocorrido, Jesus retirou-se de barco, em particular, para um lugar deserto. As multidões, ao ouvirem falar disso, saíram das cidades e o seguiram a pé. ¹⁴ Quando Jesus saiu do barco e viu tão grande multidão, teve compaixão^s deles e curou os seus doentes.^t

¹⁵ Ao cair da tarde, os discípulos aproximaram-se dele e disseram: “Este é um lugar deserto, e já está ficando tarde. Manda embora a multidão para que possam ir aos povoados comprar comida”.

¹⁶ Respondeu Jesus: “Eles não precisam ir. Deem-lhes vocês algo para comer”.

¹⁷ Eles lhe disseram: “Tudo o que temos aqui são cinco pães^u e dois peixes”.

¹⁸ “Tragam-nos aqui para mim”, disse ele. ¹⁹ E ordenou que a multidão se assentasse na grama. Tomando os cinco pães e os dois peixes e, olhando para o céu, deu graças e partiu os pães. Em seguida, deu-os aos discípulos, e estes à multidão. ²⁰ Todos comeram e ficaram satisfeitos, e os discípulos recolheram doze cestos cheios de pedaços que sobraram. ²¹ Os que comeram foram cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças.

14.14 ^sMt 9.36;
^tMt 4.23

14.17 ^uMt 16.9

14.19 ^v1Sm 9.13;
Mt 26.26; Mc 8.6;
Lc 24.30; At 2.42;
27.35; 1Tm 4.4

^a 14.1 Um tetrarca era o governador da quarta parte de uma região.

13.54 A cidade natal de Jesus era Nazaré (ver nota em 2.23). Para mais informações sobre o ensino na sinagoga, ver nota em Mc 1.21.

13.55 Sobre “o filho do carpinteiro”, ver nota em Mc 6.3. Aparentemente, José não estava vivo quando ocorreu esse incidente (ver “A família de José, Maria e Jesus”, em Mt 12).

14.1 O tetrarca era o governador da quarta parte de uma região. “Herodes, o tetrarca” (Herodes Antipas) era um dos vários filhos de Herodes, o Grande (ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3). Quando Herodes, o Grande, morreu, seu reino foi dividido entre três de seus filhos (ver “Os sucessores de Herodes e as conturbadas relações entre Roma e os judeus”, em Mc 4). Herodes Antipas governava a Galileia e a Perea (4 a.C.-39 d.C.).

14.3 Herodias era neta de Herodes, o Grande. Casou-se com seu tio, Herodes Filipe I (Herodes, o Grande, também teve outro filho chamado Filipe — Filipe II, nascido de uma esposa diferente). Filipe I morou em Roma e não governou depois da morte do pai, Herodes, o Grande. Como convidado na casa de Herodias e Filipe I, Herodes Antipas persuadiu Herodias a deixar o marido (meio-irmão dele) para ficar com ele. Quando Herodes Antipas se casou com Herodias, João Batista condenou-o

publicamente por se casar com a esposa de seu meio-irmão. Esse casamento era incestuoso, uma afronta à lei de Deus (Lv 18.16; 20.21). Politicamente, João era uma ameaça a Herodes, por isso o rei o mandou prender a fim de conter a influência do Batista sobre o povo. Josefo declarou que João foi aprisionado em Maquerá, fortaleza situada na Perea, no lado oriental do mar Morto.

14.6 Sobre as festas hebraicas/judaicas, ver nota em 22.2-14. De acordo com Josefo, “a filha de Herodias” (e de Filipe I) era Salomé. Ela se casou depois com seu tio-avô, o outro Filipe (Filipe II).

14.20 O NT faz referência a dois tipos de cestos. O *kophinos* (aqui e em Mc 6.43; Jo 6.13), relativamente pequeno, podia ser levado às costas, era usado para carregar mantimentos. Foram necessários doze cestos desse tipo para juntar a comida que restou depois da alimentação dos 5 mil. O *spuris* era consideravelmente maior, como podemos deduzir de sua utilização para descer o apóstolo Paulo por um muro, em Damasco (At 9.25). Foram usados sete cestos desse tipo para juntar a comida recolhida depois da alimentação dos 4 mil (Mt 16.9,10).

14.21 Os quatro Evangelhos registram esse milagre, porém só Mateus observa que o número 5 mil resultou apenas do registro dos homens.

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

CASAS NA TERRA SANTA DO SÉCULO I D.C.:
A CASA DE PEDRO EM CARFANAUM; *INSULAE*

MATEUS 14 As condições de moradia na Terra Santa do século I variavam dramaticamente, de acordo com a situação financeira da família. As casas mais bem preservadas são as que foram construídas pela classe alta, que contavam com um trabalho bem-feito e materiais mais resistentes. Dessas, os exemplos mais esplêndidos são as ruínas dos luxuosos palácios de Herodes, o Grande, em Jerusalém, Massada e Jericó.¹

Essas estruturas e outras casas luxuosas descobertas na cidade alta de Jerusalém refletem o estilo das vilas romanas contemporâneas. A vila era estruturada ao redor de um pátio aberto com colunas e continha um grande aposento de recepção e uma sala de jantar para acomodar grandes reuniões. O assoalho era coberto com detalhados mosaicos de pedra, e as paredes eram pintadas com afrescos. As moradias de classe alta e os palácios na Judeia também apresentavam características distintivamente judaicas, como banhos rituais ao lado de quartos de banho comuns,² ausência de representações humanas ou de animais nos mosaicos e afrescos e a presença de símbolos judaicos (e.g., a menorá).

Visto que relativamente poucas pessoas moravam em casas palacianas, muito mais exemplos de moradias de classe média têm sido revelados pela arqueologia. Um exemplo importante, descoberto em Jerusalém em 1970, é conhecido como a “casa queimada”. Essa casa estava coberta com a fuligem e as cinzas da destruição da cidade, ocorrida em 70 d.C. Por essa razão, ficou bem preservada. A planta baixa reflete o padrão comum de três aposentos de tamanho médio, uma pequena

despensa, uma cozinha também pequena e um lugar para o banho ritual com degraus construídos ao redor de um pátio pavimentado. As paredes eram cobertas com uma camada fina de gesso de pedra calcária, e o assoalho era de chão batido. A mobília era composta de mesas de pedra retangulares, vasos, pratos, copos e pesos cilíndricos, um dos quais identificava o dono como Bar Karos.



Chave da época de Bar Kokhba

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Museu de Israel/Santuário do Livro

Outros exemplos significativos de casas do século I foram descobertos em Cafarnaum (mapa 9).³ Escavações perto das ruínas da antiga sinagoga revelaram um grupo de aproximadamente 12 casas construídas com pedras pretas de basalto e pequenos seixos, organizados ao redor de um pátio central, contendo fornos e pedras de moagem.

Essas moradias de um único aposento apresentavam andares de terra preta batida e escadas que conduziam a telhados planos. As frágeis coberturas provavelmente eram construídas com galhos de árvore cobertos com lama e palha (cf. Mc 2.4).

A maior das casas chamou a atenção pelo fato de apresentar um assoalho de pedra calcária batida e paredes de gesso repletas de figuras decorativas, como flores, romãs e numerosas cruzes, e inscrições fragmentárias em diversos idiomas: 124 em grego, 18 em siríaco, 15 em hebraico e uma em latim. A maioria das inscrições era orações curtas, como: “Cristo tenha piedade”; “Senhor Jesus Cristo, socorro!”. Outras continham o nome de Pedro, sugerindo que essa moradia fosse venerada na Antiguidade como lugar de peregrinação cristã associada à memória de Pedro. Assim, ficou conhecida como a casa de Pedro em Cafarnaum (Mt 8.14; Mc 1.29; Lc 4.38).

As classes urbanas menos favorecidas moravam em edifícios aglomerados, as *insulae* (ou *insulas*) — edifícios de múltiplos andares divididos em numerosos apartamentos, chamados cenáculos. O andar mais baixo geralmente continha um estabelecimento em que o proprietário também vivia. Os andares superiores eram acessados por escadarias externas. As *insulae* normalmente careciam de sistema de aquecimento, água corrente e esgoto. Eutico provavelmente caiu da janela do terceiro andar de uma *insula* enquanto escutava a pregação de Paulo, em Tróade (At 20.7-12).

¹Ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3; “Massada”, em At 5; “A Jericó do Novo Testamento”, em Mc 10.

³Ver “Cafarnaum”, em Mc 9; e “A sinagoga de Cafarnaum”, em Mt 17.

²Ver “Batismo no mundo antigo”, em Mt 3.

Jesus Anda sobre as Águas (Mc 6.45-56; Jo 6.16-24)

²² Logo em seguida, Jesus insistiu com os discípulos para que entrassem no barco e fossem adiante dele para o outro lado, enquanto ele despidia a multidão. ²³ Tendo despedido a multidão, subiu sozinho a um monte para orar.^w Ao anoitecer, ele estava ali sozinho, ²⁴ mas o barco já estava a considerável distância^a da terra, fustigado pelas ondas, porque o vento soprava contra ele.

14.23 *Lc 3.21

²⁵ Alta madrugada^b, Jesus dirigiu-se a eles, andando sobre o mar. ²⁶ Quando o viram andando sobre o mar, ficaram aterrorizados e disseram: “É um fantasma!”^x E gritaram de medo.

14.26 *Lc 24.37

²⁷ Mas Jesus imediatamente lhes disse: “Coragem! Sou eu. Não tenham medo!”^z

14.27 *Mt 9.2;

²⁸ “Senhor”, disse Pedro, “se és tu, manda-me ir ao teu encontro por sobre as águas”.

At 23.11;

²⁹ “Venha”, respondeu ele.

*Dn 10.12;
Mt 17.7; 28.10;
Lc 1.13,30; 2.10;
At 18.9; 23.11;
Ap 1.17

Então Pedro saiu do barco, andou sobre as águas e foi na direção de Jesus. ³⁰ Mas, quando reparou no vento, ficou com medo e, começando a afundar, gritou: “Senhor, salva-me!”

³¹ Imediatamente Jesus estendeu a mão e o segurou. E disse: “Homem de pequena fé,^a por que você duvidou?”

14.31 *Mt 6.30

³² Quando entraram no barco, o vento cessou. ³³ Então os que estavam no barco o adoraram, dizendo: “Verdadeiramente tu és o Filho de Deus”.^b

14.33 *Sl 2.7;
Mt 4.3

³⁴ Depois de atravessarem o mar, chegaram a Genesaré. ³⁵ Quando os homens daquele lugar reconheceram Jesus, espalharam a notícia em toda aquela região e lhe trouxeram os seus doentes.

³⁶ Suplicavam-lhe que apenas pudessem tocar na borda do seu manto;^c e todos os que nele tocaram foram curados.

14.36 *Mt 9.20

Jesus e a Tradição Judaica (Mc 7.1-23)

15 Então alguns fariseus e mestres da lei, vindos de Jerusalém, foram a Jesus e perguntaram: ² “Por que os seus discípulos transgridem a tradição dos líderes religiosos? Pois não lavam as mãos antes de comer?”^d

15.2 *Lc 11.38

³ Respondeu Jesus: “E por que vocês transgridem o mandamento de Deus por causa da tradição de vocês? ⁴ Pois Deus disse: ‘Honra teu pai e tua mãe’^e e ‘Quem amaldiçoar seu pai ou sua mãe terá que ser executado’.^{d,f} ⁵ Mas vocês afirmam que, se alguém disser ao pai ou à mãe: ‘Qualquer ajuda que eu poderia dar já dediquei a Deus como oferta’, ⁶ não está mais obrigado a sustentar^e seu pai. Assim, por causa da sua tradição, vocês anulam a palavra de Deus. ⁷ Hipócritas! Bem profetizou Isaias acerca de vocês, dizendo:

15.4 *Ex 20.12;
Dt 5.16; Ef 6.2;
*Ex 21.17; Lv 20.9

⁸ “Este povo me honra com os lábios,
mas o seu coração está longe de mim.

⁹ Em vão me adoram; seus ensinamentos
não passam de regras ensinadas por homens”^{g,h}

15.9 *Cl 2.20-22;
*Hsm 29.13;
Mt 2.2

¹⁰ Jesus chamou para junto de si a multidão e disse: “Ouçam e entendam. ¹¹ O que entra pela boca não torna o homem impuro; mas o que sai de sua boca, isto o torna impuro”.^j

15.11 *Mt 10.14,15;
v. 18

¹² Então os discípulos se aproximaram dele e perguntaram: “Sabes que os fariseus ficaram ofendidos quando ouviram isso?”

^a 14.24 Grego: *a muitos estádios*.

^b 14.25 Grego: *quarta vigília da noite* (entre 3 e 6 horas da manhã).

^c 15.4 Ex 20.12; Dt 5.16.

^d 15.4 Ex 21.17; Lv 20.9.

^e 15.6 Ou *a honrar*.

^f 15.8,9 Is 29.13.

Os judeus não permitiam que as mulheres e as crianças comessem com os homens em público. Portanto, devem ter sido alimentadas numa área separada. Assim, o número total de pessoas pode ter chegado a 10 mil ou mais. A região remota não oferecia provisão alguma para o povo, e em tal quantidade não estaria disponível nem mesmo nas aldeias próximas.

14.25 A quarta vigília estendia-se das três às seis horas da manhã. De acordo com o cálculo romano, a noite era dividida em quatro vigílias: 1) das seis às nove horas da noite; 2) das nove horas à meia-noite; 3) da meia-noite às três horas da madrugada; 4) das três às seis horas da manhã. Os judeus contavam apenas três vigílias durante a noite: 1) do pôr do sol às dez horas da noite; 2) das dez da noite às duas horas da madrugada; 3) das duas horas da madrugada até o nascer do sol. Deve-se ter em mente que esses horários são aproximados. Os povos antigos não tinham dispositivos precisos e padronizados de marcação de tempo (alguns usavam uma espécie de relógio de água). Além disso, as horas noturnas eram mais longas no inverno, quando as noites eram mais longas, e mais curtas no verão.

14.34 Mencionado somente aqui e em Mc 6.53, a região de Genesaré é um alongamento plano de 5 quilômetros, aproximadamente, ao longo da costa noroeste do mar da Galiléia, estendendo-se sobre quase 2 quilômetros para o interior (moderna Ghuweir). Terra rica, argilosa e úmida, era e ainda é extraordinariamente fértil, a única terra facilmente cultivável às margens do mar da Galiléia. Figueiras, oliveiras, palmeiras e nogueiras, tudo que geralmente exige condições diversas cresce ali.

15.1 Para mais informações sobre os “mestres da lei” no NT, ver nota em 2.4.

15.2 Depois do exílio babilônico, os rabinos começaram a elaborar normas e regulamentos meticulosos, que governavam a vida diária do povo. Eram interpretações e aplicações da Lei mosaica, passadas de geração em geração. Nos dias de Jesus, a “tradição dos líderes religiosos” (ou “dos anciãos”) só existia na forma oral. Só foi escrita depois 200 d.C., quando foi registrada na *Mishná* (ver “Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos”, em Mt 23).

15.13 *1Sm 60.21;
61.3; Jo 15.2
15.14 *Mt 23.16,
24; Rm 2.19;
*Lc 6.39
15.15 *Mt 13.36
15.16 *Mt 16.9
15.18 *Mt 12.34;
Lc 6.45; Tg 3.6
15.19 *Gl 5.19-21

15.20 Rm 14.14

- ¹³ Ele respondeu: “Toda planta que meu Pai celestial não plantou^k será arrancada pelas raízes. ¹⁴ Deixem-nos; eles são guias cegos^a.^l Se um cego conduzir outro cego, ambos cairão num buraco”.^m
¹⁵ Então Pedro pediu-lhe: “Explica-nos a parábola”.ⁿ
¹⁶ “Será que vocês ainda não conseguem entender?”.^o perguntou Jesus. ¹⁷ “Não percebem que o que entra pela boca vai para o estômago e mais tarde é expelido? ¹⁸ Mas as coisas que saem da boca vêm do coração,^p e são essas que tornam o homem impuro. ¹⁹ Pois do coração saem os maus pensamentos, os homicídios, os adultérios, as imoralidades sexuais, os roubos, os falsos testemunhos e as calúnias.^q
²⁰ Essas coisas tornam o homem impuro;^r mas o comer sem lavar as mãos não o torna impuro.”

Uma Mulher Cananeia Demonstra Fé (Mc 7.24-30)

15.21 *Mt 11.21
15.22 *Mt 9.27;
*Mt 4.24

²¹ Saindo daquele lugar, Jesus retirou-se para a região de Tiro e de Sidom.^s ²² Uma mulher cananeia, natural dali, veio a ele, gritando: “Senhor, Filho de Davi,^t tem misericórdia de mim! Minha filha está endemoninhada e está sofrendo muito”.^u

²³ Mas Jesus não lhe respondeu palavra. Então seus discípulos se aproximaram dele e pediram: “Manda-a embora, pois vem gritando atrás de nós”.

15.24 *Mt 10.6,23;
Rm 15.8
15.25 *Mt 8.2

²⁴ Ele respondeu: “Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas de Israel”.^v

²⁵ A mulher veio, adorou-o de joelhos^w e disse: “Senhor, ajuda-me!”

²⁶ Ele respondeu: “Não é certo tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos”.

^o 15.14 Alguns manuscritos dizem *são cegos, guias de cegos*.

15.21 Tiro era uma cidade gentia localizada na Fenícia (o Líbano moderno), que limitava a Galileia ao noroeste. Sidom estava situada cerca de 40 quilômetros ao norte de Tiro (ver “A queda de Tiro”, em Ez 26; e “Sidom”, em Zc 9.)

15.22 O termo “cananeia” é encontrado muitas vezes no AT, mas só aqui no NT. Nos tempos do NT, não havia nenhuma região conhecida como Canaã. Alguns pensam que essa era a maneira semítica de se referir ao povo da Fenícia naquele tempo.

15.24 Sobre as “ovelhas perdidas de Israel”, ver nota em 4.12-16.

POVOS, NAÇÕES E GOVERNANTES ANTIGOS

A Galileia nos tempos de Jesus

MATEUS 15 Jesus cresceu em Nazaré (mapa 9), a uma distância de cerca de 24 quilômetros do mar da Galileia.¹ A região, colonizada por judeus desde os tempos antigos, manteve-se como um baluarte do judaísmo através dos séculos. Certos aspectos ajudam definir o ambiente cultural em que Jesus viveu, falou e agiu:

✦ Economicamente, a região se beneficiava dos peixes do mar da Galileia, comercializados com as cidades costeiras da **Fenícia**² e de uma considerável produção agrícola, que incluía trigo, uvas, figos e azeitonas.³

✦ Em termos de religião, embora isolados da Judeia pela **Samaria**, os judeus da Galileia parecem ter sido tão ortodoxos quanto seus

compatriotas da Judeia. A Galileia vivenciou um motim na revolta judaica de 66 a 70 d.C., mas a região não foi marcada por sentimentos revolucionários antes dessa época.

✦ Politicamente, a Galileia estava na jurisdição de Herodes Antipas. Embora os Evangelhos contenham poucas informações sobre Herodes Antipas, os incidentes que cercaram a morte de João Batista causaram profunda angústia às pessoas comuns, e Jesus sem dúvida percebeu que sua pregação perturbaria monarcas mundanos como Antipas.

✦ Imagina-se que houvesse na Galileia uma forte presença gentia. **Séforis**, situada a alguns quilômetros de Nazaré, parece ter sido uma cidade amplamente helenizada.⁴

✦ No entanto, é duvidoso que os costumes gentios tenham exercido alguma influência importante na pregação de Jesus. O abismo cultural entre uma cidade como Séforis e uma aldeia da Galileia era muito maior que a distância física. Além disso, não temos nenhuma indicação nos Evangelhos, ou em outros registros, de que Jesus tenha frequentado centros urbanos como Séforis ou Tiberíades.⁵

¹Ver “Nazaré”, em Mc 1.

²Ver o Glossário na p. 2080 para as definições das palavras em negrito.

³Ver “Fenícia”, em 1Rs 5.

⁴Ver “Séforis”, em Mc 6.

⁵Ver “Tiberíades”, em Jo 6.

²⁷ Disse ela, porém: “Sim, Senhor, mas até os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos”.

²⁸ Jesus respondeu: “Mulher, grande é a sua fé!^a Seja conforme você deseja”. E, naquele mesmo instante, a sua filha foi curada.

15.28 Mt 9.22

A Segunda Multiplicação dos Pães (Mc 8.1-10)

²⁹ Jesus saiu dali e foi para a beira do mar da Galileia. Depois subiu a um monte e se assentou.³⁰ Uma grande multidão dirigiu-se a ele, levando-lhe os aleijados, os cegos, os mancos, os mudos e muitos outros, e os colocaram aos seus pés; e ele os curou.^y ³¹ O povo ficou admirado quando viu os mudos falando, os mancos curados, os aleijados andando e os cegos vendo. E louvaram o Deus de Israel.^z

15.30 Mt 4.23

15.31 Mt 9.8

³² Jesus chamou os seus discípulos e disse: “Tenho compaixão desta multidão;^a já faz três dias que eles estão comigo e nada têm para comer. Não quero mandá-los embora com fome, porque podem desfalecer no caminho”.

15.32 Mt 9.36

³³ Os seus discípulos responderam: “Onde poderíamos encontrar, neste lugar deserto, pão suficiente para alimentar tanta gente?”

³⁴ “Quantos pães vocês têm?”, perguntou Jesus.

“Sete”, responderam eles, “e alguns peixinhos.”

15.36 Mt 14.19

15.37 Mt 16.10

³⁵ Ele ordenou à multidão que se assentasse no chão.³⁶ Depois de tomar os sete pães e os peixes e dar graças, partiu-os^b e os entregou aos discípulos, e os discípulos à multidão.³⁷ Todos comeram até se fartar. E ajuntaram sete cestos cheios de pedaços que sobraram.^c ³⁸ Os que comeram foram quatro mil homens, sem contar mulheres e crianças.³⁹ E, havendo despedido a multidão, Jesus entrou no barco e foi para a região de Magadã.

Os Fariseus e os Saduceus Pedem um Sinal (Mc 8.11-13)

16 Os fariseus e os saduceus^d aproximaram-se de Jesus e o puseram à prova, pedindo-lhe que lhes mostrasse um sinal do céu.^e

16.1 Mt 4.1;
Mt 12.38

² Ele respondeu: “Quando a tarde vem, vocês dizem: ‘Vai fazer bom tempo, porque o céu está vermelho’,³ e de manhã: ‘Hoje haverá tempestade, porque o céu está vermelho e nublado’. Vocês sabem interpretar o aspecto do céu, mas não sabem interpretar os sinais dos tempos!^{af} ⁴ Uma geração perversa e adúltera pede um sinal milagroso, mas nenhum sinal será dado a você, a não ser o sinal de Jonas”.^g Então Jesus os deixou e retirou-se.

16.3 Lc 12.54-56

16.4 Mt 12.39

O Fermento dos Fariseus e dos Saduceus (Mc 8.14-21)

⁵ Indo os discípulos para o outro lado do mar, esqueceram-se de levar pão.⁶ Disse-lhes Jesus: “Estejam atentos e tenham cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus”.^h

16.6 Lc 12.1

⁷ E eles discutiam entre si, dizendo: “É porque não trouxemos pão”.

⁸ Percebendo a discussão, Jesus lhes perguntou: “Homens de pequena fé,ⁱ por que vocês estão discutindo entre si sobre não terem pão?⁹ Ainda não compreendem? Não se lembram dos cinco pães para os cinco mil e de quantos cestos vocês recolheram?^j ¹⁰ Nem dos sete pães para os quatro mil e de quantos cestos recolheram?^k ¹¹ Como é que vocês não entendem que não era de pão que eu estava lhes falando? Tomem cuidado com o fermento dos fariseus e dos saduceus”. ¹² Então entenderam que não estava lhes dizendo que tomassem cuidado com o fermento de pão, mas com o ensino dos fariseus e dos saduceus.^l

16.8 Mt 6.30

16.9 Mt 14.17-21

16.10 Mt 15.34-38

16.12 Mt 4.1

A Confissão de Pedro (Mc 8.27-30; Lc 9.18-21)

¹³ Chegando Jesus à região de Cesareia de Filipe, perguntou aos seus discípulos: “Quem os outros dizem que o Filho do homem é?”

¹⁴ Eles responderam: “Alguns dizem que é João Batista;^m outros, Elias; e, ainda outros, Jeremias ou um dos profetas”.ⁿ

16.14 Mt 3.1;
14.2; Mc 6.15;
Jo 1.21

¹⁵ “E vocês?”, perguntou ele. “Quem vocês dizem que eu sou?”

^o 16.2,3 Alguns manuscritos antigos não trazem os versículos 2 e 3.

15.35 Sobre as festas hebraicas/judaicas, ver nota em 22.2-14.

15.39 Magadã também era chamada Magdala, a terra de Maria Madalena. Em Mc 8.10, o nome é traduzido por “Dalmanuta”.

16.1 Para mais informações sobre os fariseus e saduceus, ver nota em 3.7. Normalmente, os dois grupos eram contrários, mas agora tinham um inimigo comum: Jesus.

16.6 Sobre o “fermento”, ver as notas em 13.33 e Mc 8.15.

16.9,10 Sobre os “cestos”, ver nota em 14.20.

16.13 A Cesareia de Filipe deve ser distinguida da Cesareia marítima, cidade magnífica que Herodes, o Grande, construiu na costa mediterrânea (ver “A Cesareia de Filipe”, em Mt 16; e “A Cesareia marítima”, em At 10).

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

A CESAREIA DE FILIPE

MATEUS 16 A região da Cesareia de Filipe (mapa 9) era antes conhecida (ca. 200 a.C.) por Panias (atualmente Banias), nome que significa “santuário de Pan”, deus pagão associado aos campos e rebanhos. Em 23 a.C., Augusto entregou a região a Herodes I, a fim de que ele a governasse para os romanos,¹ e o filho de Herodes, Filipe, assumiu o controle após a morte do pai. Filipe construiu uma sede administrativa em Panias e mudou-lhe o nome para Cesareia de Filipe, homenageando a Cesar e a si mesmo. (A Cesareia de Filipe não deve ser confundida com a Cesareia marítima, cidade na costa do Mediterrâneo.)

Não há registro de habitação civil na ocasião, por isso a Cesareia de Filipe foi um centro administrativo que não pertenceu aos tempos da vida de Jesus. Os Evangelhos consideram cuidadosamente os detalhes desse fato, registrando que Jesus e os discípulos circulavam pelas aldeias (Mc 8.27) ou pela região (Mt 16.13) da Cesareia de Filipe.

No ano 53 ou 54 d.C., Agripa II tornou-se rei desse principado e transformou a Cesareia de Filipe numa cidade greco-romana. O magnífico palácio administrativo foi transformado em casa de banho público,

e uma longa rua de colunas foi construída pelo meio da cidade. Água fresca era providenciada por tubos subterrâneos e por um aqueduto recém-construído. Em 70 d.C., a cidade foi o cenário de notável selvageria.² O general romano Tito, depois de destruir Jerusalém, trouxe grande número de prisioneiros judeus para a Cesareia de Filipe, e ali eles foram massacrados em espetáculos de jogos. A cidade alcançou o apogeu nos séculos II e III d.C., mas parece ter experimentado acentuado declínio no início do século IV.

Embora o local seja destino turístico popular desde o século XIX, escavações sistemáticas só começaram em 1988. O trabalho concentrou-se no santuário de Pan e a área central da cidade. Boa parte da arquitetura do período romano foi destruída na Idade Média, quando o local era utilizado como posto militar avançado por cruzados e muçulmanos. Os blocos de pedras das construções antigas foram reutilizados em estruturas posteriores, tornando mais difícil o trabalho de reconstruir a cidade antiga.

Os arqueólogos têm descoberto numerosas peças medievais de cerâmica, metal e vidro e estão confiantes de que novas



Copo em forma de chifre do período romano
Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Museu Eretz Israel

explorações revelarão resquícios dos tempos bíblicos. As instalações esportivas da cidade e um templo construído para Augusto por Herodes I estão entre os edifícios importantes ainda por ser escavados.



Caverna consagrada ao deus Pan, em Cesareia de Filipe

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

¹Ver “Herodes, o Grande”, em Mc 3.

²Ver também “Josefo e a queda de Jerusalém”, em Mt 24; e “Primeiras perseguições à Igreja”, em Ap 17.

¹⁶ Simão Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”.^a

¹⁷ Respondeu Jesus: “Feliz é você, Simão, filho de Jonas! Porque isto não foi revelado a você por carne ou sangue,^b mas por meu Pai que está nos céus. ¹⁸ E eu digo que você é Pedro,^c e sobre esta pedra edificarei a minha igreja,^f e as portas do Hades^d não poderão vencê-la^b. ¹⁹ Eu darei a você as chaves^e do Reino dos céus; o que você ligar na terra terá sido ligado nos céus, e o que você desligar na terra terá sido desligado^e nos céus”.¹ ²⁰ Então advertiu a seus discípulos que não contassem a ninguém^u que ele era o Cristo.

Jesus Prediz sua Morte e Ressurreição (Mc 8.31-9.1; Lc 9.22-27)

²¹ Desde aquele momento Jesus começou a explicar aos seus discípulos que era necessário que ele fosse para Jerusalém e sofresse muitas coisas^v nas mãos dos líderes religiosos, dos chefes dos sacerdotes e dos mestres da lei, e fosse morto e ressuscitasse^w no terceiro dia.^x

²² Então Pedro, chamando-o à parte, começou a repreendê-lo, dizendo: “Nunca, Senhor! Isso nunca te acontecerá!”

²³ Jesus virou-se e disse a Pedro: “Para trás de mim, Satanás!^y Você é uma pedra de tropeço para mim, e não pensa nas coisas de Deus, mas nas dos homens”.

²⁴ Então Jesus disse aos seus discípulos: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me.^z ²⁵ Pois quem quiser salvar a sua vida^d, a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa, a encontrará.^a ²⁶ Pois, que adiantará ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou, o que o homem poderá dar em troca de sua alma? ²⁷ Pois o Filho do homem^b virá^c na glória de seu Pai, com os seus anjos, e então recompensará a cada um de acordo com o que tenha feito.^d ²⁸ Garanto a vocês que alguns dos que aqui se acham não experimentarão a morte antes de verem o Filho do homem vindo em seu Reino”.

A Transfiguração (Mc 9.2-13; Lc 9.28-36)

17 Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago, e os levou, em particular, a um alto monte. ² Ali ele foi transfigurado diante deles. Sua face brilhou como o sol, e suas roupas se tornaram brancas como a luz. ³ Naquele mesmo momento, apareceram diante deles Moisés e Elias, conversando com Jesus.

⁴ Então Pedro disse a Jesus: “Senhor, é bom estarmos aqui. Se quiseres, farei três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias”.

⁵ Enquanto ele ainda estava falando, uma nuvem resplandecente os envolveu, e dela saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho amado de quem me agrado.^e Ouçam-no!”^f

⁶ Ouvindo isso, os discípulos prostraram-se com o rosto em terra e ficaram aterrorizados. ⁷ Mas Jesus se aproximou, tocou neles e disse: “Levantem-se! Não tenham medo!”^g ⁸ E erguendo eles os olhos, não viram mais ninguém a não ser Jesus.

⁹ Enquanto desciam do monte, Jesus lhes ordenou: “Não contem a ninguém^h o que vocês viram, até que o Filho do homemⁱ tenha sido ressuscitado dos mortos”.^j

¹⁰ Os discípulos lhe perguntaram: “Então, por que os mestres da lei dizem que é necessário que Elias venha primeiro?”

¹¹ Jesus respondeu: “De fato, Elias vem e restaurará todas as coisas.^k ¹² Mas eu digo a vocês: Elias já veio,^l e eles não o reconheceram, mas fizeram com ele tudo o que quiseram.^m Da mesma forma o Filho do homem será maltratadoⁿ por eles”. ¹³ Então os discípulos entenderam que era de João Batista que ele tinha falado.

A Cura de um Menino Endemoninhado (Mc 9.14-32; Lc 9.37-45)

¹⁴ Quando chegaram onde estava a multidão, um homem aproximou-se de Jesus, ajoelhou-se diante dele e disse: ¹⁵ “Senhor, tem misericórdia do meu filho. Ele tem ataques^o e está sofrendo muito. Muitas vezes cai no fogo ou na água. ¹⁶ Eu o trouxe aos teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo”.

^a 16.18 Essa palavra pode ser traduzida por inferno, sepulcro, morte ou profundezas.

^b 16.18 Ou não se mostrarão mais fortes do que ela.

^c 16.19 Ou será ligado ... será desligado.

^d 16.25 Ou alma.

^e 17.15 Grego: Ele é lunático.

16.18 Nos Evangelhos, a palavra “igreja” só é utilizada por Mateus (ver também 18.17), embora na *Septuaginta* a palavra seja utilizada para a congregação de Israel. Nos círculos gregos dos dias de Jesus, a palavra indicava a assembleia dos cidadãos livres e votantes de uma cidade.

Sobre o Hades, ver nota em Sl 6.5; ver também “Sheol, Hades, Geena, Abismo e Tártaro: imagens do inferno”, em Sl 139.

17.4 Sobre as “três tendas”, ver nota em Mc 9.5.

17.5 Sobre a glória *shekinah* de Deus (sua presença visível), ver nota em Êx 14.19.

17.10 A escatologia judaica tradicional afirmava que Elias tinha de aparecer antes da vinda do Messias (ver “Escatologia judaica no século I d.C.”, em Rm 6).

17.15 Sobre os “ataques”, ver nota em 4.24.

16.16 Mt 4.3; Sl 42.2; Jo 11.27; At 14.15; 2Co 6.15; 1Ts 1.9; 1Tm 3.15; Hb 10.31; 12.22; 16.17 Mt 15.50; Gl 1.16; Ef 6.12; Hb 2.14; 16.18 Jo 1.42; Ef 2.20

16.19 1Sm 22.22; Ap 3.7; Mt 18.18; Jo 20.23

16.20 Mc 8.30; 16.21 Mt 10.34; Lc 17.25; Jo 2.19; Mt 17.22.23; 27.63; Mc 9.31; Lc 9.22; 18.31-33; 24.6,7

16.23 Mt 4.10

16.24 Mt 10.38; Lc 14.27

16.25 Jo 12.25

16.27 Mt 8.20; At 1.11; 4Jo 34.11; Sl 62.12; Jr 17.10; Am 2.6; 2Co 5.10; Ap 22.12

17.5 Mt 3.17; 2Pe 1.17; At 3.22.23

17.7 Mt 14.27

17.9 Mc 8.30; Mt 8.20; Mt 16.21

17.11 Mt 4.6; Lc 1.16.17; 17.12 Mt 11.14; Mt 14.3.10; Mt 16.21

17.15 Mt 4.24

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

A SINAGOGA DE CAFARNAUM



A sinagoga de Cafarnaum

Cortesia do © dr. Gary Pratico

MATEUS 17 A cidade de Cafarnaum (mapa 9) tem proeminência nos Evangelhos como local em que Jesus exerceu a maior parte de seu ministério público (Mt 4.13; Mc 2.1).¹ Ele realizou ali muitos milagres e costumava entrar na sinagoga de Cafarnaum, em que era convidado a ensinar (Mc 1.21; 3.1-5; Lc 4.31; Jo 6.59). De acordo com Lucas 7.5, a construção da sinagoga de Cafarnaum contou com o favor de um centurião romano que sentia grande amor pelo povo de Israel.

As ruínas de uma sinagoga foram reconhecidas por Edward Robinson em 1852, em Tell Hum. Charles Wilson conduziu ali a primeira escavação entre 1865 e 1866. Em 1894, a Custódia Franciscana da Terra Santa adquiriu o local dos turcos, construiu um monastério, cobriu as ruínas e fez plantações sobre elas, a fim de mantê-las seguras até que a situação política permitisse escavações cuidadosas. Nos anos de 1905 a 1926, uma antiga sinagoga foi escavada e parcialmente restaurada por grupos alemães e franciscanos.

A espera valeu a pena. Foi descoberta uma grande e bem ornamentada sinagoga

de pedra calcária planejada como uma basílica retangular de 18 metros de largura por 24,5 metros de comprimento. A planta baixa consistia de uma nave central ladeada por corredores. Assentos de pedra estavam alinhados às paredes orientais e ocidentais.



Temas arquitetônicos da sinagoga

Cortesia do © dr. Gary Pratico

A estrutura estava voltada para o sul, na direção de Jerusalém. Durante vários anos, os estudiosos acreditaram que essas ruínas representavam a estrutura real em que Jesus tinha ensinado. Contudo,

as escavações iniciadas em 1968 continuaram e revelaram os restos de uma estrutura mais antiga, construída em basalto negro, com uma planta baixa semelhante. As paredes de basalto, que medem 1,2 metro, estão ligeiramente fora da linha das paredes de pedra calcária, por isso não poderiam ter servido como sua fundação. Em 1981, um chão de paralelepípedo de basalto foi descoberto com cerâmicas do século I d.C. Assim, não há nenhuma dúvida de que essa é a estrutura mais antiga, o lugar em que Jesus declarou: “Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Se alguém comer deste pão, viverá para sempre” (Jo 6.51).²



¹Ver “Cafarnaum”, em Mc 9. ²Ver também “Sinagogas antigas”, em At 9.

¹⁷ Respondeu Jesus: “Ó geração incrédula e perversa, até quando estarei com vocês? Até quando terei que suportá-los? Tragam-me o menino”. ¹⁸ Jesus repreendeu o demônio; este saiu do menino que, daquele momento em diante, ficou curado.

¹⁹ Então os discípulos aproximaram-se de Jesus em particular e perguntaram: “Por que não conseguimos expulsá-lo?”

²⁰ Ele respondeu: “Porque a fé que vocês têm é pequena. Eu asseguro que, se vocês tiverem fé^a do tamanho de um grão de mostarda,^a poderão dizer a este monte: ‘Vá daqui para lá’, e ele irá.^f Nada será impossível para vocês. ²¹ Mas esta espécie só sai pela oração e pelo jejum”.^a

²² Reunindo-se eles na Galileia, Jesus lhes disse: “O Filho do homem^s será entregue nas mãos dos homens. ²³ Eles o matarão,^t e no terceiro dia^u ele ressuscitará”.^v E os discípulos ficaram cheios de tristeza.

O Imposto do Templo

²⁴ Quando Jesus e seus discípulos chegaram a Cafarnaum, os coletores do imposto de duas dracmas^{bw} vieram a Pedro e perguntaram: “O mestre de vocês não paga o imposto do templo?”

²⁵ “Sim, paga”, respondeu ele.

Quando Pedro entrou na casa, Jesus foi o primeiro a falar, perguntando-lhe: “O que você acha, Simão? De quem os reis da terra cobram tributos e impostos:^x de seus próprios filhos ou dos outros?”

²⁶ “Dos outros”, respondeu Pedro.

Disse-lhe Jesus: “Então os filhos estão isentos. ²⁷ Mas para não escandalizá-los,^y vá ao mar e jogue o anzol. Tire o primeiro peixe que você pegar, abra-lhe a boca, e você encontrará uma moeda de quatro dracmas^d. Pegue-a e entregue-a a eles, para pagar o meu imposto e o seu”.

O Maior no Reino dos Céus (Mc 9.33-37,42-46; Lc 9.46-48)

18 Naquele momento, os discípulos chegaram a Jesus e perguntaram: “Quem é o maior no Reino dos céus?”

² Chamando uma criança, colocou-a no meio deles, ³ e disse: “Eu asseguro que, a não ser que vocês se convertam e se tornem como crianças,^z jamais entrarão no Reino dos céus.^a ⁴ Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus.^b

⁵ “Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo.” ⁶ Mas, se alguém fizer cair no pecado um destes pequeninos que creem em mim,^d melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar.^e

⁷ “Ai do mundo, por causa das coisas que fazem cair no pecado! É inevitável que tais coisas aconteçam, mas ai daquele por meio de quem elas acontecem!” ⁸ Se a sua mão ou o seu pé o fizerem tropeçar,^g corte-o e jogue-os fora. É melhor entrar na vida mutilado ou aleijado do que, tendo as duas mãos ou os dois pés, ser lançado no fogo eterno. ⁹ E, se o seu olho o fizer tropeçar,^h arranque-o e jogue-o fora. É melhor entrar na vida com um só olho do que, tendo os dois olhos, ser lançado no fogo do inferno.ⁱ

A Parábola da Ovelha Perdida (Lc 15.3-7)

¹⁰ “Cuidado para não desprezarem um só destes pequeninos! Pois eu digo que os anjos^j deles nos céus estão sempre vendo a face de meu Pai celeste. ¹¹ O Filho do homem veio para salvar o que se havia perdido.^e

¹² “O que acham vocês? Se alguém possui cem ovelhas, e uma delas se perde, não deixará as noventa e nove nos montes, indo procurar a que se perdeu? ¹³ E, se conseguir encontrá-la, garanto que ele ficará mais contente com aquela ovelha do que com as noventa e nove que não se perderam. ¹⁴ Da mesma forma, o Pai de vocês, que está nos céus, não quer que nenhum destes pequeninos se perca.

Como Tratar a Ofensa de um Irmão

¹⁵ “Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro.^k Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. ¹⁶ Mas, se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros, de modo que ‘qualquer

^a 17.21 Vários manuscritos não trazem o versículo 21.

^b 17.24 A dracma era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal; também no versículo 27.

^c 17.24 Grego: *paga as duas dracmas*.

^d 17.27 Grego: *1 estáder*.

^e 18.11 Vários manuscritos não trazem o versículo 11.

17.20 Para mais informações sobre a semente de mostarda, ver nota em 13.31,32.

17.24 Diferentemente de Mateus, que coletava impostos para os dominadores romanos (9.9), esses cobradores de impostos representavam a instituição religiosa judaica em Jerusalém, supervisionando o templo e seus impostos. A taxa de duas dracmas era o imposto anual do templo, exigido de todas as pessoas do sexo masculino da idade de 20 anos ou

mais (Êx 30.13; 2Cr 24.9; Ne 10.32). Valia meio *shekel* (o salário de dois dias, aproximadamente) e era usado para a manutenção do templo. 18.6 A “pedra de moinho” (lit. “pedra de moinho de um jumento”) podia ser qualquer uma das duas pedras circulares usadas para moer grãos e giradas por um burro. Nesse caso, era muito maior e mais pesada que as pedras pequenas usadas por mulheres a cada manhã para moer grãos.

17.20 Mt 21.21; Mt 13.31; Mc 11.23; Lc 17.6; 1Co 13.2

17.22 Mt 8.20

17.23 Mt 2.23; 3.13; Mt 16.21; Mt 16.21

17.24 Êx 30.13

17.25 Mt 22.17-21; Rm 13.7

17.27 Jo 6.61

18.3 Mt 19.14; 1Pe 2.2; Mt 3.2 18.4 Mc 9.35

18.5 Mt 10.40 18.6 Mt 5.29; Mc 9.42; Lc 17.2

18.7 Lc 17.1

18.8 Mt 5.29; Mc 9.43,45

18.9 Mt 5.29; Mt 5.22

18.10 Gn 48.16; Sl 34.7; At 12.11,15; Hb 1.14

18.15 Lv 19.17; Lc 17.3; Gl 6.1; Tg 5.19,20

18.16 ^aMt 35.30;
Dt 17.6; 19.15;
Jo 8.17; 2Co 13.1;
1Tm 5.19;
Hb 10.28
18.17 ^b1Co 6.1-6;
^cRm 16.17;
2Ts 3.6,14
18.18 ^dMt 16.19;
Jo 20.23
18.19 ^eMt 7.7

acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas^a.¹⁷ Se ele se recusar a ouvi-los, conte à igreja;^m e, se ele se recusar a ouvir também a igreja, trate-o como pagão ou publicano.ⁿ

¹⁸ “Digo a verdade: Tudo o que vocês ligarem na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido desligado^b no céu.”

¹⁹ “Também digo que, se dois de vocês concordarem na terra em qualquer assunto sobre o qual pedirem, isso será feito a vocês^p por meu Pai que está nos céus. ²⁰ Pois onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles”.

A Parábola do Servo Impiedoso

18.21 ^aMt 6.14;
Lc 17.4
18.22 ^bGn 4.24
18.23 ^cMt 13.24;
^dMt 25.19
18.25 ^eLc 7.42;
^fLc 25.39;
2Rs 4.1; Ne 5.5,8
18.26 ^gMt 8.2

²¹ Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: “Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim?^q Até sete vezes?”^r

²² Jesus respondeu: “Eu digo a você: Não até sete, mas até setenta vezes sete.”^s

²³ “Por isso, o Reino dos céus é como^t um rei que desejava acertar contas^u com seus servos. ²⁴ Quando começou o acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia uma enorme quantidade de prata.^d Como não tinha condições de pagar,^v o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos^w para pagar a dívida.

²⁶ “O servo prostrou-se diante dele^x e lhe implorou: ‘Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo’.

²⁷ O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir.

²⁸ “Mas, quando aquele servo saiu, encontrou um de seus conservos, que lhe devia cem denários^y. Agarrou-o e começou a sufocá-lo, dizendo: ‘Pague-me o que me deve!’

²⁹ “Então o seu conservo caiu de joelhos e implorou-lhe: ‘Tenha paciência comigo, e eu pagarei a você’.

³⁰ “Mas ele não quis. Antes, saiu e mandou lançá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. ³¹ Quando os outros servos, companheiros dele, viram o que havia acontecido, ficaram muito tristes e foram contar ao seu senhor tudo o que havia acontecido.

³² “Então o senhor chamou o servo e disse: ‘Servo mau, cancelei toda a sua dívida porque você me implorou. ³³ Você não devia ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?’ ³⁴ Irado, seu senhor entregou-o aos torturadores, até que pagasse tudo o que devia.

³⁵ “Assim também fará meu Pai celestial a vocês se cada um de vocês não perdoar de coração a seu irmão”.^y

18.35 ^aMt 6.14;
Tg 2.13

A Questão do Divórcio (Mc 10.1-12)

19.1 ^aMt 7.28
19.2 ^bMt 4.23
19.3 ^cMt 5.31
19.4 ^dGn 1.27; 5.2
19.5 ^eGn 2.24;
1Co 6.16; Ef 5.31
19.7 ^fDt 24.1-4;
Mt 5.31

19 Quando acabou de dizer essas coisas,^z Jesus saiu da Galileia e foi para a região da Judeia, no outro lado do Jordão. ² Grandes multidões o seguiam, e ele as curou ali.^a

³ Alguns fariseus aproximaram-se dele para pô-lo à prova. E perguntaram-lhe: “É permitido ao homem divorciar-se de sua mulher^b por qualquer motivo?”

⁴ Ele respondeu: “Vocês não leram que, no princípio, o Criador ‘os fez homem e mulher’^c ⁵ e disse: ‘Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e os dois se tornarão uma só carne’^d ⁶ Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe”.

⁷ Perguntaram eles: “Então, por que Moisés mandou dar uma certidão de divórcio à mulher e mandá-la embora?”^e

^a 18.16 Dt 19.15.

^b 18.18 Ou será ligado ... será desligado.

^c 18.22 Ou 77.

^d 18.24 Grego: 10.000 talentos. O talento equivalia a 35 quilos.

^e 18.28 O denário era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal.

^f 19.5 Gn 1.27.

^g 19.5 Gn 2.24.

18.17 “Igreja” aqui é a congregação local (ver nota em 16.18). Sobre o “publicano” (ou “cobrador de impostos”), ver nota em 5.46.

18.21 Um ensinamento básico no âmbito do judaísmo (baseado em Jó 33.29,30; Am 1.3; 2.6) era que três situações de perdão refletiam um espírito perdoador. A oferta de Pedro, mais que o dobro desse número, era generosa, provavelmente refletindo o desejo pela perfeição, que o número sete representava. A resposta de Jesus — que, em essência, Pedro deveria perdoar inúmeras vezes — foi surpreendente.

18.28 Para mais informações sobre os “denários”, ver nota em 20.2.

18.30 Ver “Prisão no mundo romano: na prisão versus prisão domiciliar”, em At 26.

19.1 Para mais informações sobre a Judeia, ver nota em Mc 10.1. O “outro lado do Jordão” é o lado oriental, conhecido mais tarde como Transjordânia ou Perea — hoje Jordânia.

19.3 Para mais informações sobre os fariseus, ver nota em 3.7.

Havia uma disputa entre as escolas de Shammai e Hillel sobre a interpretação de Deuteronômio 24.1-4. Shammai assegurava que “algo que ele reprova” (ou “coisa indecente”, Dt 24.1) significava “infidelidade conjugal” (Mt 19.9) — a única causa permissível para divórcio. Hillel enfatizava a cláusula precedente, “se [...] não a quiser mais” (Dt 24.1). Ele entendia que o homem podia se divorciar da esposa se ela fizesse qualquer coisa de que ele não gostasse — até mesmo se queimasse a comida enquanto cozinhava. Jesus claramente ficou do lado de Shammai, mas só depois de mostrar o ideal original de Deus para o casamento.

⁸ Jesus respondeu: “Moisés permitiu que vocês se divorciassem de suas mulheres por causa da dureza de coração de vocês. Mas não foi assim desde o princípio. ⁹ Eu digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual^a, e se casar com outra mulher, estará cometendo adultério”.^f

¹⁰ Os discípulos lhe disseram: “Se esta é a situação entre o homem e sua mulher, é melhor não casar”.

¹¹ Jesus respondeu: “Nem todos têm condições de aceitar esta palavra; somente aqueles a quem isso é dado.^g ¹² Alguns são eunucos porque nasceram assim; outros foram feitos assim pelos homens; outros ainda se fizeram eunucos^b por causa do Reino dos céus. Quem puder aceitar isso, aceite”.

^a 19.9 Grego: *porneia*; termo genérico que se refere a práticas sexuais ilícitas.

^b 19.12 Ou renunciaram ao casamento.

19.9 Mt 5.32;
Lc 16.18

19.11 Mt 13.11;
1Co 7.7-9,17

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A lenda da porta chamada Fundo da Agulha

MATEUS 19 Desde a Idade Média, os comentaristas da Bíblia têm considerado a possibilidade de que a declaração de Jesus relativa ao “fundo de uma agulha” (Mt 19.24) seja uma referência a alguma porta ou portão que tenha existido em seus dias. De fato, algumas casas tinham uma porta grande o bastante para permitir que um camelo carregado entrasse no pátio. Uma vez que essa porta exigia grande esforço para ser aberta, uma porta menor era recortada dentro dela, permitindo o fácil acesso das pessoas e de pequenos animais à casa. Alguns intérpretes acreditam que essa porta menor era “o portão do fundo da agulha”, enquanto outros entendem que o “fundo da agulha” era a porta pequena dentro do portão maior da cidade, como a de Jafa e a de Hebrom.¹ A passagem pelo portão menor, diziam, forçava o camelo a se ajoelhar. Assim, a ideia do ensino de Jesus no versículo 24 seria que o rico só podia entrar no Reino de céu se caísse de joelhos.

Embora essas teorias pareçam esclarecedoras, diminuem a força das palavras de Jesus. A ideia não é que a salvação seja difícil sem Deus, mas que é impossível sem ele. O contraste entre o maior animal conhecido na Palestina e o menor dos buracos criou uma

ilustração memorável. O fato de os portões serem chamados assim nos dias de hoje resulta da influência desse episódio e de

declarações semelhantes contidas no **Talmude** e no **Alcorão**. Ou seja, a expressão “portão do fundo da agulha” provavelmente não antecede o ensino. Talvez a popularidade do termo é que seja decorrente do ensino.

Na declaração original de Jesus, é bem provável que o “fundo de uma agulha” fosse mesmo o buraco de uma agulha e de forma alguma um portão.

Os leitores da Bíblia devem se precaver de interpretações lendárias e pseudoarqueológicas que podem ser equivocadas e mesmo distorcer e questionar o verdadeiro significado do texto bíblico.



Texto grego do evangelho de Mateus; Egito, século IV d.C.

© The Schøyen Collection; cortesia do sr. Martin Schøyen

¹Ver “A porta da cidade”, em Rt 4.

Jesus e as Crianças (Mc 10.13-16; Lc 18.15-17)

¹³ Depois trouxeram crianças a Jesus, para que lhes impusesse as mãos^h e orasse por elas. Mas os discípulos os repreendiam.

¹⁴ Então disse Jesus: “Deixem vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertenceⁱ aos que são semelhantes a elas”.^j ¹⁵ Depois de lhes impor as mãos, partiu dali.

O Jovem Rico (Mc 10.17-31; Lc 18.18-30)

¹⁶ Eis que alguém se aproximou de Jesus e lhe perguntou: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?”^k

¹⁷ Respondeu-lhe Jesus: “Por que você me pergunta sobre o que é bom? Há somente um que é bom. Se você quer entrar na vida, obedeça aos mandamentos”.^m

¹⁸ “Quais?”, perguntou ele.

Jesus respondeu: “Não matarás, não adulterarás,ⁿ não furtarás, não darás falso testemunho,

¹⁹ honra teu pai e tua mãe^{ao} e ‘Amarás o teu próximo como a ti mesmo’^{b”}.^p

²⁰ Disse-lhe o jovem: “A tudo isso tenho obedecido. O que me falta ainda?”

²¹ Jesus respondeu: “Se você quer ser perfeito,^q vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres,^r e você terá um tesouro nos céus.^s Depois, venha e siga-me”.

²² Ouvindo isso, o jovem afastou-se triste, porque tinha muitas riquezas.

²³ Então Jesus disse aos discípulos: “Digo a verdade: Difícilmente um rico^t entrará no Reino dos céus. ²⁴ E digo ainda: É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”.

²⁵ Ao ouvirem isso, os discípulos ficaram perplexos e perguntaram: “Neste caso, quem pode ser salvo?”

²⁶ Jesus olhou para eles e respondeu: “Para o homem é impossível, mas para Deus todas as coisas são possíveis”.^u

²⁷ Então Pedro lhe respondeu: “Nós deixamos tudo para seguir-te!^v Que será de nós?”

²⁸ Jesus lhes disse: “Digo a vocês a verdade: Por ocasião da regeneração de todas as coisas, quando o Filho do homem se assentar em seu trono glorioso,^w vocês que me seguiram também se assentarão em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel.^x ²⁹ E todos os que tiverem deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe,^y filhos ou campos, por minha causa, receberão cem vezes mais e herdarão a vida eterna.^y ³⁰ Contudo, muitos primeiros serão últimos, e muitos últimos serão primeiros.^z

A Parábola dos Trabalhadores na Vinha

20 “Pois o Reino dos céus é como^a um proprietário que saiu de manhã cedo para contratar trabalhadores para a sua vinha.^b ² Ele combinou pagar-lhes um denário^d pelo dia e mandou-os para a sua vinha.

³ “Por volta das nove horas da manhã, ele saiu e viu outros que estavam desocupados na praça, ⁴ e lhes disse: ‘Vão também trabalhar na vinha, e eu pagarei a vocês o que for justo’. ⁵ E eles foram.

“Saindo outra vez, por volta do meio-dia e das três horas da tarde,^e fez a mesma coisa. ⁶ Saindo por volta das cinco horas da tarde,^f encontrou ainda outros que estavam desocupados e lhes perguntou: ‘Por que vocês estiveram aqui desocupados o dia todo?’ ⁷ ‘Porque ninguém nos contratou’, responderam eles.

“Ele lhes disse: ‘Vão vocês também trabalhar na vinha’.

⁸ “Ao cair da tarde,^g o dono da vinha disse a seu administrador: ‘Chame os trabalhadores e pague-lhes o salário, começando com os últimos contratados e terminando nos primeiros’.

⁹ “Vieram os trabalhadores contratados por volta das cinco horas da tarde, e cada um recebeu um denário. ¹⁰ Quando vieram os que tinham sido contratados primeiro, esperavam receber mais. Mas cada um deles também recebeu um denário. ¹¹ Quando o receberam, começaram a se queixar^d do

^a 19.19 Ex 20.12-16; Dt 5.16-20.

^b 19.19 Lv 19.18.

^c 19.29 Alguns manuscritos acrescentam *ou mulher*.

^d 20.2 O denário era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal; também nos versículos 9, 10 e 13.

^e 20.5 Grego: *da hora sexta e da hora nona*.

^f 20.6 Grego: *da décima primeira hora*; também no versículo 9.

19.21,22 Para mais informações sobre o ascetismo na vida do cristão, ver nota em Lv 10.9.

19.24 Ver nota em Mc 10.25; ver também “A lenda da porta chamada Fundo da Agulha”, em Mt 19.

20.2 O denário era o salário diário normal. O soldado romano também recebia um denário por dia.

20.3 A “hora terceira” equivale às nove horas da manhã. Sobre as múltiplas funções da ágora, ou mercado, ver nota em 11.16,17; ver também “A ágora antiga”, em At 16.

20.5 A “hora sexta” é o meio-dia, e a “hora nona”, três da tarde.

20.6 A “décima primeira hora”, portanto, equivale às cinco horas da tarde.

20.8 Pelo fato de que os trabalhadores do campo eram pobres, a Lei mosaica exigida que eles fossem pagos ao término de cada dia.

proprietário da vinha, ¹² dizendo-lhe: ‘Estes homens contratados por último trabalharam apenas uma hora, e o senhor os igualou a nós, que suportamos o peso do trabalho e o calor^a do dia’.

¹³ “Mas ele respondeu a um deles: ‘Amigo,^f não estou sendo injusto com você. Você não concordou em trabalhar por um denário?’ ¹⁴ Receba o que é seu e vá. Eu quero dar ao que foi contratado por último o mesmo que dei a você. ¹⁵ Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu dinheiro? Ou você está com inveja porque sou generoso?’^g

¹⁶ “Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos”^{a, h}.

Jesus Prediz Novamente sua Morte e Ressurreição (Mc 10.32-34; Lc 18.31-34)

¹⁷ Enquanto estava subindo para Jerusalém, Jesus chamou em particular os doze discípulos e lhes disse: ¹⁸ “Estamos subindo para Jerusalém,ⁱ e o Filho do homem^j será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos mestres da lei.^k Eles o condenarão à morte ¹⁹ e o entregarão aos gentios^l para que zombem dele, o açoitem^m e o crucifiquemⁿ. No terceiro^o dia ele ressuscitará!”^o

O Pedido de uma Mãe (Mc 10.35-45)

²⁰ Então, aproximou-se de Jesus a mãe dos filhos de Zebedeu^p com seus filhos e, prostrando-se,^q fez-lhe um pedido.

²¹ “O que você quer?”, perguntou ele.

Ela respondeu: “Declara que no teu Reino estes meus dois filhos se assentarão um à tua direita e o outro à tua esquerda”.

²² Disse-lhes Jesus: “Vocês não sabem o que estão pedindo. Podem vocês beber o cálice^s que eu vou beber?”

“Podemos”, responderam eles.

²³ Jesus lhes disse: “Certamente vocês beberão do meu cálice;^t mas o assentar-se à minha direita ou à minha esquerda não cabe a mim conceder. Esses lugares pertencem àqueles para quem foram preparados por meu Pai”.

²⁴ Quando os outros dez ouviram isso, ficaram indignados^u com os dois irmãos. ²⁵ Jesus os chamou e disse: “Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. ²⁶ Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo,^v ²⁷ e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; ²⁸ como o Filho do homem,^w que não veio para ser servido, mas para servir^x e dar a sua vida em resgate^y por muitos”.

Dois Cegos Recuperam a Visão (Mc 10.46-52; Lc 18.35-43)

²⁹ Ao saírem de Jericó, uma grande multidão seguiu Jesus. ³⁰ Dois cegos estavam sentados à beira do caminho e, quando ouviram falar que Jesus estava passando, puseram-se a gritar: “Senhor, Filho de Davi,^z tem misericórdia de nós!”

³¹ A multidão os repreendeu para que ficassem quietos, mas eles gritavam ainda mais: “Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós!”

³² Jesus, parando, chamou-os e perguntou-lhes: “O que vocês querem que eu faça?”

³³ Responderam eles: “Senhor, queremos que se abram os nossos olhos”.

³⁴ Jesus teve compaixão deles e tocou nos olhos deles. Imediatamente eles recuperaram a visão e o seguiram.

A Entrada Triunfal (Mc 11.1-11; Lc 19.28-40; Jo 12.12-19)

21 Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras,^a Jesus enviou dois discípulos, ² dizendo-lhes: “Vão ao povoado que está adiante de vocês;

^a 20.16 Alguns manuscritos acrescentam *Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.*

^b 20.19 Isto é, os que não são judeus.

20.15 “Você está com inveja?” significa literalmente “seus olhos são maus?”. O mau-olhado, no mundo antigo, cobiçava o que pertencia ao outro.

20.21 Para mais informações sobre essas posições de honra, ver “A ‘maioria’ no pensamento antigo”, em Hb 1.

20.22 “Beber o cálice” era uma figura de linguagem e significava “suportar” ou “experimentar”.

20.26,27 O “servo” (*diakonos*, v. 26) era alguém, livre ou escravo, que estava a serviço de outra pessoa. O “escravo” (*doulos*, v. 27) era propriedade de outro (embora a *NVI* geralmente traduza *doulos* por “servo”).

Paulo usou ambos os títulos para descrever a si mesmo e a outros que deram a vida para o bem-estar da humanidade e da igreja. Mais tarde, João chamou a si mesmo *doulos* de Jesus (Ap 1.1), à semelhança de Pedro (2Pe 1.1) e dos próprios irmãos de Jesus (Tg 1.1; Jd 1).

20.28 A palavra grega traduzida por “resgate” era geralmente usada para designar o preço pago para libertar um escravo.

20.29 Ver “A Jericó do Novo Testamento”, em Mc 10.

21.1-11 Por meio do que chamamos “entrada triunfal”, Jesus declarou intencionalmente sua identidade messiânica a Israel. A descida do monte das

20.12 ^aJn 4.8; Lc 12.55; Tg 1.11

20.13 ^fMt 22.12; 26.50

20.15 ^oMt 15.9; Mc 7.22

20.16 ^hMt 19.30

20.18 ⁱLc 9.51; ^jMt 8.20; ^kMt 16.21; 27.1,2

20.19 ^lMt 16.21;

^mAl 2.23;

ⁿMt 16.21;

^oMt 16.21

20.20 ^pMt 4.21; ^qMt 8.2

20.21 ^rMt 19.28

20.22 ^sSm 51.17;

22; Jr 49.12;

^tMt 26.39,42;

^uMc 14.36;

^vLc 22.42; Jo 18.11

20.23 ^wAl 12.2;

^xAp 1.9

20.24 ^yLc 22.24, 25

20.26 ^zMt 23.11;

^aMc 9.35

20.28 ^bMt 8.20,

^cLc 22.27;

^dJo 13.13-16;

^e2Co 8.9; Fp 2.7;

^f1Sm 53.10;

^gMt 26.28;

^h1Tm 2.6;

ⁱTt 2.14; Hb 9.28;

^j1Pe 1.18,19

20.30 ^kMt 9.27

21.1 ^lMt 24.3;

26.30; Mc 14.26;

^mLc 19.37; 21.37;

22.39; Jo 8.1;

ⁿAt 1.12

logo encontrarão uma jumenta amarrada, com um jumentinho ao lado. Desamarrem-nos e tragam-nos para mim. ³ Se alguém perguntar algo, digam-lhe que o Senhor precisa deles e logo os enviará de volta”.

⁴ Isso aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta:

⁵ “Digam à cidade^a de Sião:

‘Eis que o seu rei vem a você,

humilde e montado num jumento,

num jumentinho, cria de jumenta’^b”^b

⁶ Os discípulos foram e fizeram o que Jesus tinha ordenado. ⁷ Trouxeram a jumenta e o jumentinho, colocaram sobre eles os seus mantos, e sobre estes Jesus montou. ⁸ Uma grande multidão estendeu seus mantos^c pelo caminho, outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pelo caminho.

⁹ A multidão que ia adiante dele e os que o seguiam gritavam:

“Hosana^c ao Filho de Davi!”^d

“Bendito é o que vem em nome do Senhor!”^{de}

“Hosana nas alturas!”^f

¹⁰ Quando Jesus entrou em Jerusalém, toda a cidade ficou agitada e perguntava: “Quem é este?”

¹¹ A multidão respondia: “Este é Jesus, o profeta^g de Nazaré da Galileia”.

Jesus Purifica o Templo (Mc 11.15-19; Lc 19.45-48)

¹² Jesus entrou no templo e expulsou todos os que ali estavam comprando^h e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistasⁱ e as cadeiras dos que vendiam pombas,^j ¹³ e lhes disse: “Está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração’^k mas vocês estão fazendo dela um ‘covil de ladrões’”^l.

¹⁴ Os cegos e os mancos aproximaram-se dele no templo, e ele os curou.^m ¹⁵ Mas, quando os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei viram as coisas maravilhosas que Jesus fazia e as crianças gritando no templo: “Hosana ao Filho de Davi”,ⁿ ficaram indignados,^o ¹⁶ e lhe perguntaram: “Não estás ouvindo o que estas crianças estão dizendo?”

Respondeu Jesus: “Sim, vocês nunca leram:

“‘Dos lábios das crianças e dos recém-nascidos
suscitaste louvor’^p”^q

¹⁷ E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia,^a onde passou a noite.

A Figueira Seca (Mc 11.20-25)

¹⁸ De manhã cedo, quando voltava para a cidade, Jesus teve fome. ¹⁹ Vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela, mas nada encontrou, a não ser folhas. Então lhe disse: “Nunca mais dê frutos!” Imediatamente a árvore secou.^r

²⁰ Ao verem isso, os discípulos ficaram espantados e perguntaram: “Como a figueira secou tão depressa?”

^a 21.5 Grego: filha.

^b 21.5 Zc 9.9.

^c 21.9 Expressão hebraica que significa “Salve!”, e que se tornou uma exclamação de louvor; também no versículo 15.

^d 21.9 Sl 118.26.

^e 21.13 Is 56.7.

^f 21.13 Jr 7.11.

^g 21.16 Sl 8.2.

Oliveiras em Jerusalém evoca imagens da profecia de Zacarias sobre a batalha divina em que Jesus tem os pés sobre esse monte, em defesa de Israel (Zc 14.3-21). Mais adiante, outra provocação de Jesus: ele monta um jumento, cumprindo a profecia de Zacarias do Rei messiânico que viria libertar seu povo (ver Zc 9.9; ver também “Um rei cavaleiro em um jumento: significado político-cultural no antigo Oriente Médio”, em Mt 21).

21.1 Ver “O monte das Oliveiras”, em Zc 14.

21.8 Estender mantos por caminhos e estradas era uma homenagem reservada aos reis. A palavra traduzida por “ramos de árvores” significa “folhas” ou “ramos de folhas”, facilmente encontradas nos campos próximos. Só João menciona ramos de palmeiras (ver Jo 12.13), que podem ter vindo de Jericó, já que não são nativas de Jerusalém (ver “Ramos de palmeira em Israel”, em Ap 7).

21.9 “Hosana” (heb. *hōšā-nā*; gr. *hōsanna*; significa “salve agora”) originou-se como uma oração (“Salve agora, suplicamos”; Sl 118.25), mas nos tempos do NT havia perdido seu significado primário e se tornado uma expressão de louvor (ver também Mc 11.9,10; Jo 12.13). É uma

palavra transliterada, em vez de traduzida, em três evangelhos (Lucas a omite), o que evidencia mudança de significado. Não que a palavra hebraica já não tivesse nenhum vínculo com a salvação: o contexto, que é uma lembrança de Sl 118.25,26, se não uma citação direta ou uma alusão a ele, mostra que em sua aplicação a Deus Pai e a Jesus, “Hosana” dizia respeito à salvação messiânica.

21.11 Ver “Nazaré”, em Mc 1.

21.12 A compra e venda de animais (a preços exorbitantes) acontecia no grande pátio exterior dos gentios, que compreendia vários acres (ver nota em Mc 11.15).

21.14 As autoridades judaicas costumavam restringir o acesso dos mancos, cegos, surdos e mudos ao templo, para simbolizar a pureza esperada daqueles que se aproximavam de Deus.

21.17 Betânia era uma aldeia na encosta oriental do monte das Oliveiras, distante cerca de 3 quilômetros de Jerusalém. Ali ficava a casa de Maria, Marta e Lázaro (ver “Betânia e o túmulo de Lázaro”, em Jo 11).

²¹ Jesus respondeu: “Eu asseguro que, se vocês tiverem fé e não duvidarem,^s poderão fazer não somente o que foi feito à figueira, mas também dizer a este monte: ‘Levante-se e atire-se no mar’, e assim será feito.” ²² E tudo o que pedirem^t em oração, se crerem, vocês receberão”.

21.21 *Mt 17.20;
Lc 17.6; 1Co 13.2;
Tg 1.6

21.22 *Mt 7.7

A Autoridade de Jesus é Questionada (Mc 11.27-33; Lc 20.1-8)

²³ Jesus entrou no templo e, enquanto ensinava, aproximaram-se dele os chefes dos sacerdotes e os líderes religiosos do povo e perguntaram: “Com que autoridade^e estás fazendo estas coisas? E quem te deu tal autoridade?”

21.23 *At 4.7; 7.27

²⁴ Respondeu Jesus: “Eu também farei uma pergunta. Se vocês me responderem, eu direi com que autoridade estou fazendo estas coisas.” ²⁵ De onde era o batismo de João? Do céu ou dos homens?”

Eles discutiam entre si, dizendo: “Se dissermos: Do céu, ele perguntará: ‘Então por que vocês não creram nele?’” ²⁶ Mas, se dissermos: Dos homens — temos medo do povo, pois todos consideram João um profeta”.^v

21.26 *Mt 11.9;
Mc 6.20

²⁷ Eles responderam a Jesus: “Não sabemos”.

E ele lhes disse: “Tampouco direi com que autoridade estou fazendo estas coisas.”

A Parábola dos Dois Filhos

²⁸ “O que acham? Havia um homem que tinha dois filhos. Chegando ao primeiro, disse: ‘Filho, vá trabalhar hoje na vinha’.^w

21.28 *v. 33;
Mt 20.1

²⁹ “E este respondeu: ‘Não quero!’ Mas depois mudou de ideia e foi.

³⁰ “O pai chegou ao outro filho e disse a mesma coisa. Ele respondeu: ‘Sim, senhor!’ Mas não foi.

21.23 Vários pátios cercavam os edifícios principais do templo, entre eles o pátio das Mulheres, o pátio dos Homens (israelitas) e o pátio dos Gentios. Sobre os “chefes dos sacerdotes”, ver nota em 2.4. Os “líderes

religiosos” (ou “anciãos”) eram os membros leigos do Sinédrio (ver “O Sinédrio”, em At 23), o tribunal superior dos judeus.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Um rei cavalcando em um jumento: significado político-cultural no antigo Oriente Médio

MATEUS 21 A entrada de Jesus em Jerusalém no Domingo de Ramos foi um dos episódios mais significativos de seu ministério. Os quatro Evangelhos registram esse incidente, porém com diferenças nos detalhes (Mt 21.1-11; Mc 11.1-10; Lc 19.29-38; Jo 12.12-15). Em cada relato, o que predomina é a escolha deliberada de Jesus de entrar na cidade montado num jumento. Os estudiosos têm percebido três pontos significativos com respeito à escolha dessa montaria. Esses aspectos não são mutuamente exclusivos, e cada um contribui para uma avaliação mais completa do significado da ação simbólica de Jesus e de suas consequências decisivas:

✦ O jumento era a montaria tradicional de reis e governadores no antigo Oriente Médio (Jz 10.4; 12.14; 2Sm 16.2). Jesus, de forma velada, estava reivindicando a condição de rei de seu povo.¹

✦ O ato de entrar em Jerusalém montado num jumento perto da celebração da Páscoa, vinculado a textos bíblicos como Gênesis 49.10, Isaías 62.11 e Zacarias 9.9, evocava uma imagem da expectativa messiânica. Dois dos quatro evangelistas explicam o significado da entrada de Jesus como um cumprimento das Escrituras (Mt 21.5; Jo 12.15). Além disso, na literatura e no ensino judaicos, a imagem de um rei sobre um jumento que

chega a Jerusalém era compreendida como a chegada do Rei messiânico. Assim, Jesus estava reivindicando também a condição de Messias e proclamando que a era da restauração estava começando por meio dele.²

✦ À luz da associação comum, no AT, entre cavalos de guerra e orgulho humano, o jumento talvez representasse a humildade pacífica. Jesus, nessa interpretação, estava revelando o caráter de sua realeza (cf. Dt 17.16; 2Sm 15.1; Sl 20.6-9; 33.16-18; 147.10,11; Pv 21.31; Zc 9.9,10).

¹ Ver “O rei no antigo Oriente Médio”, em Sl 45.

² Ver “Escatologia judaica no século I d.C.”, em Rm 6.

21.31 ^aLc 7.29;
^bLc 7.50

³¹ “Qual dos dois fez a vontade do pai?”

“O primeiro”, responderam eles.

Jesus lhes disse: “Digo a verdade: Os publicanos^a e as prostitutas^b estão entrando antes de vocês no Reino de Deus. ³² Porque João veio para mostrar o caminho da justiça,^c e vocês não creram nele, mas os publicanos^a e as prostitutas^b creram. E, mesmo depois de verem isso, vocês não se arrependeram^c nem creram nele.

21.32 ^aMt 3.1-12;
^bLc 3.12,13; 7.29;
^cLc 7.36-50;
^dLc 7.30

A Parábola dos Lavradores (Mc 12.1-12; Lc 20.9-19)

21.33 ^aSl 80.8;
^b1Sm 5.1-7;
^cMt 25.14,15
21.34 ^aMt 22.3

³³ “Ouçam outra parábola: Havia um proprietário de terras que plantou^d uma vinha. Colocou uma cerca ao redor dela, cavou um tanque para pressar as uvas e construiu uma torre.^e Depois arrendou a vinha a alguns lavradores e foi fazer uma viagem.^f ³⁴ Aproximando-se a época da colheita, enviou seus servos^g aos lavradores, para receber os frutos que lhe pertenciam.

21.35 ^a2Cr 24.21;
^bMt 23.34,37;
^cHb 11.36,37
21.36 ^aMt 22.4

³⁵ “Os lavradores agarraram seus servos; a um espancaram, a outro mataram e apedrejaram o terceiro.^h ³⁶ Então enviou-lhes outros servosⁱ em maior número, e os lavradores os trataram da mesma forma. ³⁷ Por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: ‘A meu filho respeitarão’.

21.38 ^aHb 1.2;
^bMt 12.14; ^cSl 2.8

³⁸ “Mas, quando os lavradores viram o filho, disseram uns aos outros: ‘Este é o herdeiro.’ Venham, vamos matá-lo^k e tomar a sua herança’.^l ³⁹ Assim eles o agarraram, lançaram-no para fora da vinha e o mataram.

⁴⁰ “Portanto, quando vier o dono da vinha, o que fará àqueles lavradores?”

21.41 ^aMt 8.11;
^b12; ^cAt 13.46;
^d18.6; 28.28

⁴¹ Responderam eles: “Matará de modo horrível esses perversos^m e arrendará a vinha a outros lavradores,ⁿ que lhe deem a sua parte no tempo da colheita”.

21.42 ^aSl 118;
^b22,23; ^cAt 4.11;
^d1Pe 2.7

⁴² Jesus lhes disse: “Vocês nunca leram isto nas Escrituras?

“ ‘A pedra que os construtores rejeitaram
tornou-se a pedra angular;
isso vem do Senhor,
e é algo maravilhoso para nós’^{a,o}

21.43 ^aMt 8.12
21.44 ^aLc 2.34

⁴³ “Portanto, eu digo que o Reino de Deus será tirado de vocês^p e será dado a um povo que dê os frutos do Reino. ⁴⁴ Aquele que cair sobre esta pedra será despedaçado, e aquele sobre quem ela cair será reduzido a pó”.^{b,q}

21.46 ^av. 11,26

⁴⁵ Quando os chefes dos sacerdotes e os fariseus ouviram as parábolas de Jesus, compreenderam que ele falava a respeito deles. ⁴⁶ E procuravam um meio de prendê-lo; mas tinham medo das multidões, pois elas o consideravam profeta.^r

A Parábola do Banquete de Casamento (Lc 14.15-24)

22.2 ^aMt 13.24

22 Jesus lhes falou novamente por parábolas, dizendo: ² “O Reino dos céus é como^s um rei que preparou um banquete de casamento para seu filho. ³ Enviou seus servos^t aos que tinham sido convidados para o banquete, dizendo-lhes que viessem; mas eles não quiseram vir.

22.3 ^aMt 21.34

⁴ “De novo enviou outros servos^u e disse: ‘Digam aos que foram convidados que preparei meu banquete: meus bois e meus novilhos gordos foram abatidos, e tudo está preparado. Venham para o banquete de casamento!’

22.4 ^aMt 21.36

^a 21.42 ^aSl 118.22,23.

^b 21.44 Muitos manuscritos não trazem o versículo 44.

21.31 Para mais informações sobre os publicanos, ver nota em Mt 5.46. 21.33 Para mais informações sobre o “tanque para pressar as uvas”, ver “O lagar”, em Is 63. A torre servia para vigiar a vinha, especialmente quando as uvas amadureciam, como também para abrigar.

21.41 “Outros lavradores” é uma referência aos gentios. No século II d.C., a igreja era composta quase inteiramente de gentios.

21.45 Sobre os “chefes dos sacerdotes”, ver nota em 2.4; para mais informações sobre os fariseus, ver nota em 3.7.

22.2-14 Os hebreus, como outros povos do antigo Oriente Médio, eram apaixonados por festas sociais. Nas três grandes festas religiosas, nas quais era esperada a participação de todos os homens, cada família tinha uma festa própria. Os sacrifícios também eram acompanhados por abundância de comida (Êx 34.15; Jz 16.23-25), e havia as festas de aniversário (Gn 40.20; Jó 1.4; Mt 14.6), de casamento (Gn 29.22; Mt 22.2), de funeral (2Sm 3.35; Jr 16.7), ao se colocar fundações (Pv 9.1-5), da vindima (Jz 9.27), da tosquia das ovelhas (1Sm 25.2,36) e em outras ocasiões. Num banquete, o vinho era obrigatório. Para um grande banquete, costumava-se enviar um segundo convite, ainda no mesmo dia, ou então um criado escoltava os convidados até a festa (ver também Lc 14.17). O anfitrião providenciava roupas para os convidados, que eram usadas

em sua honra, como símbolo de consideração a ele. Os convidados eram saudados pelo anfitrião com um beijo (Lc 7.45), e os pés dos recém-chegados eram lavados por causa das estradas empoeiradas (Sl 18.4; Jz 19.21; Lc 7.44). A cabeça dos convidados era ungida (Sl 23.5; Lc 7.46), e às vezes também a barba, os pés e a roupa. A cabeça era enfeitada com grinaldas (Is 28.1). Os convidados ficavam sentados de acordo com o grau de importância (1Sm 9.22; Lc 14.8), as mãos eram lavadas (2Rs 3.11) e oferecidas orações para abençoar a refeição (1Sm 9.13; Mt 15.35,36; Lc 22.17).

O banquete era servido sob a supervisão de um “mestre de cerimônias”, normalmente um dos convidados cujas tarefas eram provar a comida e a bebida e supervisionar os brindes e as diversões. Os convidados que eram alvo de maior honra recebiam porções maiores ou melhores (Gn 43.34; 1Sm 9.23,24), e às vezes eram enviadas porções a amigos que não compareciam ao banquete (2Sm 11.8; Ne 8.10). Normalmente, as refeições eram animadas com música, cantos e danças (2Sm 19.35; Lc 15.25) ou com enigmas (Jz 14.12). Um grande banquete às vezes durava sete dias, mas os excessos na comida e na bebida eram condenados pelos escritores sagrados (Ec 10.16,17; Is 5.11,12).

⁵ “Mas eles não lhes deram atenção e saíram, um para o seu campo, outro para os seus negócios.
⁶ Os restantes, agarrando os servos, maltrataram-nos e os mataram. ⁷ O rei ficou irado e, enviando o seu exército, destruiu aqueles assassinos^v e queimou a cidade deles.

⁸ “Então disse a seus servos: ‘O banquete de casamento está pronto, mas os meus convidados não eram dignos. ⁹ Vão às esquinas^w e convidem para o banquete todos os que vocês encontrarem’.

¹⁰ Então os servos saíram para as ruas e reuniram todas as pessoas que puderam encontrar, gente boa e gente má,^x e a sala do banquete de casamento ficou cheia de convidados.

¹¹ “Mas, quando o rei entrou para ver os convidados, notou ali um homem que não estava usando veste nupcial. ¹² E lhe perguntou: ‘Amigo,^y como você entrou aqui sem veste nupcial?’ O homem emudeceu.

¹³ “Então o rei disse aos que serviam: ‘Amarrem-lhe as mãos e os pés, e lancem-no para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes’.^z

¹⁴ “Pois muitos são chamados, mas poucos são escolhidos”.^a

22.7 Lc 19.27

22.9 Ez 21.21

22.10 Mt 13.47, 48

22.12 Mt 20.13, 26.50

22.13 Mt 8.12

22.14 Ap 17.14

22.7 Queimar uma cidade era uma prática militar comum. Talvez tenhamos aqui uma alusão à destruição eminente de Jerusalém, em 70 d.C.

22.11 Parece que era costume o anfitrião da festa de casamento proporcionar as vestes nupciais para os convidados. Talvez tenham sido necessárias aos convidados desse banquete em particular, porque eles foram

trazidos diretamente das ruas. O erro do homem em questão, que não quis fazer uso da veste nupcial, constituiu um insulto ao anfitrião (ver “Casamentos no antigo Israel”, em Ct 3).

22.13 Sobre o significado do “ranger de dentes”, ver nota em Sl 35.16.

22.13 Mt 8.12
 22.14 Ap 17.14
 22.15 Mt 13.47, 48
 22.16 Mt 13.47, 48
 22.17 Mt 13.47, 48
 22.18 Mt 13.47, 48
 22.19 Mt 13.47, 48
 22.20 Mt 13.47, 48
 22.21 Mt 13.47, 48
 22.22 Mt 13.47, 48
 22.23 Mt 13.47, 48
 22.24 Mt 13.47, 48
 22.25 Mt 13.47, 48
 22.26 Mt 13.47, 48
 22.27 Mt 13.47, 48
 22.28 Mt 13.47, 48
 22.29 Mt 13.47, 48
 22.30 Mt 13.47, 48
 22.31 Mt 13.47, 48
 22.32 Mt 13.47, 48
 22.33 Mt 13.47, 48
 22.34 Mt 13.47, 48
 22.35 Mt 13.47, 48
 22.36 Mt 13.47, 48
 22.37 Mt 13.47, 48
 22.38 Mt 13.47, 48
 22.39 Mt 13.47, 48
 22.40 Mt 13.47, 48
 22.41 Mt 13.47, 48
 22.42 Mt 13.47, 48
 22.43 Mt 13.47, 48
 22.44 Mt 13.47, 48
 22.45 Mt 13.47, 48
 22.46 Mt 13.47, 48
 22.47 Mt 13.47, 48
 22.48 Mt 13.47, 48
 22.49 Mt 13.47, 48
 22.50 Mt 13.47, 48
 22.51 Mt 13.47, 48
 22.52 Mt 13.47, 48
 22.53 Mt 13.47, 48
 22.54 Mt 13.47, 48
 22.55 Mt 13.47, 48
 22.56 Mt 13.47, 48
 22.57 Mt 13.47, 48
 22.58 Mt 13.47, 48
 22.59 Mt 13.47, 48
 22.60 Mt 13.47, 48
 22.61 Mt 13.47, 48
 22.62 Mt 13.47, 48
 22.63 Mt 13.47, 48
 22.64 Mt 13.47, 48
 22.65 Mt 13.47, 48
 22.66 Mt 13.47, 48
 22.67 Mt 13.47, 48
 22.68 Mt 13.47, 48
 22.69 Mt 13.47, 48
 22.70 Mt 13.47, 48
 22.71 Mt 13.47, 48
 22.72 Mt 13.47, 48
 22.73 Mt 13.47, 48
 22.74 Mt 13.47, 48
 22.75 Mt 13.47, 48
 22.76 Mt 13.47, 48
 22.77 Mt 13.47, 48
 22.78 Mt 13.47, 48
 22.79 Mt 13.47, 48
 22.80 Mt 13.47, 48
 22.81 Mt 13.47, 48
 22.82 Mt 13.47, 48
 22.83 Mt 13.47, 48
 22.84 Mt 13.47, 48
 22.85 Mt 13.47, 48
 22.86 Mt 13.47, 48
 22.87 Mt 13.47, 48
 22.88 Mt 13.47, 48
 22.89 Mt 13.47, 48
 22.90 Mt 13.47, 48
 22.91 Mt 13.47, 48
 22.92 Mt 13.47, 48
 22.93 Mt 13.47, 48
 22.94 Mt 13.47, 48
 22.95 Mt 13.47, 48
 22.96 Mt 13.47, 48
 22.97 Mt 13.47, 48
 22.98 Mt 13.47, 48
 22.99 Mt 13.47, 48
 23.00 Mt 13.47, 48



Os saduceus

MATEUS 22 Os saduceus eram uma seita religiosa e política do período do **segundo templo**,¹ atraídos principalmente pelos elementos aristocráticos e sacerdotais dominantes da sociedade judaica.² O partido controlava o culto no templo, e muitos de seus membros pertenciam também ao supremo conselho legal judaico, o Sinédrio (At 23.6). Duas explicações para a origem dos saduceus ligam o nome da seita a duas figuras históricas distintas, porém ambas chamadas Zadoque.

✦ O termo “saduceu” pode ser derivado de Zadoque, sumo sacerdote nos dias de Davi e Salomão (2Sm 8.17; 1Rs 1.34). Na visão da restauração, de Ezequiel, é confiada aos descendentes desse Zadoque a supervisão da adoração no templo (Ez 40.46; 43.19; 44.15).

Na realidade, os descendentes de Zadoque constituíam a hierarquia do templo até o século II a.C.

✦ De acordo com a tradição de rabínica, entretanto, a seita do saduceus foi fundada por um discípulo de Antígono de Socó (ca. 200 a.C.), também chamado Zadoque.

✦ Os principais oponentes dos saduceus eram os fariseus.³ Ao contrário dessa facção rival, os saduceus negavam a ressurreição dos mortos (Mt 22.23-33; At 4.1,2; 23.6-8), a imortalidade da alma, a doutrina de recompensa e castigo e a validade da “lei oral” (regulamentos transmitidos pela tradição rabínica). Eles aceitavam como obrigatórias apenas as leis baseadas diretamente no texto do **Pentateuco**. É por essa razão que Jesus defendeu a doutrina da ressurreição diante deles do ponto de vista de Êxodo 3.6,

em vez de se apoiar nos Profetas (Mt 22.32). A influência dos saduceus cessou com a destruição do templo, em 70 d.C.,⁴ o que levou o judaísmo pós-bíblico a se desenvolver conforme a ideologia farisaica. Os ensinamentos rabínicos posteriores contêm numerosos exemplos de propaganda antissaduceia.

¹Ver o Glossário na p. 2080 para as definições das palavras em negrito. ²Ver “Sacerdócio judaico e vida religiosa no século I d.C.”, em Lc 18. ³Ver “Os fariseus”, em Mt 5. ⁴Ver “Josefo e a queda de Jerusalém”, em Mt 24.

O Pagamento de Imposto a César (Mc 12.13-17; Lc 20.20-26)

¹⁵ Então os fariseus saíram e começaram a planejar um meio de enredá-lo em suas próprias palavras. ¹⁶ Enviaram-lhe seus discípulos junto com os herodianos,^b que lhe disseram: “Mestre, sabemos que és íntegro e que ensinas o caminho de Deus conforme a verdade. Tu não te deixas influenciar por ninguém, porque não te prendes à aparência dos homens. ¹⁷ Dize-nos, pois: Qual é a tua opinião? É certo pagar imposto^c a César ou não?”

¹⁸ Mas Jesus, percebendo a má intenção deles, perguntou: “Hipócritas! Por que vocês estão me pondo à prova? ¹⁹ Mostrem-me a moeda usada para pagar o imposto”. Eles lhe mostraram um denário,²⁰ e ele lhes perguntou: “De quem é esta imagem e esta inscrição?”

²¹ “De César”, responderam eles.

E ele lhes disse: “Então, deem^b a César o que é de César^d e a Deus o que é de Deus”.

²² Ao ouvirem isso, eles ficaram admirados; e, deixando-o, retiraram-se.^e

A Realidade da Ressurreição (Mc 12.18-27; Lc 20.27-40)

²³ Naquele mesmo dia, os saduceus,^f que dizem que não há ressurreição,^g aproximaram-se dele com a seguinte questão: ²⁴ “Mestre, Moisés disse que, se um homem morrer sem deixar filhos, seu irmão deverá casar-se com a viúva e dar-lhe descendência.^h ²⁵ Entre nós havia sete irmãos. O primeiro casou-se e morreu. Como não teve filhos, deixou a mulher para seu irmão. ²⁶ A mesma coisa aconteceu com o segundo, com o terceiro, até o sétimo. ²⁷ Finalmente, depois de todos, morreu a mulher. ²⁸ Pois bem, na ressurreição, de qual dos sete ela será esposa, visto que todos foram casados com ela?”

²⁹ Jesus respondeu: “Vocês estão enganados porque não conhecem as Escriturasⁱ nem o poder de Deus!^j ³⁰ Na ressurreição, as pessoas não se casam nem são dadas em casamento^k mas são como os anjos no céu. ³¹ E quanto à ressurreição dos mortos, vocês não leram o que Deus disse: ³² ‘Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó’?^k Ele não é Deus de mortos, mas de vivos!”

³³ Ouvindo isso, a multidão ficou admirada com o seu ensino.^l

O Maior Mandamento (Mc 12.28-34)

³⁴ Ao ouvirem dizer que Jesus havia deixado os saduceus^m sem resposta, os fariseus se reuniram. ³⁵ Um deles, perito na lei,ⁿ o pôs à prova com esta pergunta: ³⁶ “Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?”

³⁷ Respondeu Jesus: “ ‘Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento’^d.^o ³⁸ Este é o primeiro e maior mandamento. ³⁹ E o segundo é semelhante a ele: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’^e.^p ⁴⁰ Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas”.^q

O Cristo é Senhor de Davi (Mc 12.35-37; Lc 20.41-44)

⁴¹ Estando os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: ⁴² “O que vocês pensam a respeito do Cristo? De quem ele é filho?”

“É filho de Davi”,^r responderam eles.

⁴³ Ele lhes disse: “Então, como é que Davi, falando pelo Espírito, o chama ‘Senhor’? Pois ele afirma:

^a 22.19 O denário era uma moeda de prata equivalente à diária de um trabalhador braçal.

^b 22.21 Ou devolvam.

^c 22.32 Ex 3.6.

^d 22.37 Dt 6.5.

^e 22.39 Lv 19.18.

22.15-17 Os fariseus eram nacionalistas ardorosos, contrários ao governo romano, enquanto os odiados herodianos, como indica o nome, apoiavam o governo de Herodes. Os herodianos são mencionados no NT apenas três vezes (ver também Mc 3.6; 12.13), em cada caso no contexto da união com os fariseus para se opor a Jesus. Nada mais é conhecido a respeito deles além do que os Evangelhos relatam. Ao que parece, eles não formavam uma seita religiosa nem um partido político, eram apenas judeus que apoiavam a dinastia de Herodes e, por essa razão, o governo de Roma.

22.17 Sobre o pagamento de impostos a César, ver nota em Mc 12.14; ver também “Tibério César, o imperador durante o ministério de Jesus”, em Lc 20; e “Impostos romanos”, em Rm 11.

22.19 O denário era a moeda romana comum da época (ver nota em 20.2; ver também “Moedas e numismática”, em Lc 15). Num dos lados dessa moeda, estava a efígie do imperador romano Tibério, com a

inscrição em latim: “Tibério César Augusto, filho do divino Augusto”. A moeda foi emitida por Tibério e era usada para pagar impostos a ele.

22.23 Os saduceus não acreditavam na ressurreição dos mortos, porque aceitavam apenas os livros de Moisés (os primeiros cinco livros do AT). A referência de Jesus aos anjos tinha dupla intenção, já que os saduceus também negavam a existência desses seres (cf. At 23.8; para mais informações sobre os saduceus, ver nota em 3.7; ver também “Os saduceus”, em Mt 22).

22.24 A referência aqui é à lei do levirato, que tinha como propósito proteger a viúva e garantir a continuação da linhagem familiar (ver “Casamento por levirato”, em Gn 38).

22.41,42 Os judeus não ensinavam que o Messias seria Deus encarnado, mas Jesus exigiu que eles reavaliassem suas ideias sobre o Messias, à luz das Escrituras.

44 “O Senhor disse ao meu Senhor:
Senta-te à minha direita,
até que eu ponha os teus inimigos
debaixo de teus pés”^{a,5}

45 Se, pois, Davi o chama ‘Senhor’, como pode ser ele seu filho?” 46 Ninguém conseguia responder-lhe uma palavra; e daquele dia em diante, ninguém jamais se atreveu a lhe fazer perguntas.¹

^a 22.44 SI 110.1.

22.44 SI 110.1;
At 2.34,35;
1Co 15.25;
Hb 1.13; 10.13

22.46 Mt 12.34;
Lc 20.40

22.44 Sobre a expressão “minha direita” como posição de honra, ver “A ‘mão direita’ no pensamento antigo”, em Hb 1.

ESCRITOS RABÍNICOS

Escritos	Divisões	Datas	Colaboradores	Conteúdo	Comentários
Midrash ¹	Halaká ²	100 a.C. - 300 d.C.	Tanaim ⁴	Seções legais que comentam somente a Torá	A Halaká é a parte legal da Gemará, geralmente derivada do AT.
	Hagadá ³			Narrativas e sermões de todo o AT	A Hagadá abrange os interesses não legais (i.e., história, folclore, parábolas e conhecimento científico, como a medicina e a astronomia) raramente encontrados na Mishná.
Toseftá ⁵		100-300 d.C.	Tanaim	Ensinos não encontrados na Mishná	
Talmude palestino	Gemará ⁶	200 d.C.	Amoraim ⁷	Comentário sobre a Mishná	
Talmude babilânio	Mishná ⁸	200 d.C.	Tanaim	Porções legais comentando sobre a Torá	A Mishná era dividida em seis seções: Sementes, relativo a leis rituais que lidam com cultivo da terra; Festas, relativo a regras sobre o sábado e dias santos; Mulheres, sobre casamento, divórcio e outros assuntos de família; Indenizações, principalmente relativo à compensação de danos; Coisas Santas, regras e leis sobre sacrifícios e outros assuntos relativos ao antigo templo e seus rituais; Purificações, pertinente às questões de limpeza e pureza.
	Gemará	500 d.C.	Amoraim	Comentário sobre a Mishná	

¹O Midrash é a exposição da Lei em comentário direto.

²Halaká significa literalmente “indo” ou “caminhando”; abrange as instruções pelas quais alguém era guiado.

³A Hagadá é um tipo de interpretação judaica destinada à edificação.

⁴Os tanaim são “recitadores” ou mestres da “lei oral”, anteriores à conclusão da Mishná. Eles datam de Esdras — passando por Hillel, Akiba e Meir — até Judá Hanasi.

⁵Toseftá quer dizer “suplemento”.

⁶A Gemará é a “conclusão” do Talmude.

⁷Os amoraim eram sábios do Judaísmo que atuaram depois da conclusão da Mishná.

⁸Mishná quer dizer “repetição”; a “lei oral” tinha de ser repetida verbalmente e de modo preciso de geração em geração.

Jesus Condena a Hipocrisia dos Fariseus e dos Mestres da Lei

23.2 Ed 7.6,25;
Ne 8.4

23 Então, Jesus disse à multidão e aos seus discípulos: ² “Os mestres da lei^a e os fariseus se assentam na cadeira de Moisés. ³ Obedeçam-lhes e façam tudo o que eles dizem a vocês. Mas não façam o que eles fazem, pois não praticam o que pregam. ⁴ Eles atam fardos pesados e os colocam sobre os ombros dos homens, mas eles mesmos não estão dispostos a levantar um só dedo para movê-los.”

23.5 Mt 6.1,2;
5.16; Ex 13.9;
Dt 6.8; Nm 15.38;
Dt 22.12
23.6 Lc 11.43;
14.7; 20.46
23.7 Mt 8; Mc 9.5;
10.51; Jo 1.38,49

⁵ “Tudo o que fazem é para serem vistos pelos homens.” Eles fazem seus filactérios^{ax} bem largos e as franjas de suas vestes^y bem longas; ⁶ gostam do lugar de honra nos banquetes e dos assentos mais importantes nas sinagogas;^z ⁷ de serem saudados nas praças e de serem chamados mestres^b.^a

23.9 Mt 1.6;
Mt 7.11

⁸ “Mas vocês não devem ser chamados mestres; um só é o Mestre de vocês, e todos vocês são irmãos. ⁹ A ninguém na terra chamem ‘pai’, porque vocês só têm um Pai,^b aquele que está nos céus. ¹⁰ Também vocês devem ser chamados ‘chefes’, porquanto vocês têm um só Chefe, o Cristo. ¹¹ O maior entre vocês deverá ser servo.” ¹² Pois todo aquele que a si mesmo se exaltar será humilhado, e todo aquele que a si mesmo se humilhar será exaltado.^d

23.11 Mt 20.26;
Mc 9.35
23.12 Lc 14.11

¹³ “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas!^e Vocês falam o Reino dos céus diante dos homens! Vocês mesmos não entram, nem deixam entrar aqueles que gostariam de fazê-lo.^f

23.13 Mt 15.23;
25.27,29;
Lc 11.52

¹⁴ “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês devoram as casas das viúvas e, para disfarçar, fazem longas orações. Por isso serão castigados mais severamente.”

23.15 Mt 2.11;
6.5; 13.43;
Mt 5.22

¹⁵ “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas, porque percorrem terra e mar para fazer um convertido^g e, quando conseguem, vocês o tornam duas vezes mais filho do inferno^h do que vocês.

23.16 Mt 2.4;
Mt 15.14;
Mt 5.33-35

¹⁶ “Ai de vocês, guias cegos!,” pois dizem: ‘Se alguém jurar pelo santuário, isto nada significa; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, está obrigado por seu juramento’.ⁱ ¹⁷ Cegos insensatos! Que é mais importante: o ouro ou o santuário que santifica o ouro?^k ¹⁸ Vocês também dizem: ‘Se alguém jurar pelo altar, isto nada significa; mas, se alguém jurar pela oferta que está sobre ele, está obrigado por seu juramento’.^j ¹⁹ Cegos! Que é mais importante: a oferta, ou o altar que santifica a oferta?^l ²⁰ Portanto, aquele que jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que está sobre ele. ²¹ E o que jurar pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita.” ²² E aquele que jurar pelos céus jura pelo trono de Deus e por aquele que nele se assenta.ⁿ

23.17 Ex 30.29

²³ “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dizimo^o da hortelã, do endro e do cominho, mas têm negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade.^m Vocês devem praticar estas coisas, sem omitir aquelas. ²⁴ Guias cegos!^q Vocês coam um mosquito e engolem um camelo.

23.18 Ex 29.37

23.21 Mt 8.13;
Sl 26.8
23.22 Mt 11.4;
Mt 5.34

²³ “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês dão o dizimo^o da hortelã, do endro e do cominho, mas têm negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fidelidade.^m Vocês devem praticar estas coisas, sem omitir aquelas. ²⁴ Guias cegos!^q Vocês coam um mosquito e engolem um camelo.

23.24 Mt 16

^a 23.5 Isto é, tefilins, pequenas caixas que continham textos bíblicos, presas na testa e nos braços.

^b 23.7 Isto é, rabis.

^c 23.14 Vários manuscritos não trazem o versículo 14.

VOZES ANTIGAS

Portanto agora escutem, todos vocês que conhecem a justiça e progridem compreendendo as obras de Deus! Porque ele tem uma disputa com toda carne e executará juízo contra todos os que o menosprezam. Porque quando eram infiéis, de forma que o abandonaram, ele escondeu sua face de Israel e de seu santuário e os entregou outra vez à espada. Mas quando ele se lembrou da aliança com seus antepassados, deixou para trás um remanescente para Israel e não os entregou à total destruição. E, durante o tempo da ira de Deus [390 anos depois de ele os entregar na mão de Nabucodonosor, rei da Babilônia], ele os visitou. Fez uma raiz de Israel e de Arão germinar, de forma que eles puderam herdar sua terra e prosperar da riqueza da terra. E reconheceram sua maldade, sabendo que eram homens culpados. Mas durante vinte anos estavam como cegos que procuram no escuro seu caminho. E Deus tomou nota de seus feitos, que eles o buscaram de todo o coração, e levantou o Mestre da Justiça para eles, a fim de guiá-los no caminho do coração de Deus.

— COMO DEUS LEVANTOU O MESTRE DA JUSTIÇA PARA A COMUNIDADE JUDAICA, DE ACORDO COM OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO

Dos manuscritos da mar Morto, Documento de Damasco 1.1-11 (tradução por Duane Garrett)

Ver o artigo “Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos”, em Mt 23.

23.2 Para mais informações sobre os “mestres da lei” no NT, ver nota em 2.4. A “cadeira de Moisés” era uma posição de autoridade. Os fariseus consideravam-se os sucessores autorizados de Moisés, na condição de mestres da lei.

23.4 Os “fardos pesados” são a tradição oral (ver nota em 15.2), característica distintiva dos fariseus no judaísmo. Pretendia-se fazer o AT relevante para as situações da vida, porém as opressivas obrigações eram mais penosas que as próprias Escrituras (ver “Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos”, em Mt 23).

23.5 Para mais informações sobre as “franjas”, ver “Orla (borla) dos mantos”, em Nm 15.

23.6 Sobre os “assentos mais importantes nas sinagogas”, ver nota em Mc 12.39.

23.15 A palavra grega para “convertido” é encontrada no NT somente aqui e em At 2.10, 6.5 e 13.43 (ver “Os prosélitos no judaísmo do Segundo Templo”, em At 6).

23.16-22 Quando os mestres da lei (ver nota em 2.4) e os fariseus (ver nota em 3.7) faziam juramentos, diferenciavam os que lhes impunham alguma obrigação dos que não implicavam esse compromisso. Isso possibilitava os juramentos evasivos. Jesus rejeitou todas essas sutilezas, insistindo em que o povo simplesmente falasse a verdade (ver “O juramento na prática judaica e cristã”, em Hb 6).

23.23 O cominho é um tempero indígena, proveniente da Ásia ocidental, e se assemelha à alcaravia em gosto e aparência.

23.24 O fariseu zeloso coava cuidadosamente com um pano a água que ia beber, para ter certeza de não tragar um mosquito, o menor animal impuro cerimonialmente. Ao mesmo tempo, no sentido figurado, claro, estava disposto a engolir um camelo — um dos maiores animais terrestres.



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos

MATEUS 23 Qumran¹ é o local em que os *manuscritos do mar Morto* foram descobertos. A comunidade antiga ali estabelecida produziu uma biblioteca com mais de 800 manuscritos, a maioria relacionada à interpretação bíblica.² Essa coleção incluiu uma grande variedade de documentos:

✦ **Paráfrases.** Alguns textos “reescrevem” porções das narrativas bíblicas com paráfrases interpretativas e expansivas (e.g., *O Gênesis apócrifo* e *o Rolo do templo*).

✦ **Comentários.** Ou *pesharim*, anotações sobre os livros proféticos e os Salmos, buscando interpretar ou explicar os textos bíblicos.

✦ **Antologias.** Textos que alinham várias passagens bíblicas em torno de um tema — algo como uma “Bíblia temática” moderna.

✦ **Escritos originais compostos em estilo bíblico.** Esses documentos usam expressões, estilo e vocabulário bíblicos para evocar a autoridade das Escrituras. O Mestre da Justiça, o líder maior da comunidade de Qumran, acreditava que Deus lhe havia revelado todos os mistérios dos escritos proféticos. A interpretação bíblica em Qumran refletia sua compreensão de que as Escrituras estavam repletas de referências ocultas à sua comunidade e aos seus conflitos com outros líderes judaicos e com o mundo exterior. Alguns documentos de Qumran dão a entender que a comunidade se considerava não apenas autorizada a fazer interpretações inspiradas das Escrituras, mas também a dar à luz novas obras com inspiração idêntica à das Escrituras.

A interpretação em Qumran concentrava-se nas regras que governavam a comunidade e nas interpretações proféticas que apoiavam seus ideais e esperanças.

A interpretação bíblica rabínica antiga estava relacionada principalmente à Halaká —



Um mikveh (tanque de imersão ritual) em Qumran

Cortesia do © dr. Gary Pratico

as regras que governavam a vida diária e a prática religiosa. A procura da aplicação precisa da lei bíblica entre os judeus significava que a Halaká tinha de proporcionar orientações sobre o que uma pessoa podia comer ou vestir ou que ação era permitida em determinadas circunstâncias. Como os tempos e as situações mudavam, novas perguntas surgiam sobre o que era permissível ou exigido. Assim, a interpretação era uma tarefa contínua, resultando num processo ininterrupto de refinamentos aos pareceres legais anteriores.

Esses refinamentos aconteciam na forma dialógica, na qual os rabinos debatiam a aplicação apropriada de textos bíblicos e princípios legais. Em suas deliberações, tendiam a citar ou enfileirar versículos na base de alguma semelhança, como o fato

que cada versículo ter uma palavra em comum. Por exemplo, os rabinos podiam citar ou associar vários versículos de partes diferentes da Bíblia que continham a palavra “uvas” — até mesmo quando não havia relação alguma entre eles — e usavam a palavra em contextos radicalmente diferentes. Essa estratégia tratava a Bíblia como um “hipertexto” (uma rede complexa de associações que permitia saltar de uma passagem para outra). Essa interpretação era uma espécie de quebra-cabeça, cujas peças precisavam ser constantemente viradas, giradas e rearranjadas. O resultado desejado e ideal: quando a combinação certa de passagens bíblicas era posta lado a lado, revelava o significado difícil de entender do texto que estava sob consideração.

O processo não era de todo arbitrário. A interpretação era controlada por um conjunto de princípios. Os primeiros sete princípios são atribuídos a Hillel, rabino famoso do século I d.C. Os dois princípios mais importantes eram o argumento

a fortiori (significando que um princípio que trabalha num caso menos importante também deveria ser aplicado a um caso de maior importância) e o princípio da *analogia verbal* (significando que duas passagens diferentes que apresentam palavras em comum podem ser usadas para interpretar uma a outra). Em Mateus 23, Jesus repreende os escribas e fariseus³ por estabelecerem regras elaboradas e meticulosas para tratar de assuntos menos importantes, mas ignorarem questões mais significativas. Jesus rejeitava principalmente a tendência de se concentrarem em assuntos que envolviam a pureza externa e ritual, enquanto ignoravam algo mais importante: a contaminação interna do coração.

¹Ver o Glossário na p. 2080 para as definições das palavras em negrito.

²Ver “*O Rolo do templo*”, em Ez 41; e “Qumran e o Novo Testamento”, em Lc 6.

³Ver “Os fariseus”, em Mt 5.

23.25 ^{Mc 7.4;}
^{Mc 11.39}

²⁵ “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês limpam o exterior do copo e do prato,^f mas por dentro eles estão cheios de ganância e cobiça.^g ²⁶ Fariseu cego! Limpe primeiro o interior do copo e do prato, para que o exterior também fique limpo.

23.27 ^{Lc 11.44;}
^{At 23.3}

²⁷ “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados:^h bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície. ²⁸ Assim são vocês: por fora parecem justos ao povo, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade.

23.29 ^{Lc 11.47;}
⁴⁸

²⁹ “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês edificam os túmulos dos profetasⁱ e adornam os monumentos dos justos. ³⁰ E dizem: ‘Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos antepassados, não teríamos tomado parte com eles no derramamento do sangue dos profetas’. ³¹ Assim, testemunham contra vocês mesmos que são descendentes dos que assassinaram os profetas.^j ³² Acabem, pois, de encher a medida^w do pecado dos seus antepassados!

23.31 ^{At 7.51,52}

23.32 ^{1Ts 2.16}

³³ “Serpentes! Raça de víboras!^k Como vocês escaparão da condenação ao inferno?^y ³⁴ Por isso, eu estou enviando profetas, sábios e mestres. A uns vocês matarão e crucificarão;^z a outros açoitarão nas sinagogas^a de vocês e perseguirão de cidade em cidade.^b ³⁵ E, assim, sobre vocês recairá todo o sangue justo derramado na terra, desde o sangue do justo Abel,^c até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias,^d a quem vocês assassinaram entre o santuário e o altar.^e ³⁶ Eu asseguro que tudo isso sobrevirá a esta geração.^l

23.33 ^{Mt 3.7;}
^{12.34;} ^{Mt 5.22}

23.34 ^{2Cr 36.15;}
^{16;} ^{Lc 11.49;}
^{Mt 10.17;}
^{Mt 10.23}

23.35 ^{Gn 4.8;}
^{Hb 11.4;} ^{Gc 4.11;}
^{2Cr 24.21}

23.36 ^{Mt 10.23;}
^{24.34}

23.37 ^{2Cr 24.21;}
^{Mt 5.12}

³⁷ “Jerusalém, Jerusalém, você, que mata os profetas e apedreja os que são enviados a vocês!^o Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram. ³⁸ Eis que a casa de vocês ficará deserta.^p ³⁹ Pois eu digo que vocês não me verão mais, até que digam: ‘Bendito é o que vem em nome do Senhor’^q!”

23.38 ^{1Rs 9.7,8;}
^{Jr 22.5}

23.39 ^{Sl 118.26;}
^{Mt 21.9}

O Sinal do Fim dos Tempos (Mc 13.1-31; Lc 21.5-37)

24.2 ^{Lc 19.44}

24 Jesus saiu do templo e, enquanto caminhava, seus discípulos aproximaram-se dele para lhe mostrar as construções do templo. ² “Vocês estão vendo tudo isto?”, perguntou ele. “Eu garanto que não ficará aqui pedra sobre pedra;^j serão todas derrubadas”.

24.3 ^{Mt 21.1}

³ Tendo Jesus se assentado no monte das Oliveiras,^k os discípulos dirigiram-se a ele em particular e disseram: “Dize-nos, quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?”

24.5 ^{v. 11,23,24;}
^{1Jo 2.18}

⁴ Jesus respondeu: “Cuidado, que ninguém os engane.^l ⁵ Pois muitos virão em meu nome, dizendo: ‘Eu sou o Cristo!’ e enganarão a muitos. ⁶ Vocês ouvirão falar de guerras e rumores de guerras, mas não tenham medo. É necessário que tais coisas aconteçam, mas ainda não é o fim. ⁷ Nação se levantará contra nação, e reino contra reino.^m Haverá fomesⁿ e terremotos em vários lugares. ⁸ Tudo isso será o início das dores.

24.7 ^{1Sm 19.2;}
^{At 11.28}

24.9 ^{Mt 10.17;}
^{Jo 16.2}

⁹ “Então eles os entregarão para serem perseguidos^o e condenados à morte,^p e vocês serão odiados por todas as nações por minha causa. ¹⁰ Naquele tempo, muitos ficarão escandalizados, trairão e odiarão uns aos outros, ¹¹ e numerosos falsos profetas^q surgirão e enganarão a muitos. ¹² Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará, ¹³ mas aquele que perseverar até o fim será salvo.^r ¹⁴ E este evangelho do Reino^s será pregado em todo o mundo^t como testemunho a todas as nações, e então virá o fim.

24.11 ^{Mt 7.15}

24.13 ^{Mt 10.22}

24.14 ^{Mt 4.23;}
^{Lc 2.1; 4.5;}
^{At 11.28; 17.6;}
^{Rm 10.18;}
^{Cl 1.6,23; Ap 3.10;}
^{16.14}

24.15 ^{At 6.13;}
^{Dn 9.27; 11.31;}
^{12.11}

¹⁵ “Assim, quando vocês virem ‘o sacrilégio terrível’^{b,u} do qual falou o profeta Daniel, no Lugar Santo^v — quem lê, entenda — ¹⁶ então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes.

^o 23.39 Sl 118.26.

^b 24.15 Dn 9.27; 11.31; 12.11.

23.27 Pisar numa sepultura significava tornar-se impuro cerimonialmente (ver Nm 19.16), por isso os túmulos eram caiados, a fim de serem vistos com facilidade, principalmente à noite. Pareciam limpos e bonitos por fora, mas estavam sujos por dentro e cheios de podridão.

24.2 Essa profecia foi cumprida literalmente em 70 d.C., quando os romanos, liderados por Tito, destruíram Jerusalém e os edifícios do templo. As pedras foram revolvidas para coletar a camada de ouro que derreteu da cobertura quando o templo foi incendiado (ver nota em Mc 13.1). Escavações realizadas em 1968 revelaram grande número dessas pedras, tombadas dos muros pelos invasores (ver “O templo de Herodes”, em Mc 11; e “Josefo e a queda de Jerusalém”, em Mt 24).

24.3 Ver “O monte das Oliveiras”, em Zc 14.

24.7 Sobre a fome, ver nota em Rt 1.1; ver também “Fome no antigo Oriente Médio”, em Gn 42.

24.15 O “sacrilégio terrível” é algo detestável que causa desolação num lugar sagrado. A referência primária no livro de Daniel (Dn 9.27; 11.31; 12.11) apontava para o ano 168 a.C., quando Antioco Epifânio (ver “Antioco IV Epifânio”, em Dn 11) erigiu um altar pagão a Zeus no templo de Jerusalém. De acordo com alguns estudiosos, havia ainda mais duas fases no cumprimento das predições registradas em Daniel e Mateus: 1) a destruição romana do templo, em 70 d.C.; 2) o estabelecimento de uma imagem do Anticristo em Jerusalém (ver 2Ts 2.4; Ap 13.14,15).

Embora o livro de Daniel esteja posto como o último dos Profetas Maiores na Bíblia, no AT hebraico (que consiste de Lei, Profetas e Escritos), ele aparece entre os Escritos. Embora Jesus Cristo mencionasse a função profética de Daniel, ele era na verdade mais um funcionário do governo e um escritor inspirado que um profeta exercendo um ministério (ver At 2.29,30).



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Josefo e a queda de Jerusalém**O arco de Tito**

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Ministério de Propriedades e Atividades Culturais — Superintendência Arqueológica de Roma

MATEUS 24 O historiador judeu Flávio Josefo é nossa fonte primária de informação sobre a queda de Jerusalém. Durante a revolta judaica de 66 a 70 d.C., Josefo começou como líder rebelde, mas no meio do caminho trocou sua lealdade, passando para o lado romano. Acompanhou o general romano Tito no cerco a Jerusalém e assim foi testemunha ocular dos acontecimentos horríveis que envolveram a queda da cidade.¹

Os romanos foram esmagando lentamente a revolta na periferia, por isso os refugiados afluíram para Jerusalém, na qual se deu a batalha culminante da guerra. Os judeus dentro da cidade estavam divididos por dissensões internas, com vários grupos rebeldes competindo pelo controle.

Havia terríveis perdas de vida, e as condições pioraram quando os romanos tomaram Jerusalém, na primavera de 70 d.C. As tropas

de Tito ocuparam o muro exterior, por volta do mês de maio, e capturaram a estratégica fortaleza Antônia. A destruição do templo era iminente, porém muitos defensores judeus provavelmente acreditavam que Deus iria defendê-los e a seu templo até o fim.² Apesar de tudo, no final do mês de agosto os romanos atacaram o templo com sucesso, ateando fogo nos portões e subjugando seus defensores. Com o santuário arruinado, os judeus perderam a esperança, e seguiu-se o massacre.

Josefo descreveu o incidente da seguinte forma: "Nenhuma piedade foi mostrada por causa de idade ou por respeito a qualquer dignidade — crianças, anciãos, leigos e sacerdotes eram igualmente mortos. A batalha seguiu adiante e alcançou a todos, até mesmo os que imploravam por piedade e os que resistiam. As chamas estenderam-se a uma grande distância, e o barulho do fogo misturou-se com os gemidos dos que estavam perecendo; e tal era a altura do fogo e a magnitude do incêndio que qualquer um pensaria que a cidade inteira estava em chamas" (*Guerras dos judeus*, 6.5.1). Assim, a profecia de Jesus a respeito da destruição do templo estava cumprida (Mt 24.2).

¹Ver "O exército romano e a ocupação da Terra Santa", em At 27. ²Ver "O templo de Herodes", em Mc 11.

**Interior do arco: soldados carregam os despojos para fora do templo de Jerusalém**

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin; usado com permissão do Ministério de Propriedades e Atividades Culturais — Superintendência Arqueológica de Roma

24.17 ^a1Sm 9.25;
Mt 10.27; Lc 12.3;
At 10.9

24.19 ^aLc 23.29

24.21 ^aDn 12.1;

Jl 2.2
24.22 ^av. 24.31

24.23 ^aLc 17.23;

21.8

24.24 ^a2Ts 2.9-11;

Ap 13.13

24.27 ^aLc 17.24;

^aMt 8.20

24.28 ^aLc 17.37

24.29 ^a1Sm 13.10;

34.4; Ez 32.7;

Jl 2.10,31; Sf 1.15;

Ap 6.12,13; 8.12

24.30 ^aDn 7.13;

Ap 1.7

24.31 ^aMt 13.41;

^a1Sm 27.13;

Zc 9.14;

1Co 15.62;

1Ts 4.16; Ap 8.2;

10.7; 11.15

24.33 ^ag 5.9

24.34 ^aMt 16.28;

23.36

24.35 ^aMt 5.18

24.36 ^aAt 1.7

24.37 ^aGn 6.5;

7.6-23

24.38 ^aMt 22.30

24.40 ^aLc 17.34

24.41 ^aLc 17.35

¹⁷ Quem estiver no telhado de sua casa^w não desça para tirar dela coisa alguma. ¹⁸ Quem estiver no campo não volte para pegar seu manto. ¹⁹ Como serão terríveis aqueles dias para as grávidas e para as que estiverem amamentando!^x ²⁰ Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno nem no sábado. ²¹ Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá.^y ²² Se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém sobreviveria^z; mas, por causa dos eleitos,^z aqueles dias serão abreviados. ²³ Se, então, alguém disser: 'Vejam, aqui está o Cristo!' ou: 'Ali está ele!', não acreditem.^a ²⁴ Pois aparecerão falsos cristos e falsos profetas que realizarão grandes sinais e maravilhas^b para, se possível, enganar até os eleitos. ²⁵ Vejam que eu os avisei antecipadamente.

²⁶ "Assim, se alguém disser: 'Ele está lá, no deserto!', não saiam; ou: 'Ali está ele, dentro da casa!', não acreditem. ²⁷ Porque assim como o relâmpago^c sai do Oriente e se mostra no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem.^d ²⁸ Onde houver um cadáver, aí se ajuntarão os abutres.^e

²⁹ "Imediatamente após a tribulação daqueles dias

— 'o sol escurecerá,
e a lua não dará a sua luz;
as estrelas cairão do céu,
e os poderes celestes
serão abalados'^{b,f}

³⁰ "Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem, e todas as nações da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu^g com poder e grande glória. ³¹ E ele enviará os seus anjos^h com grande som de trombeta,ⁱ e estes reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.

³² "Aprendam a lição da figueira: quando seus ramos se renovam e suas folhas começam a brotar, vocês sabem que o verão está próximo. ³³ Assim também, quando virem todas estas coisas, saibam que ele está próximo, às portas.^j ³⁴ Eu asseguro a vocês que não passará esta geração até que todas estas coisas aconteçam.^k ³⁵ Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras jamais passarão.^l

O Dia e a Hora São Desconhecidos (Mc 13.32-37)

³⁶ "Quanto ao dia e à hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho^m, senão somente o Pai.^m ³⁷ Como foi nos dias de Noé,ⁿ assim também será na vinda do Filho do homem. ³⁸ Pois nos dias anteriores ao Dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento,^o até o dia em que Noé entrou na arca; ³⁹ e eles nada perceberam, até que veio o Dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do homem. ⁴⁰ Dois homens estarão no campo: um será levado e o outro deixado.^p ⁴¹ Duas mulheres estarão trabalhando num moinho: uma será levada e a outra deixada.^q

^a 24.22 Ou *seria salvo*.

^b 24.29 Is 13.10; 34.4.

^c 24.36 Alguns manuscritos não trazem *nem a Filho*.

VOZES ANTIGAS

O número dos que foram abatidos pela fome na cidade era enorme, e era indescritível o sofrimento que acompanhou a morte deles. Se em alguma casa havia sombra de comida, seguia-se uma batalha, e até mesmo os que tinham relações mais próximas chegavam a lutar um contra o outro, tentando agarrar até o mais desprezível alimento. As pessoas recusavam-se a acreditar que mesmo o moribundo não tinha nada, e os ladrões revistavam as pessoas enquanto elas expiravam, pensando que alguém com comida debaixo da capa poderia estar fingindo a própria morte. Tropeçavam como cachorros raivosos, com a boca aberta de fome, batendo contra as portas, como bêbados. No limite da sanidade, invadiam a mesma casa duas ou três vezes numa única hora. A necessidade de algo para mastigar era tão grande que eles recolhiam e tentavam comer coisas que os mais desprezíveis animais se recusariam a ingerir. Por fim, já não recusavam cintos nem sapatos e arrancavam e mastigavam o couro de seus escudos. Pedacos de feno velho eram comidos para alguns, enquanto outros juntavam caules e vendiam uma pequena quantidade por quatro dracmas áticas.

— FOME EM JERUSALÉM AO TÉRMINO DO CERCO ROMANO

De Flávio Josefo, *Guerras dos judeus* 6.3 (tradução por Duane Garrett)

Ver o artigo "Josefo e a queda de Jerusalém", em Mt 24.

24.16 As "montanhas" indicam a região montanhosa da Transjordânia, na qual Pela ficava situada. Muitos cristãos de Jerusalém fugiram para lá durante o cerco romano, pouco antes de 70 d.C.

24.17 Para mais informações sobre o "telhado", ver notas em Mc 2.4; Lc 17.31.

24.20 Só Mateus incluiu a expressão "no sábado" porque ele estava escrevendo para os judeus, que eram proibidos de se deslocar a uma distância superior a 800 metros no sábado.

24.21 Josefo, historiador judeu que estava presente na ocasião, descreve a destruição de Jerusalém em linguagem quase idêntica (ver "Josefo e a queda de Jerusalém", em Mt 24).

24.26 "Dentro da casa" provavelmente é uma referência à despensa, que era rodeada pelos outros cômodos, de forma que ninguém podia cavar de fora para dentro.

24.41 A moagem do grão em farinha entre duas pedras pesadas normalmente era uma arte doméstica executada por mulheres, daí o propósito da parábola de Jesus (ver também Lc 17.35).

⁴² “Portanto, vigiem, porque vocês não sabem em que dia virá o seu Senhor.”^f ⁴³ Mas entendam isto: se o dono da casa soubesse a que hora da noite o ladrão viria,^g ele ficaria de guarda e não deixaria que a sua casa fosse arrombada. ⁴⁴ Assim, vocês também precisam estar preparados,^h porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam.

24.42 Mt 25.13;
Lc 12.40
24.43 Lc 12.39
24.44 1Ts 5.6

⁴⁵ “Quem é, pois, o servo fiel e sensato,ⁱ a quem seu senhor encarrega dos demais servos de sua casa para lhes dar alimento no tempo devido?” ⁴⁶ Feliz o servo que seu senhor encontrar fazendo assim quando voltar.^j ⁴⁷ Garanto que ele o encarregará de todos os seus bens.^w ⁴⁸ Mas suponham que esse servo seja mau e diga a si mesmo: ‘Meu senhor está demorando’,⁴⁹ e então comece a bater em seus conservos e a comer e a beber com os bebedores.^x ⁵⁰ O senhor daquele servo virá num dia em que ele não o espera e numa hora que não sabe. ⁵¹ Ele o punirá severamente^o e lhe dará lugar com os hipócritas, onde haverá choro e ranger de dentes.^y

24.45 Mt 25.21,
23
24.46 Ap 16.15
24.47 Mt 25.21,
23
24.49 Lc 21.34
24.51 Mt 12.12

A Parábola das Dez Virgens

25 ^a O Reino dos céus será, pois, semelhante² a dez virgens que pegaram suas candeias^a e saíram para encontrar-se com o noivo.^b ² Cinco delas eram insensatas, e cinco eram prudentes.^c ³ As insensatas pegaram suas candeias, mas não levaram óleo. ⁴ As prudentes, porém, levaram óleo em vasilhas, junto com suas candeias. ⁵ O noivo demorou a chegar, e todas ficaram com sono e adormeceram.^d

25.1 Mt 13.24;
Lc 12.35-36;
Mt 20.8; Ap 4.5;
Ap 19.7; 21.2
25.2 Mt 24.45
25.5 1Ts 5.6

⁶ “À meia-noite, ouviu-se um grito: ‘O noivo se aproxima! Saiam para encontrá-lo!’

⁷ “Então todas as virgens acordaram e prepararam suas candeias. ⁸ As insensatas disseram às prudentes: ‘Deem-nos um pouco do seu óleo, pois as nossas candeias estão se apagando.’^e

25.8 Lc 12.35

⁹ “Elas responderam: ‘Não, pois pode ser que não haja o suficiente para nós e para vocês. Vão comprar óleo para vocês’.

¹⁰ “E saindo elas para comprar o óleo, chegou o noivo. As virgens que estavam preparadas entraram com ele para o banquete nupcial.^f E a porta foi fechada.

25.10 Ap 19.9

¹¹ “Mais tarde vieram também as outras e disseram: ‘Senhor! Senhor! Abra a porta para nós!’

¹² “Mas ele respondeu: ‘A verdade é que não as conheço!’

¹³ “Portanto, vigiem, porque vocês não sabem o dia nem a hora!^g

25.13 Mt 24.42,
44; Mc 13.35;
Lc 12.40

A Parábola dos Talentos

¹⁴ “E também será como um homem que, ao sair de viagem,^h chamou seus servos e confiou-lhes os seus bens. ¹⁵ A um deu cinco talentos^b, a outros dois, e a outro um; a cada um de acordo com a sua capacidade. Em seguida partiu de viagem. ¹⁶ O que havia recebido cinco talentos saiu imediatamente, aplicou-os, e ganhou mais cinco. ¹⁷ Também o que tinha dois talentos ganhou mais dois. ¹⁸ Mas o que tinha recebido um talento saiu, cavou um buraco no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor.

25.14 Mt 21.33;
Lc 19.12
25.15 Mt 18.24,25

¹⁹ “Depois de muito tempo o senhor daqueles servos voltou e acertou contas com eles.” ²⁰ O que tinha recebido cinco talentos trouxe os outros cinco e disse: ‘O senhor me confiou cinco talentos; veja, eu ganhei mais cinco’.

25.19 Mt 18.23

²¹ “O senhor respondeu: ‘Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito.^k Venha e participe da alegria do seu senhor!’

25.21 Lv 23;
Mt 24.45,47;
Lc 16.10

²² “Veio também o que tinha recebido dois talentos e disse: ‘O senhor me confiou dois talentos; veja, eu ganhei mais dois’.

²³ “O senhor respondeu: ‘Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito.^l Venha e participe da alegria do seu senhor!’

25.23 Lv 21

²⁴ “Por fim, veio o que tinha recebido um talento e disse: ‘Eu sabia que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou. ²⁵ Por isso, tive medo, saí e escondi o meu talento no chão. Veja, aqui está o que pertence ao senhor’.

^o 24.51 Grego: *cortará ao meio*.

^b 25.15 Um talento equivalia a 35 quilos; também no restante do capítulo.

24.51 Sobre o significado do “ranger de dentes”, ver nota em Sl 35.16.
25.1 As “virgens” talvez sejam as damas de honra, que eram responsáveis por preparar a noiva para encontrar o noivo (ver “Casamentos no antigo Israel”, em Ct 3).
25.7 Os pavios de pano carbonizados eram cortados fora, e o óleo de oliva era acrescentado.

25.9 As tochas exigiam grande quantidade de óleo para continuar queimando, e o óleo precisava ser reabastecido a cada quinze minutos.
25.15 O termo “talento” designava originariamente uma unidade de peso (ca. 34 quilos), e mais tarde passou a ser uma unidade do sistema monetário. O uso contemporâneo da palavra “talento” para indicar uma habilidade ou um presente deriva dessa parábola.

²⁶ “O senhor respondeu: ‘Servo mau e negligente! Você sabia que eu colho onde não plantei e junto onde não semeei?’ ²⁷ Então você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros.

²⁸ “Tirem o talento dele e entreguem-no ao que tem dez. ²⁹ Pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado.^m ³⁰ E lancem fora o servo inútil, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes’.ⁿ

O Julgamento das Nações

³¹ “Quando o Filho do homem vier^o em sua glória, com todos os anjos, ele se assentará em seu trono^o na glória celestial. ³² Todas as nações serão reunidas diante dele, e ele separará^q umas das outras como o pastor separa as ovelhas dos bodes.^r ³³ E colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

³⁴ “Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: ‘Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o Reino^s que foi preparado para vocês desde a criação do mundo.^t ³⁵ Pois eu tive fome, e vocês me deram de comer; tive sede, e vocês me deram de beber; fui estrangeiro, e vocês me acolheram;^u ³⁶ necessitei de roupas, e vocês me vestiram;^v estive enfermo, e vocês cuidaram de mim;^w estive preso, e vocês me visitaram’.^x

³⁷ “Então os justos lhe responderão: ‘Senhor, quando te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber?’ ³⁸ Quando te vimos como estrangeiro e te acolhemos, ou necessitado de roupas e te vestimos?’ ³⁹ Quando te vimos enfermo ou preso e fomos te visitar?’

⁴⁰ “O Rei responderá: ‘Digo a verdade: O que vocês fizeram a algum dos meus menores irmãos, a mim o fizeram’.^y

⁴¹ “Então ele dirá aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos, apartem-se de mim^z para o fogo eterno,^a preparado para o Diabo e os seus anjos.^b ⁴² Pois eu tive fome, e vocês não me deram de comer; tive sede, e nada me deram para beber; ⁴³ fui estrangeiro, e vocês não me acolheram; necessitei de roupas, e vocês não me vestiram; estive enfermo e preso, e vocês não me visitaram’.

⁴⁴ “Eles também responderão: ‘Senhor, quando te vimos com fome ou com sede ou estrangeiro ou necessitado de roupas ou enfermo ou preso, e não te ajudamos?’

⁴⁵ “Ele responderá: ‘Digo a verdade: O que vocês deixaram de fazer a alguns destes mais pequeninos, também a mim deixaram de fazê-lo’.^c

⁴⁶ “E estes irão para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna’.^{d,e}

A Conspiração contra Jesus

26 Quando acabou de dizer essas coisas,^f Jesus disse aos seus discípulos: ² “Como vocês sabem, estamos a dois dias da Páscoa,^g e o Filho do homem será entregue para ser crucificado”.

³ Naquela ocasião, os chefes dos sacerdotes e os líderes religiosos do povo se reuniram^h no palácio do sumo sacerdote, cujo nome era Caifás,ⁱ ⁴ e juntos planejaram prender Jesus à traição e matá-lo.^j

⁵ Mas diziam: “Não durante a festa, para que não haja tumulto^k entre o povo”.

Jesus é Ungido em Betânia (Mc 14.3-9; Jo 12.1-8)

⁶ Estando Jesus em Betânia,^l na casa de Simão, o leproso, ⁷ aproximou-se dele uma mulher com um frasco de alabastro contendo um perfume muito caro. Ela o derramou sobre a cabeça de Jesus quando ele se encontrava reclinado à mesa.

⁸ Os discípulos, ao verem isso, ficaram indignados e perguntaram: “Por que este desperdício? ⁹ Este perfume poderia ser vendido por alto preço, e o dinheiro dado aos pobres”.

25.29 *Mt 13.12;
Mc 4.25; Lc 8.18;
19.26
25.30 *Mt 8.12

25.31 *Mt 16.27;
Lc 17.30;
*Mt 19.28
25.32 *Mt 3.18;
*Ez 34.17,20

25.34 *Mt 3.2;
5.3,10,19;
19.14; At 20.32;
1Co 15.50;
Gl 5.21; Tg 2.5;
*Hb 4.3; 9.26;
Ap 13.8; 17.8
25.35 *Jo 31.32;
1Sm 58.7; Ez 18.7;
Hb 13.2
25.36 *1Sm 58.7;
Ez 18.7;
Tg 2.15,16;
*Tg 1.27;
*2Tm 1.16

25.40 *Pv 19.17;
Mt 10.40, 42;
Hb 6.10; 13.2
25.41 *Mt 7.23;
*1Sm 66.24;
Mt 3.12; 5.22;
Mc 9.43,48;
Lc 3.17; Jd 7;
*2Pe 2.4

25.45 *Pv 14.31;
17.5

25.46 *Mt 19.29;
Jo 3.15,16,36;
17.23; Rm 2.7;
Gl 6.8; 5.11,13,20;
*Dn 12.2;
Jo 5.29; At 24.15;
Rm 2.7,8; Gl 6.8
26.1 *Mt 7.28
26.2 *Jo 11.55;
13.1;
26.3 *Sl 2.2; v;
57; Jo 11.47-53;
18.13,14,24,28
26.4 *Mt 12.14
26.5 *Mt 27.24

26.6 *Mt 21.17

25.27 Os banqueiros sentavam-se a uma mesa pequena para fazer o câmbio do dinheiro (ver “Banco e dinheiro no mundo antigo”, em Ne 5). Para mais informações sobre os juros, ver nota em Ez 18.8.

25.30 Sobre o significado do “ranger de dentes”, ver nota em Sl 35.16.

26.3 Para mais informações sobre os “chefes dos sacerdotes”, ver nota em 2.4; sobre os “líderes religiosos”, ver nota em 21.23. Caifás foi o sumo sacerdote de 18 a 36 d.C. Era genro de Anás, sumo sacerdote anterior, cujo mandato foi de 6 a 15 d.C. Anás ainda exercia muita influência sobre os que ocuparam o cargo depois dele. Caifás soube muito bem como manobrar o cenário político. A reputação do cargo havia sido arruinada desde que o governador romano começou a nomear e depor os ocupantes do cargo. A comunidade judaica de Qumran (que produziu

os rolos do mar Morto) era especialmente avessa a esse fantoche dos romanos, a quem chamavam “sacerdote mau” (ver “Qumran e o Novo Testamento”, em Lc 6; e “Interpretação bíblica em Qumran e entre os antigos rabinos”, em Mt 23). Em 1991, um ossuário (cofre de pedra calcária contendo ossos de pessoas mortas) foi descoberto em Jerusalém, inscrito com o nome de Caifás (ver “Os sumos sacerdotes Anás e Caifás”, em At 4).

26.6 Para mais informações sobre Betânia, ver nota em 21.17.

26.7 A maior parte do que se chamava “alabastro” nos tempos antigos era realmente mármore.

26.9 Ver nota em Mc 14.5; ver também “Perfumes e óleos de unção”, em Jo 12.

¹⁰ Percebendo isso, Jesus lhes disse: “Por que vocês estão perturbando essa mulher? Ela praticou uma boa ação para comigo. ¹¹ Pois os pobres vocês sempre terão consigo,^m mas a mim vocês nem sempre terão. ¹² Quando derramou este perfume sobre o meu corpo, ela o fez a fim de me preparar para o sepultamento.” ¹³ Eu asseguro que em qualquer lugar do mundo inteiro onde este evangelho for anunciado, também o que ela fez será contado, em sua memória”.

26.11 =Dt 15.11
26.12 =Jo 19.40

A Conspiração

¹⁴ Então, um dos Doze, chamado Judas Iscariotes,^o dirigiu-se aos chefes dos sacerdotes ¹⁵ e lhes perguntou: “O que me darão se eu o entregar a vocês?” E fixaram-lhe o preço: trinta moedas de prata. ¹⁶ Desse momento em diante Judas passou a procurar uma oportunidade para entregá-lo.

26.14 =v. 25,47;
Mt 10.4
26.15 =Ex 21.32;
Zc 11.12

A Ceia do Senhor (Mc 14.12-26; Lc 22.7-23; Jo 13.18-30)

¹⁷ No primeiro dia da Festa dos Pães sem Fermento,^q os discípulos dirigiram-se a Jesus e lhe perguntaram: “Onde queres que preparemos a refeição da Páscoa?”

26.17 =Ex 12.18-20

¹⁸ Ele respondeu dizendo que entrassem na cidade, procurassem um certo homem e lhe dissessem: “O Mestre diz: O meu tempo^r está próximo. Vou celebrar a Páscoa com meus discípulos em sua casa”.

26.18 =Jo 7.6,8,30;
12.23; 13.1; 17.1

¹⁹ Os discípulos fizeram como Jesus os havia instruído e prepararam a Páscoa.

²⁰ Ao anoitecer, Jesus estava reclinado à mesa com os Doze. ²¹ E, enquanto estavam comendo, ele disse: “Digo que certamente um de vocês me trairá”.^s

26.21 =Lc 22.21-23; Jo 13.21

²² Eles ficaram muito tristes e começaram a dizer-lhe, um após outro: “Com certeza não sou eu, Senhor!”

²³ Afirmou Jesus: “Aquele que comeu comigo do mesmo prato há de me trair.” ²⁴ O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito.^u Mas ai daquele que trai o Filho do homem! Melhor lhe seria não haver nascido”.

26.23 =Sl 41.9;
Jo 13.18
26.24 =vs 53;
Dn 9.26; Mc 9.12;
Lc 24.25-27,46;
At 17.2,3;
26.22,23
26.25 =Mt 23.7

²⁵ Então, Judas, que haveria de trai-lo, disse: “Com certeza não sou eu, Mestre”^{a1} ²⁶ Jesus afirmou: “Sim, é você”^b.

²⁶ Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o^w e o deu aos seus discípulos, dizendo: “Tomem e comam; isto é o meu corpo”.

26.26 =Mt 14.19;
1Co 10.16

²⁷ Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: “Bebam dele todos vocês. ²⁸ Isto é o meu sangue da aliança,^x que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados.” ²⁹ Eu digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês^z no Reino de meu Pai”.

26.28 =Ex 24.6-8;
Hb 9.20;
=Mt 20.28; Mc 1.4
26.29 =Mt 10.41

³⁰ Depois de terem cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.^a

26.30 =Mt 21.1;
Mc 14.26

Jesus Prediz que Pedro o Negará (Mc 14.27-31; Lc 22.31-34; Jo 13.36-38)

³¹ Então Jesus lhes disse: “Ainda esta noite todos vocês me abandonarão.^b Pois está escrito:

26.31 =Mt 11.6;
=Zc 13.7; Jo 16.32

“Ferirei o pastor,
e as ovelhas do rebanho serão dispersas”^{d,c}

^a 26.25 Isto é, Rabi; também no versículo 49.

^b 26.25 Ou “Você mesmo o disse!”.

^c 26.28 Outros manuscritos trazem da nova aliança.

^d 26.31 Zc 13.7.

26.12 O embalsamento consiste na preparação do corpo de um morto com óleo e especiarias para preservá-lo da decomposição. O embalsamento é de origem egípcia, e as únicas ocorrências bíblicas claras dessa prática são os casos de Jacó e José (Gn 50.2,26).

Jesus mencionou o uso de especiarias em sepultamentos (ver também Mc 14.8; Jo 12.7), e seu corpo foi enterrado com 34 quilos de mirra e especiarias, envolto num pano de linho (Jo 19.39,40). No entanto, as mulheres presentes ao sepultamento consideraram a quantidade insuficiente, por isso prepararam e trouxeram mais especiarias ao sepulcro (Mc 16.1; Lc 23.55—24.1).

Algum tempo antes, Marta presumiu que o corpo de Lázaro estava se decompondo — evidência de que seu irmão não havia sido embalsamado (Jo 11.39), mas o corpo fora tão bem amarrado que teve de ser solto (Jo 11.44). O filho da viúva de Naim simplesmente estava sendo carregado para o sepultamento (Lc 7.11-17), enquanto Ananias (e presumivelmente Safira) teve o corpo coberto (At 5.6,10). O conceito bíblico da vida futura tornou o embalsamento desnecessário.

Ver também “Práticas judaicas relativas ao sepultamento”, em Lc 9; e “Perfumes e óleos de unção”, em Jo 12.

26.14 Sobre o nome Iscariotes, ver nota em Mc 3.19; para mais informações sobre os “chefes dos sacerdotes”, ver nota em 2.4.

26.15 Trinta moedas de prata equivalem a 120 denários. Os trabalhadores normalmente recebiam um denário por um dia de trabalho.

26.17 O “primeiro dia da festa dos pães sem fermento” era o dia 14 de nissá (março-abril), também chamado “preparação da Páscoa”. A refeição

da Páscoa era comida na noite do dia 14, depois do pôr do sol, e então tecnicamente no dia 15, porque o dia judaico terminava com o pôr do sol. A festa dos pães sem fermento durava sete dias, do dia 15 até o dia 21 de nissá (ver “Festas de Israel”, em Lv 23; e “A Páscoa”, em 2Cr 30). Jesus remodelou a festa, inaugurando um novo pacto (ver “A Última Ceia e a Páscoa”, em Mt 26).

26.20 Sobre o hábito de reclinair à mesa, ver nota em Mc 14.18; ver também “Refeições judaicas e costumes relativos às refeições”, em Mt 9; e “O tridínio”, em Jo 13.

26.23 Era costume — ainda praticado por alguns no Oriente Médio — tomar-se um pedaço de pão, ou um pedaço de carne embrulhado em pão, e imergi-lo na tigela de molho (feito de frutas em compota) que ficava sobre a mesa. Uma cortesia especial consistia em escolher um pedaço selecionado de carne do prato principal e entregá-lo a um convidado. Na cultura da época, como entre os árabes hoje, participar de uma refeição com alguém era equivalente a dizer: “Sou seu amigo, não vou ferir você”.

26.27 O “cálice” é o primeiro ou o terceiro dos quatro cálices compartilhados durante a refeição da Páscoa.

26.28 Para mais informações sobre o “sangue da aliança”, ver “A Última Ceia e a Páscoa”, em Mt 26.

26.30 A celebração da Páscoa estava concluída depois que se cantava a segunda metade do Hallel egípcio (Sl 115—118). Os Salmos 113 e 114 eram cantados antes da refeição (ver também “Hinódia cristã primitiva”, em Tg 5).

26.32 Mt 28.7,
10.16

³² Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia".^d

³³ Pedro respondeu: "Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei!"

26.34 Mt 7.75;
Jo 13.38

³⁴ Respondeu Jesus: "Asseguro que ainda esta noite, antes que o galo cante, três vezes você me negará".^e

26.35 Jo 13.37

³⁵ Mas Pedro declarou: "Mesmo que seja preciso que eu morra contigo, f nunca te negarei". E todos os outros discípulos disseram o mesmo.

26.34 "Antes que o galo cante" pode ser uma referência à terceira vigília dos romanos (ver nota em 14.25).



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

A Última Ceia e a Páscoa

MATEUS 26 Êxodo 12 registra as mortes de todos os primogênitos do sexo masculino no Egito, à exceção dos nascidos aos israelitas, a quem Deus poupava ou "passava sobre" quando o anjo vingador via o sangue do cordeiro nas ombreiras da porta. A Páscoa é a festa anual que comemora a libertação milagrosa dos israelitas da escravidão no Egito, operada por Deus.¹ Todos os anos, milhares de judeus do século I faziam peregrinação a Jerusalém para celebrar esse dia santo (o dia 14 do primeiro mês).² A comemoração da Páscoa envolvia um sacrifício em nome de cada família presente, seguido por um alimento sacrificial que consistia de pão não levedado, ervas amargas e vinho. O dia seguinte (dia 15) era o primeiro dos sete dias da festa dos pães sem fermento. Durante os oito dias dessas duas festas, ninguém estava autorizado a comer pão com fermento, para lembrar a necessidade de estar pronto para deixar o Egito às pressas no tempo do Êxodo (pois não havia tempo para esperar a massa levedar).

Sempre se debateu se a Última Ceia de Jesus foi uma refeição de Páscoa. Parece que Jesus a entendeu assim (Mc 14.12-16; Lc 22.15), mas apresentamos aqui alguns argumentos contrários:

✦ João 19.14 indica que Jesus foi crucificado no dia da preparação para a Páscoa. A noite anterior, portanto, não pode ter sido a da Páscoa.

✦ A Páscoa é tradicionalmente celebrada com a família da pessoa, enquanto a Última Ceia foi compartilhada por um grupo de homens, alguns dos quais (como Simão Pedro) eram casados, e a maior parte não tinha relação de parentesco um com o outro.

✦ O relato dos Evangelhos sobre a Última Ceia não menciona o cordeiro nem as ervas amargas da Páscoa, tampouco utiliza a palavra grega normal para "pão sem fermento", mencionando em vez disso o pão comum.

✦ O vinho da Páscoa era consumido em cálices individuais, mas o vinho da Última Ceia foi bebido de um cálice comum.

No entanto, muitos elementos associados à Páscoa estavam presentes na Última Ceia:

✦ Os alimentos foram consumidos à noite, que era o momento da celebração da Páscoa.

✦ Beber vinho era obrigatório na Páscoa, e essa bebida teve papel fundamental na Última Ceia.

✦ Nos tempos do NT, os judeus sentavam-se para fazer suas refeições, mas Jesus e os discípulos se reclinavam quando participavam

da Páscoa — e na Última Ceia eles estavam reclinados.³

✦ Na Páscoa, um prato de aperitivo precedia o partir do pão — e esse prato é mencionado em Mateus 26.23.

✦ Um hino era cantado na Páscoa, como no versículo 30.

Alguns argumentos contrários à possibilidade de ter sido a Última Ceia uma refeição de Páscoa tentam demonstrar que Jesus estava transformando a Páscoa e criando uma nova instituição para a nova aliança:

✦ O fato de Jesus participar de uma refeição com seus discípulos indica que a Igreja é a família de Deus (ver Mc 3.31-34).

✦ Jesus pode ter usado pão sem fermento na Última Ceia, mas os evangelistas usaram a palavra comum para "pão" a fim de evitar a implicação de que a Ceia do Senhor continha obrigatoriamente o pão sem fermento.

✦ A ausência de menção ao cordeiro é significativa. Jesus estava se apresentando como o Cordeiro do sacrifício da nova aliança, e a menção a um cordeiro literal teria sido uma distração prejudicial.

¹Ver "Festas de Israel", em Lv 23; e "A Páscoa", em 2Cr 30.

²Ver "O calendário judaico", em Nm 29.

³Ver "Refeições judaicas e costumes relativos às refeições", em Mt 9.

Jesus no Getsêmani (Mc 14.32-42; Lc 22.39-46)

³⁶ Então Jesus foi com seus discípulos para um lugar chamado Getsêmani e lhes disse: "Sentem-se aqui enquanto vou ali orar". ³⁷ Levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu,^a começou a entristecer-se e a angustiar-se. ³⁸ Disse-lhes então: "A minha alma está profundamente triste, numa tristeza^b mortal. Fiquem aqui e vigiem comigo".¹

³⁹ Indo um pouco mais adiante, prostrou-se com o rosto em terra e orou: "Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice;^j contudo, não seja como eu quero, mas sim como tu queres".^k

⁴⁰ Depois, voltou aos seus discípulos e os encontrou dormindo. "Vocês não puderam vigiar comigo! nem por uma hora?", perguntou ele a Pedro. ⁴¹ "Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca."

⁴² E retirou-se outra vez para orar: "Meu Pai, se não for possível afastar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade".

⁴³ Quando voltou, de novo os encontrou dormindo, porque seus olhos estavam pesados. ⁴⁴ Então os deixou novamente e orou pela terceira vez, dizendo as mesmas palavras.

⁴⁵ Depois voltou aos discípulos e lhes disse: "Vocês ainda dormem e descansam? Chegou a hora!^l Eis que o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. ⁴⁶ Levantem-se e vamos! Afrem-se aquele que me trai!"

Jesus é Preso (Mc 14.43-50; Lc 22.47-53; Jo 18.1-11)

⁴⁷ Enquanto ele ainda falava, chegou Judas, um dos Doze. Com ele estava uma grande multidão armada de espadas e varas, enviada pelos chefes dos sacerdotes e líderes religiosos do povo.

⁴⁸ O traidor havia combinado um sinal com eles, dizendo-lhes: "Aquele a quem eu saudar com um beijo, é ele; prendam-no". ⁴⁹ Dirigindo-se imediatamente a Jesus, Judas disse: "Salve, Mestre!"^o e o beijou.

⁵⁰ Jesus perguntou: "Amigo,^p o que o traz?"^q

Então os homens se aproximaram, agarraram Jesus e o prenderam. ⁵¹ Um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, puxou a espada^q e feriu o servo do sumo sacerdote, decepando-lhe a orelha.^r

⁵² Disse-lhe Jesus: "Guarda a espada! Pois todos os que empunham a espada, pela espada morrerão.^s ⁵³ Você acha que eu não posso pedir a meu Pai, e ele não colocaria imediatamente à minha disposição mais de doze legiões de anjos?^t ⁵⁴ Como então se cumpriram^u as Escrituras que dizem que as coisas deveriam acontecer desta forma?"

⁵⁵ Naquela hora, Jesus disse à multidão: "Estou eu chefiando alguma rebelião, para que vocês venham prender-me com espadas e varas? Todos os dias eu estive ensinando no templo,^v e vocês não me prenderam!⁵⁶ Mas tudo isso aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas".^w Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram.

Jesus diante do Sinédrio

⁵⁷ Os que prenderam Jesus o levaram a Caifás,^x o sumo sacerdote, em cuja casa se haviam reunido os mestres da lei e os líderes religiosos. ⁵⁸ E Pedro o seguiu de longe até o pátio do sumo sacerdote,^y entrou e sentou-se com os guardas,^z para ver o que aconteceria.

⁵⁹ Os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio^{ba} estavam procurando um depoimento falso contra Jesus, para que pudessem condená-lo à morte. ⁶⁰ Mas nada encontraram, embora se apresentassem muitas falsas testemunhas.^b

^a 26.50 Ou "Amigo, para que você veio?".

^b 26.59 Conselho dos principais líderes do povo judeu.

26.36-56 O Getsêmani ("prensa de azeitonas") foi o lugar da agonia e da prisão de Jesus (ver também Mc 14.32-52; Lc 22.39-54; Jo 18.1-12). Lucas indica que era um dos lugares que Jesus tinha o hábito de visitar e que estava localizado no monte das Oliveiras (ver "O monte das Oliveiras", em Zc 14). Sem nomear o local, Jo 18.1 explica que se tratava de um jardim do outro lado do vale de Cedrom, em Jerusalém. O local tradicional, cuidado pelos franciscanos, não está longe da estrada, perto da ponte sobre o Cedrom, e contém jardins bem cuidados. Veem-se ali oito grandes oliveiras. Se o imperador Tito destruiu todas as árvores ao redor de Jerusalém durante o cerco em 70 d.C., como afirmou o historiador Josefo, essas árvores não podem ser do tempo de Jesus, porém certamente são antigas e contribuem para a atmosfera de devoção cristã. Igrejas armênicas, gregas e russas reivindicam outro bosque de oliveiras nas proximidades como a verdadeira localização do jardim.

26.48 Ver "O costume judaico do beijo", em Lc 7.

26.49 Para mais informações sobre as saudações na Bíblia, ver nota em Rr 2.4.

26.53 Uma legião romana completa contava 6 mil soldados.

26.57 Para mais informações sobre "Caifás", ver nota no versículo 3; ver também "Sacerdócio judaico e vida religiosa no século I d.C.", em Lc 18; sobre os "mestres da lei" no NT, ver nota em 2.4; sobre os "líderes religiosos", ver nota em 21.23.

26.59 "Todo o Sinédrio" (tribunal eclesiástico) — 70 membros mais o sumo sacerdote — foi reunido (ver "O Sinédrio", em At 23). Quando um caso importante era julgado, os sábios exigiam que pelo menos 23 membros estivessem presentes, para haver quórum. Os estudiosos já há muito tempo detectaram irregularidades nos procedimentos legais judaicos contra Jesus, entre elas: 1) o julgamento aconteceu à noite; 2) foi realizado na casa do sumo sacerdote; 3) na véspera de um dia festivo; 4) começou com a apresentação dos motivos para a condenação, não para a absolvição; 5) apoiou-se em testemunhas falsas e contraditórias; 6) o veredicto foi pronunciado no mesmo dia do julgamento.

26.37 Mt 4.21

26.38 Jo 12.27; v. 40, 41

26.39 Mt 20.22; v. 42; Sl 40.6-8; 1Sm 50.5; Jo 5.30; 6.38
26.40 v. 38
26.41 Mt 6.13

26.45 v. 18

26.49 v. 25

26.50 Mt 20.13; 22.12
26.51 Lc 22.38; Jo 18.10

26.52 Gn 9.6; Ap 13.10
26.53 2Rs 6.17; Dn 7.10; Mt 4.11
26.54 v. 24

26.55 Mc 12.35; Lc 21.37; Jo 7.14, 28; 18.20

26.56 v. 24

26.57 v. 3

26.58 Jo 18.15; Jo 7.32, 45, 46

26.59 Mt 5.22

26.60 Sl 27.12; 35.11; At 6.13; Dt 19.15

26.61 Jo 2.19

Finalmente se apresentaram duas⁶¹ que declararam: “Este homem disse: ‘Sou capaz de destruir o santuário de Deus e reconstruí-lo em três dias’”.^d

26.63 Mt 12.12;
14; Flv 5.1;
Mt 16.16

⁶² Então o sumo sacerdote levantou-se e disse a Jesus: “Você não vai responder à acusação que estes fazem?” ⁶³ Mas Jesus permaneceu em silêncio.^e

O sumo sacerdote lhe disse: “Exijo que você jure^f pelo Deus vivo:^g se você é o Cristo, o Filho de Deus, diga-nos”.

26.64 Sl 110.1;
Dn 7.13; Ap 1.7

⁶⁴ “Tu mesmo o disseste”^a, respondeu Jesus. “Mas eu digo a todos vós: Chegará o dia em que vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso^h e vindo sobre as nuvens do céu.”ⁱ

26.65 Mc 14.63

⁶⁵ Foi quando o sumo sacerdote rasgou as próprias vestes e disse: “Blasfemou! Por que precisamos de mais testemunhas? Vocês acabaram de ouvir a blasfêmia. ⁶⁶ O que acham?”

26.66 Lv 24.16;
Jo 19.7

“É réu de morte!”^k responderam eles.

26.67 Mt 16.21;
27.30

⁶⁷ Então alguns lhe cuspiram no rosto e lhe deram murros.^l Outros lhe davam tapas ⁶⁸ e diziam: “Profetize-nos, Cristo. Quem foi que bateu em você?”^m

26.68 Lc 22.63-
65

Pedro Nega Jesus (Mc 14.66-72; Lc 22.54-62; Jo 18.15-18,25-27)

⁶⁹ Pedro estava sentado no pátio, e uma criada, aproximando-se dele, disse: “Você também estava com Jesus, o galileu”.

⁷⁰ Mas ele o negou diante de todos, dizendo: “Não sei do que você está falando”.

⁷¹ Depois, saiu em direção à porta, onde outra criada o viu e disse aos que estavam ali: “Este homem estava com Jesus, o Nazareno”.

⁷² E ele, jurando, o negou outra vez: “Não conheço esse homem!”

⁷³ Pouco tempo depois, os que estavam por ali chegaram a Pedro e disseram: “Certamente você é um deles! O seu modo de falar o denuncia”.

⁷⁴ Aí ele começou a lançar maldições e a jurar: “Não conheço esse homem!”

26.75 Pv. 34;
Jo 13.38

Imediatamente um galo cantou. ⁷⁵ Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus tinha dito: “Antes que o galo cante, você me negará três vezes”.ⁿ E, saindo dali, chorou amargamente.

O Suicídio de Judas

27.1 Mt 12.14;
Mc 15.1; Lc 22.66
27.2 Mt 20.19;
Mc 15.1; Lc 13.1;
At 3.13; 1Tm 6.13
27.3 Mt 10.4;
Mt 26.14,15
27.4 v. 24

27 De manhã cedo, todos os chefes dos sacerdotes e líderes religiosos do povo tomaram a decisão de condenar Jesus à morte.^o ² E, amarrando-o, levaram-no e o entregaram^p a Pilatos, o governador.^q

³ Quando Judas, que o havia traído,^r viu que Jesus fora condenado, foi tomado de remorso e devolveu aos chefes dos sacerdotes e aos líderes religiosos as trinta moedas de prata.^s ⁴ E disse: “Pequei, pois traí sangue inocente”. E eles retrucaram: “Que nos importa? A responsabilidade é sua!”^t

27.5 Lc 1.9,21;
vAt 1.18

⁵ Então Judas jogou o dinheiro dentro do templo^u e, saindo, foi e enforcou-se.^v

⁶ Os chefes dos sacerdotes ajuntaram as moedas e disseram: “É contra a lei colocar este dinheiro no tesouro, visto que é preço de sangue”. ⁷ Então decidiram usar aquele dinheiro para comprar o campo do Oleiro, para cemitério de estrangeiros. ⁸ Por isso ele se chama campo de Sangue^w até o dia de hoje. ⁹ Então se cumpriu^x o que fora dito pelo profeta Jeremias: “Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi avaliado pelo povo de Israel, ¹⁰ e as usaram para comprar o campo do Oleiro, como o Senhor me havia ordenado”^y.

Jesus diante de Pilatos

27.11 Mt 2.2

¹¹ Jesus foi posto diante do governador, e este lhe perguntou: “Você é o rei dos judeus?”^z

^a 26.64 Ou “É como disseste”.

^b 27.10 Veja Zc 11.12,13; Jr 19.1-13; 32.6-9.

26.63 Jesus era legalmente obrigado a responder, porque estava sob juramento.

26.64 Sobre a expressão “assentado à direita” como posição de honra, ver “A ‘mão direita’ no pensamento antigo”, em Hb 1.

26.65 Em situações normais, o sumo sacerdote era proibido pela Lei de rasgar a própria roupa (Lv 10.6; 21.10), mas as circunstâncias nesse caso eram incomuns. O sumo sacerdote interpretou a resposta de Jesus (Mt 26.64) como blasfêmia (ver nota em Mc 14.64).

26.73 Pedro tinha sotaque galileu, facilmente percebido em Jerusalém (ver nota em 4.12-16).

27.1 O Sinédrio (ver “O Sinédrio”, em At 23) não podia convocar uma sessão à noite, porque era ilegal. Assim, realizaram uma reunião especial ao alvorecer para que pudessem oficializar a sentença de morte.

27.2 Ao Sinédrio era negado, pelo governo romano, o direito de levar a cabo a pena de morte, exceto no caso de um estrangeiro que entrasse nas áreas sagradas do templo. Por isso, Jesus teve de ser entregue a Pilatos, a fim de que a execução fosse autorizada.

27.3 A palavra “remorso” (*metamelomai*) é diferente da palavra normal para “arrependimento” (*metanoeo*). O arrependimento é uma mudança de coração; o remorso, uma emoção mais fraca, que significa apenas sentimento de pesar. Judas estava cheio de remorso, mas não chegou ao arrependimento.

27.8 Para mais informações sobre o “campo de Sangue”, ver nota em At 1.18,19.

27.11 O “governador” era Pôncio Pilatos (ver “Pôncio Pilatos”, em Lc 23; e “O governador romano”, em At 25).

Respondeu-lhe Jesus: “Tu o dizes”^a.

¹² Acusado pelos chefes dos sacerdotes e pelos líderes religiosos, ele nada respondeu.^a ¹³ Então Pilatos lhe perguntou: “Você não ouve a acusação que eles estão fazendo contra você?”^b ¹⁴ Mas Jesus não lhe respondeu^c nenhuma palavra, de modo que o governador ficou muito impressionado.

¹⁵ Por ocasião da festa era costume do governador soltar um prisioneiro^d escolhido pela multidão.

¹⁶ Eles tinham, naquela ocasião, um prisioneiro muito conhecido, chamado Barrabás. ¹⁷ Pilatos perguntou à multidão que ali se havia reunido: “Qual destes vocês querem que solte: Barrabás ou Jesus, chamado Cristo?”^e ¹⁸ Porque sabia que o haviam entregado por inveja.

¹⁹ Estando Pilatos sentado no tribunal,^f sua mulher lhe enviou esta mensagem: “Não se envolva com este inocente,^g porque hoje, em sonho,^h sofri muito por causa dele”.

²⁰ Mas os chefes dos sacerdotes e os líderes religiosos convenceram a multidão a que pedisse Barrabás e mandasse executar Jesus.ⁱ

²¹ Então perguntou o governador: “Qual dos dois vocês querem que eu solte?”

Responderam eles: “Barrabás!”

²² Perguntou Pilatos: “Que farei então com Jesus, chamado Cristo?”

Todos responderam: “Crucifica-o!”

²³ “Por quê? Que crime ele cometeu?”, perguntou Pilatos.

Mas eles gritavam ainda mais: “Crucifica-o!”

²⁴ Quando Pilatos percebeu que não estava obtendo nenhum resultado, mas, ao contrário, estava se iniciando um tumulto,^k mandou trazer água, lavou as mãos^l diante da multidão e disse: “Estou inocente do sangue deste homem;^m a responsabilidade é de vocês”.ⁿ

²⁵ Todo o povo respondeu: “Que o sangue dele caia sobre nós e sobre nossos filhos!”^o

²⁶ Então Pilatos soltou-lhes Barrabás, mandou açoitar Jesus^p e o entregou para ser crucificado.

Os Soldados Zombam de Jesus (Mc 15.16-20)

²⁷ Então, os soldados do governador levaram Jesus ao Pretório^q e reuniram toda a tropa ao seu redor. ²⁸ Tiraram-lhe as vestes e puseram nele um manto vermelho;^r ²⁹ fizeram uma coroa de espinhos e a colocaram em sua cabeça. Puseram uma vara em sua mão direita e, ajoelhando-se diante dele, zombavam: “Salve, rei dos judeus!”^s ³⁰ Cuspiram nele e, tirando-lhe a vara, batiam-lhe com ela na cabeça.^t ³¹ Depois de terem zombado dele, tiraram-lhe o manto e vestiram-lhe suas próprias roupas. Então o levaram para crucificá-lo.^u

A Crucificação (Mc 15.21-32; Lc 23.26-43; Jo 19.16-27)

³² Ao saírem,^v encontraram um homem de Cirene,^w chamado Simão, e o forçaram a carregar a cruz.^x ³³ Chegaram a um lugar chamado Gólgota, que quer dizer lugar da Caveira,^y ³⁴ e lhe deram para beber vinho misturado com fel;^z mas ele, depois de prová-lo, recusou-se a beber. ³⁵ Depois de o crucificarem, dividiram as roupas dele, tirando sortes.^a ³⁶ E, sentando-se, vigiavam-no^b ali. ³⁷ Por cima de

^a 27.11 Ou “Sim, é como dizes”.

^b 27.27 Residência oficial do governador romano.

^c 27.35 Alguns manuscritos dizem *sortes*, para que se cumprisse a palavra falada pelo profeta: “Dividiram as minhas roupas entre si, e tiraram sortes pelas minhas vestes” (Sl 22.18).

27.16 Barrabás havia participado de uma rebelião, presumivelmente contra os romanos, e assim talvez fosse um herói para alguns judeus. Mateus refere-se a ele como “um prisioneiro muito conhecido”, e os outros evangelistas declaram que ele fora preso com outros homens por roubo, revolta e assassinato (ver também Mc 15.15; Lc 23.18; Jo 18.40). O costume de liberar um prisioneiro na Páscoa não é mencionado em outras fontes. A leitura variante “Jesus Barrabás” como nome completo para Mateus 27.16,17 foi achada por Orígenes em vários manuscritos e ainda é encontrada em algumas versões antigas, provavelmente devido ao erro de um escriba na transcrição.

27.18 Ver “Oráculos sobre sonhos no mundo antigo”, em Jó 4.

27.19 Sobre a expressão “sentado no tribunal”, ver “O Sinédrio”, em At 23; sobre a importância dos sonhos, ver “Oráculos sobre sonhos no mundo antigo”, em Jó 4.

27.26 Os romanos usavam um chicote feito de várias tiras de couro, nas quais eram incrustados (perto das pontas) pedaços de ossos e de chumbo. Os judeus limitavam o número de chicotadas a um máximo de 40 (na prática, até 39 chicotadas para o caso de uma contagem equivocada; ver Dt 25.3), mas essa limitação não era reconhecida pelos romanos. Os açoitamentos romanos eram tão brutais que, às vezes, a vítima morria

antes da crucificação (para mais informações sobre açoitamento romano, ver “A controvérsia em torno do sudário de Turim”, em Mc 15).

27.27 O Pretório era a residência oficial do governador em Jerusalém (ver “O governador romano”, em At 25).

27.28-31 Os soldados romanos lotados em Jerusalém gostavam de se divertir, praticando um jogo cruel com os prisioneiros condenados, especialmente com bandidos revolucionários. O prisioneiro era vestido como um rei caricato e usado como uma peça do jogo. (O “manto vermelho” era a capa externa do soldado romano. Trançavam-se espinhos como uma coroa, e uma “vara” fazia as vezes de cetro.) Cada vez que os “dados” eram lançados, o “rei” prisioneiro se movia num quadro do jogo gravado no chão. Para entretenimento das tropas, o falso rei era alvo de insultos e agressões físicas.

27.29 Sobre a “vara”, ver nota sobre “cetro” em Zc 10.11.

27.34 A tradição diz que as mulheres de Jerusalém costumavam fornecer aos prisioneiros crucificados para amenizar o sofrimento deles (ver “Vinho e bebida alcoólica no mundo antigo”, em 1Pe 4).

27.35 Sobre a crucificação, ver nota em Mc 15.24; ver também “A crucificação”, em Jo 19. Sobre o costume de “tirar sortes”, ver “Lançando sortes”, em Jó 6.

27.12 Mt 26.63; Mc 14.61; Jo 19.9
27.13 Mt 26.62
27.14 Mc 14.61

27.15 Jo 18.39

27.17 v. 22;
Mt 1.16

27.19 Jo 19.13;
v. 24; Gn 20.6;
Nm 12.6; 1Rs 3.5;
Jô 33.14-16;
Mt 1.20;
2.12,13,19,22
27.20 At 3.14

27.22 Mt 1.16

27.24 Mt 26.5;
Sl 26.6; Dt 21.6-8; v. 4

27.25 Js 2.19;
At 5.28
27.26 1Sm 53.5;
Jo 19.1

27.27 Jo 18.28,
33; 19.9
27.28 Jo 19.2
27.29 1Sm 53.3;
Jo 19.2,3
27.30 Mt 16.21;
26.67
27.31 1Sm 53.7

27.32 Hb 13.12;
v. 21; 2.10; 6.9;
11.20; 13.1;
v. 15.21;
Lc 23.26
27.33 Jo 19.17
27.34 v. 48; Sl
69.21
27.35 Sl 22.18
27.36 v. 54



NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Localização do túmulo de Jesus

MATEUS 27 De acordo com o NT, Jesus foi enterrado num sepulcro novo escavado na rocha (Mt 27.60; Mc 15.46; Lc 23.53), num jardim próximo do local da crucificação (Jo 19.41), bem perto da cidade, no lado de fora (Jo 19.20; Hb 13.12). Além disso, a entrada era baixa e lacrada com uma pedra (Mt 27.60; Mc 15.46; Jo 20.11), e do lado direito era possível sentar-se, no local em que o corpo de Jesus foi deitado (Mc 16.5; Jo 20.12). Baseado na descrição bíblica e em outros sepulcros conhecidos do século I, a reconstrução do sepulcro de Jesus apresenta um pequeno pátio de acesso, uma passagem baixa na entrada e uma câmara funerária com assentos, ou “divãs”, em três lados, nos quais se colocavam os corpos.

Há duas possibilidades principais para a localização do sepulcro de Jesus na antiga cidade de Jerusalém: o jardim do Sepulcro, 250 metros ao norte da porta de Damasco, e a Igreja do Santo Sepulcro, no bairro cristão. No entanto, não há nenhuma tradição antiga autêntica associada com o jardim do Sepulcro. Esse local foi sugerido depois que o renomado herói do exército britânico, Charles Gordon, em visita a Jerusalém, em 1883, se convenceu de que o Calvário ficava numa colina próxima. Sua teoria baseava-se numa concepção imaginária da Jerusalém antiga, na forma de um esqueleto, com o crânio (i.e., o Gólgota) posicionado numa colina ao norte da porta de Damasco. Isso conduziu à identificação de um sepulcro no lado ocidental da colina como o local do enterro de Jesus, que passou a se chamar Sepulcro de Gordon. Investigações recentes no jardim do Sepulcro e em outros túmulos situados nas redondezas, entretanto, indicam que eles faziam parte de um cemitério que data do período do reino dividido, não do século I d.C.

A localização da Igreja do Santo Sepulcro, no entanto, tem uma tradição que remonta aos tempos do cristianismo primitivo. Quando o imperador Adriano reconstruiu Jerusalém, em 130/131 d.C., erigiu um templo para Júpiter e Vênus sobre o local da atual Igreja

do Santo Sepulcro. Em 325 d.C., Constantino ordenou a remoção do templo de Adriano. A tradição cristã local alegava que aquele era o local do sepulcro de Jesus, e, de fato, quando o templo de Adriano foi retirado parte de um sepulcro surgiu debaixo dele. Constantino construiu uma igreja no local e uma pequena estrutura (edícula) dentro do edifício para incluir o próprio sepulcro. A atual Igreja do

com o registro de que Jesus foi crucificado fora dos muros. Na mesma área, foram descobertos pelo menos quatro sepulcros escavados na superfície ocidental da rocha, e apenas um corresponde ao tipo de túmulo em que Jesus foi sepultado.

A igreja foi destruída em 614 e reconstruída em 626. A edícula foi destruída em 1009 pelo califa egípcio alHakim BiAmr Allah.



Jerusalém: o jardim do Sepulcro

Cortesia do © dr. Gary Pratico

Santo Sepulcro é a continuação do templo de Constantino.¹

A favor da autenticidade desse local está o fato de que houve uma presença cristã contínua em Jerusalém desde a morte de Jesus até que Constantino descobriu o sepulcro. Essa comunidade cristã sem dúvida teria venerado o local do sepultamento de Jesus, preservando a memória de seu túmulo. Além disso, o lugar do templo cristão era uma velha pedreira nos tempos de Jesus, embora parte dela tivesse sido transformada em jardim (Jo 19.41). O fato de o local da Igreja do Santo Sepulcro Santo ter sido uma pedreira implica que ficava fora dos muros da cidade (hoje está dentro da cidade velha). Isso concorda

Registros contemporâneos sugerem que o muro meridional, o divã funerário e parte da parede norte sobreviveram a essa destruição. A reconstrução da edícula sofreu danos e foi negligenciada durante séculos desde aquele tempo, de modo que hoje é uma miscelânea de reconstruções e consertos. Embora não se possa ter certeza absoluta, as evidências apontam para a Igreja do Santo Sepulcro como o verdadeiro local do sepulcro de Jesus.

¹Ver “Constantino e o papel da rainha Helena na preservação dos locais sagrados”, em Jo 19.

sua cabeça, colocaram por escrito a acusação feita contra ele: **ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS**.³⁸ Dois ladrões foram crucificados com ele,^c um à sua direita e outro à sua esquerda.³⁹ Os que passavam lançavam-lhe insultos, balançando a cabeça^d ⁴⁰ e dizendo: “Você que destrói o templo e o reedifica em três dias,^e salve-se!” Desça da cruz se é Filho de Deus!³⁹

⁴¹ Da mesma forma, os chefes dos sacerdotes, os mestres da lei e os líderes religiosos zombavam dele, ⁴² dizendo: “Salvou os outros, mas não é capaz de salvar a si mesmo! E é o rei de Israel!”^h Desça agora da cruz, e creremos nele!⁴³ Ele confiou em Deus. Que Deus o salve! agora se dele tem compaixão, pois disse: ‘Sou o Filho de Deus!’” ⁴⁴ Igualmente o insultavam os ladrões que haviam sido crucificados com ele.

A Morte de Jesus (Mc 15.33-41; Lc 23.44-49; Jo 19.28-30)

⁴⁵ E houve trevas^k sobre toda a terra, do meio-dia às três horas da tarde^a. ⁴⁶ Por volta das três horas da tarde, Jesus bradou em alta voz: “Eloí, Eloí, lamá sabactâni?”, que significa “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”^{bl}

⁴⁷ Quando alguns dos que estavam ali ouviram isso, disseram: “Ele está chamando Elias”.

⁴⁸ Imediatamente, um deles correu em busca de uma esponja, embebeu-a em vinagre,^m colocou-a na ponta de uma vara e deu-a a Jesus para beber. ⁴⁹ Mas os outros disseram: “Deixem-no. Vejamos se Elias vem salvá-lo”.

⁵⁰ Depois de ter bradado novamente em alta voz, Jesus entregou o espírito.ⁿ

⁵¹ Naquele momento, o véu do santuário^o rasgou-se em duas partes, de alto a baixo. A terra tremeu, e as rochas se partiram.^p ⁵² Os sepulcros se abriram, e os corpos de muitos santos que tinham morrido foram ressuscitados.

⁵³ E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa^q e apareceram a muitos.

⁵⁴ Quando o centurião e os que com ele vigiavam^r Jesus viram o terremoto e tudo o que havia acontecido, ficaram aterrorizados e exclamaram: “Verdadeiramente este era o Filho^s de Deus!”^s

⁵⁵ Muitas mulheres estavam ali, observando de longe. Elas haviam seguido Jesus desde a Galileia, para o servir.^t ⁵⁶ Entre elas estavam Maria Madalena; Maria, mãe de Tiago e de José; e a mãe dos filhos de Zebedeu.^u

O Sepultamento de Jesus (Mc 15.42-47; Lc 23.50-56; Jo 19.38-42)

⁵⁷ Ao cair da tarde chegou um homem rico, de Arimateia, chamado José, que se tornara discípulo de Jesus. ⁵⁸ Dirigindo-se a Pilatos, pediu o corpo de Jesus, e Pilatos ordenou que lhe fosse entregue. ⁵⁹ José tomou o corpo, envolveu-o num lençol limpo de linho⁶⁰ e o colocou num sepulcro novo,^v que ele havia mandado cavar na rocha. E, fazendo rolar uma grande pedra sobre a entrada do sepulcro, retirou-se. ⁶¹ Maria Madalena e a outra Maria estavam assentadas ali, em frente do sepulcro.

A Guarda do Sepulcro

⁶² No dia seguinte, isto é, no sábado,^d os chefes dos sacerdotes e os fariseus dirigiram-se a Pilatos ⁶³ e disseram: “Senhor, lembramos que, enquanto ainda estava vivo, aquele impostor disse: ‘Depois de três dias ressuscitarei!’”. ⁶⁴ Ordena, pois, que o sepulcro dele seja guardado até o terceiro dia, para que não venham seus discípulos e, roubando o corpo, digam ao povo que ele ressuscitou dentre os mortos. Este último engano será pior do que o primeiro”.

⁶⁵ “Levem um destacamento”^{e,x} respondeu Pilatos. “Podem ir, e mantenham o sepulcro em segurança

^a 27.45 Grego: da hora sexta até a hora nona.

^b 27.46 Sl 22.1

^c 27.54 Ou era filho.

^d 27.62 Ou No dia seguinte ao da Preparação.

^e 27.65 Ou “Vocês têm um destacamento!”.

27.38 Os “ladrões” eram provavelmente revolucionários (ver nota em Mc 15.27; ver também “Conflitos messiânicos e a queda de Jerusalém”, em Mc 4).

27.41 Para mais informações sobre os “chefes dos sacerdotes” e os “mestres da lei”, ver nota em 2.4; sobre “líderes religiosos”, ver nota em 21.23.

27.45 Ficou escuro do meio-dia até as três horas da tarde.

27.46 Existem várias palavras e frase aramaicas no NT, por exemplo: *Talita cumi!* (Mc 5.41); *Efata!* (Mc 7.34); *Eloí, Eloí, lamá sabactâni?* (Mt 27.46; Mc 15.34); *Maranatha* (1Co 16.22, nota de rodapé); *Aba* (Mc 14.36; Rm 8.15; Gl 4.6). Geralmente, presumia-se que o aramaico era a linguagem coloquial da Terra Santa, da época do retorno dos exilados na Babilônia, porém alguns estudiosos acreditam que se falava hebraico na Galileia nos tempos do NT. Talvez seja mais acertado entender que o Senhor habitualmente se expressava em aramaico e ocasionalmente em grego e podia ler e falar hebraico.

27.48 O vinagre era um vinho azedo, a bebida dos trabalhadores e dos soldados comuns (ver “Vinho e bebida alcoólica no mundo antigo”, em 1Pe 4).

27.54 Para mais informações sobre o centurião, ver nota em 8.5.

27.57 Arimateia era uma aldeia na região montanhosa de Efraim, cerca de 32 quilômetros a noroeste de Jerusalém. Talvez seja Ramataim, o local de nascimento do profeta Samuel (ver 1Sm 1.1).

27.59 Para mais informações sobre o “lençol de linho”, ver “A controvérsia em torno do sudário de Turim”, em Mc 15.

27.60 Sobre o “sepulcro novo”, ver nota em Mc 15.46; ver também “Práticas judaicas relativas ao sepultamento”, em Lc 9; e “Localização do túmulo de Jesus”, em Mt 27.

27.62 O “dia seguinte” era sábado, o sábado sagrado. A sexta-feira era o dia de preparação para o sábado sagrado (do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol do sábado).

27.65 A ordem: “Levem um destacamento” pode estar se referindo a um destacamento de soldados romanos ou a um destacamento de soldados do templo, dentre os próprios judeus (ver “Os soldados que guardaram o túmulo de Jesus”, em Mt 28).

27.38 1Sm 53.12
27.39 Sl 22.7;
109.25; Lm 2.15
27.40 Mt 26.61;
Jo 2.19; v. 42;
Mt 4.3,6

27.42 Jo 1.49;
12.13; Jo 3.15
27.43 Sl 22.8

27.45 Am 8.9
27.46 Sl 22.1

27.48 v. 34;
Sl 69.21

27.50 Jo 19.30

27.51 Ex 26.31-33; Hb 9.3,8; Pv. 54

27.53 Mt 4.5

27.54 v. 36;
Mt 4.3; 17.5

27.55 Lc 8.23

27.56 Mc 15.47;
Lc 24.10; Jo 19.25

27.60 Mt 27.66;
28.2; Mc 16.4

27.63 Mt 16.21

27.65 v. 8;
Mt 28.11

27.66 Dn 6.17;
v. 60; Mt 28.2;
Mt 28.11

como acharem melhor”.⁶⁶ Eles foram e armaram um esquema de segurança no sepulcro; e além de deixarem um destacamento montando guarda,^v lacram^z a pedra.^a

A Ressurreição (Mc 16.1-8; Lc 24.1-12; Jo 20.1-9)

28.1 Mt 27.56

28 Depois do sábado, tendo começado o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria^b foram ver o sepulcro.

28.2 Mt 27.51;
Lc 20.12

28.3 Dn 10.6;
Mc 9.3; Jo 20.12

² E eis que sobreveio um grande terremoto,^c pois um anjo^d do Senhor desceu dos céus e, chegando ao sepulcro, rolou a pedra da entrada e assentou-se sobre ela. ³ Sua aparência era como um relâmpago, e suas vestes eram brancas como a neve.^e ⁴ Os guardas tremeram de medo e ficaram como mortos.

28.5 v. 10;
Mt 14.27

28.6 Mt 16.21

28.7 v. 10.16;

Mt 26.32

⁵ O anjo disse às mulheres: “Não tenham medo!” Sei que vocês estão procurando Jesus, que foi crucificado. ⁶ Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. ⁹ Venham ver o lugar onde ele jazia. ⁷ Vão depressa e digam aos discípulos dele: Ele ressuscitou dentre os mortos e está indo adiante de vocês para a Galileia.^h Lá vocês o verão. Notem que eu já os avisei!”

28.9 Lc 20.14-18

28.10 Lc 23.17;
Rm 8.29; Hb 2.11-13.17

⁸ As mulheres saíram depressa do sepulcro, amedrontadas e cheias de alegria, e foram correndo anunciá-lo aos discípulos de Jesus. ⁹ De repente, Jesus as encontrouⁱ e disse: “Salve!” Elas se aproximaram dele, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. ¹⁰ Então Jesus lhes disse: “**Não tenham medo. Vão dizer a meus irmãos^j que se dirijam para a Galileia; lá eles me verão.**”

O Relato dos Guardas

28.11 Mt 27.65;
66

¹¹ Enquanto as mulheres estavam a caminho, alguns dos guardas^k dirigiram-se à cidade e contaram aos chefes dos sacerdotes tudo o que havia acontecido. ¹² Quando os chefes dos sacerdotes

27.66 O lacre era um artifício de segurança, provavelmente um cordão preso à grande pedra posta na entrada (cf. v. 60) e ao sepulcro, com o selo romano impresso sobre a cera, fixando ambas as pontas, de forma que,

se a pedra fosse mexida, poderia ser detectada (cf. Dn 6.17). Os soldados de guarda eram uma segurança adicional.

28.2 Sobre os terremotos, ver nota em Zc 14.5.

NOTAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Os soldados que guardavam o túmulo de Jesus

MATEUS 28 Só Mateus menciona que os soldados vigiavam o sepulcro de Jesus.¹ Mateus 27.62-66 registra que os chefes dos sacerdotes e os fariseus² se lembraram da profecia do próprio Jesus, de que ele ressuscitaria, e, para justificar o pedido de uma guarda autorizada, expressaram a preocupação de que os discípulos poderiam roubar o corpo. A resposta de Pilatos, em 27.65, literalmente significa “Vocês têm uma guarda”, e por isso alguns estudiosos acreditam que a guarda em questão era a do templo, sob a jurisdição do próprio sumo sacerdote. Entretanto, o registro de 28.14 exclui essa possibilidade e aponta para uma guarda romana sob o comando direto de Pilatos. Além disso, não está claro o motivo de os chefes dos sacerdotes e os fariseus terem pedido permissão, quando eles mesmos poderiam ter designado

os guardas. Assim, o mais provável é que a frase de 27.65 deva ser interpretada desta maneira: “Levem um destacamento” (como na NVJ).³

O sepulcro de Jesus já estava lacrado por uma grande pedra (27.60), que era afixada com um selo oficial, que, se fosse quebrado, comprovaria a violação do sepulcro (cf. Dn 6.17).⁴ Mateus 28.11-15 relata que alguns dos guardas informaram a cena que haviam testemunhado e foram subornados para apresentar um relatório falso sobre a própria negligência e o roubo do corpo de Jesus. O boato resultante é refletido depois em João 20.2,15 e aparece mais tarde em Justino Mártir, no século II, no *Diálogo com Trifão* (108.2).

A preocupação dos romanos com a segurança do sepulcro é refletida numa

inscrição imperial contendo o título *Diatagma Kaisaros*, adquirida em Nazaré no século XIX.⁵ Trata-se de uma placa de mármore que contém 21 linhas de texto grego, datada entre 50 a.C. e 50 d.C. O texto confirma a santidade dos sepulcros e ameaça com pena de morte qualquer um que viole um sepulcro e remova o corpo. Os estudiosos consideram a possibilidade de que, levando-se em conta as perturbações entre os judeus e os cristãos primitivos sobre o que aconteceu com o corpo de Jesus, o *Diatagma Kaisaros* pode expressar uma resposta romana primitiva. Embora o estado atual da questão não permita certeza absoluta, a descoberta desse decreto autêntico empresta credibilidade histórica ao registro de Mateus.

¹Ver “Localização do túmulo de Jesus”, em Mt 27. ²Ver “Os fariseus”, em Mt 5. ³Ver “O exército romano e a ocupação da Terra Santa”, em At 27. ⁴Ver “Práticas judaicas relativas ao sepultamento”, em Lc 9. ⁵Ver “Nazaré”, em Mc 1.

A RESSURREIÇÃO DE JESUS

MATEUS 28 Os quatro Evangelhos afirmam com clareza que Jesus ressurgiu corporalmente dos mortos, porém diferem nos registros das aparições do Cristo ressurreto:

✦ Mateus 28.9,10 registra uma aparição de Jesus a Maria Madalena e “a outra Maria” (v. 1) perto do sepulcro vazio, seguido de uma manifestação aos Onze, que permaneceram na Galileia (v. 16,17).

✦ Os manuscritos mais antigos de Marcos, entretanto, não registram nenhuma aparição do Cristo ressurreto, embora um anjo assegure às mulheres no sepulcro que os discípulos o veriam na Galileia.

✦ Lucas concentra sua narrativa nas imediações de Jerusalém, quando Jesus se revela a dois discípulos na estrada para Emaús e depois a grupos maiores de seus seguidores em Jerusalém e em Betânia.

✦ João registra uma aparição a Maria Madalena fora do sepulcro vazio, duas aparições (talvez em Jerusalém) aos discípulos — uma vez com Tomé ausente e uma vez com a presença do discípulo — e uma aparição no mar da Galileia a vários discípulos que estavam pescando.¹

Estariam esses registros em conflito, como sugerem alguns estudiosos? A maioria deles é deixada sem referências precisas de tempo, assim não há necessidade de analisar a cronologia dos textos. Lucas, porém, parece indicar que as aparições do Cristo ressurreto e a ascensão ao céu aconteceram todas no mesmo dia, ou seja, no domingo de Páscoa, sem deixar espaço para as manifestações registradas em Mateus e João. Mas seria esse um problema insuperável?

É evidente que Lucas está interessado nas aparições em Jerusalém como uma transição de seu evangelho para o livro de Atos. Sem dúvida, as aparições aos viajantes de Emaús e ao restante dos discípulos devem ter acontecido no domingo de Páscoa (cf. Lc 24.13 com v. 33,36), porém há espaço para um intervalo cronológico depois de Lucas 24.43 (i.e., Jesus comeu com os discípulos, seguiu-se um período de tempo indeterminado e então ele pronunciou as palavras que começam no v. 44) ou depois do versículo 49 (i.e., Jesus encontrou-se com os discípulos e algum tempo depois os encontrou de novo em Jerusalém, levou-os a Betânia e ascendeu ao céu).

A semelhança de muitos escritores antigos,² Lucas não se preocupou em apresentar um registro exaustivo e cronológico em seu evangelho. É difícil imaginar que ele não tivesse conhecimento das tradições acerca das aparições de Jesus na Galileia, e não temos

razão para suspeitar de que ele as rejeitasse. Parece que ele simplesmente quis levar seus leitores diretamente de seu evangelho para os registros de Atos e que selecionou com cuidado, dentre as aparições do Jesus ressurreto, as que se concentraram na área de Jerusalém.

¹Ver “A pesca nos tempos do Novo Testamento”, em Lc 5. ²Ver “O valor histórico de Lucas—Atos”, em Lc 14. ³Ver “Historiadores do mundo antigo”, em Sl 132.



Restos de um sepulcro na Sefelá, em Israel

Preserving Bible Times; © dr. James C. Martin

EMBARQUE EM UMA VIAGEM AO PASSADO, PELAS TERRAS E ORIGENS DA BÍBLIA E TENHA UM ENCONTRO INESQUECÍVEL COM A PALAVRA DE DEUS.

A *Bíblia de Estudo Arqueológica* esclarece as origens da Bíblia, fortalecendo sua fé e abrindo novas perspectivas de conhecimento e compreensão do texto sagrado.

Com suas mais de 8 mil notas e 500 fotografias coloridas, a *Bíblia de Estudo Arqueológica* não apenas contém o texto completo da Bíblia, mas também permite que você entre de olhos abertos no mundo bíblico e entenda o significado, a relevância e a profundidade histórica, cultural e arqueológica das Escrituras.

Página após página, os recursos desta Bíblia de estudo única apresentam a você, com clareza sem precedentes, inúmeras descobertas arqueológicas.

Characteristics

- *Nova Versão Internacional* — a tradução mais lida e mais confiável
- Todas as páginas em cores
- Palavras de Cristo em vermelho
- Mais de 8 mil notas de rodapé que esclarecem tópicos históricos, arqueológicos e culturais.
- Mais de 500 artigos divididos em cinco categorias
- Cerca de 500 fotografias coloridas

Outros recursos:

- **INTRODUÇÕES DETALHADAS** a cada livro, incluindo cronologias e esboços úteis e fáceis de visualizar.
- **TABELAS DETALHADAS** sobre os tópicos mais importantes
- **CONCORDÂNCIA** e referências cruzadas, índices de assuntos e de tópicos e mapas coloridos

A *Bíblia de Estudo Arqueológica*
é publicada em parceria com o
GORDON-CONWELL THEOLOGICAL SEMINARY.



Nova Versão Internacional — A mais lida. A mais confiável.



www.editoravida.com.br



ISBN: 978-85-383-0274-2



9 788538 302742

MADE IN KOREA